



**Bibliotheca da Faculdade de Direito
DO RECIFE**

OBRA N. 12632
VOLUME

CLASSIFICAÇÃO

OBSERVAÇÕES

34221
D 585 e.

EXTRACTO

**DO REGIMENTO INTERNO DA FACULDADE
DE DIREITO DO RECIFE**

ART.º 92 — Os livros, revistas, jornaes, brochuras e manuscritos da Bibliotheca não poderão, sob pretexto algum, ser retirados para leitura fóra do estabelecimento.

ART.º 93 — No salão de deposito dos livros somente é permitido o ingresso aos Professores e Empregados da secção. Os chefes e Empregados de outras, os estudantes e o publico em geral serão attendidos no salão de leitura, mediante pedidos impressos que lhes foraccerão os Empregados de serviço

ART.º 95 — Ao Bibliothecario incumbe :

5) observar e fazer observar este Regimento e o Decreto n. 16782 A, mantendo rigorosamente a ordem, o asseio e o respeito em todas as secções da Repartição a seu cargo;

6) communicar immediatamente ao Director qualquer facto anormal que se dê em sua Repartição.

148
36

Almarche
from for cat

CURSO DE PHILOSOFIA DO DIREITO

DO MESMO AUCTOR

SCIENTIFICOS:

- GENESE HEREDITARIA DO DIREITO, Bahia, 1903
(Exgottado).
- O SENTIMENTO DA MORTE E A PHILOSOPHIA DOS
EPITAPHIOS, na revista *Os Annaes*, n. 81, 1906.
- OS INDIOS «CANELLA», 1902. (Artigos de jornal).

LITERARIOS:

- ETERNO INCESTO, Bahia, 1902 (Exgottado).
- SÉ BEMDITA!, Bahia, 1905.
- RAIO DE SOL, romance em folhetim do jornal
A Bahia, 1903.
- O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DO HELLENO-
LATINISMO EM LUCTA COM O GERMANISMO,
Bahia, 1903 (Exgottado).

EM PUBLICAÇÃO:

- CRISES, romance, em preparo na livraria Gui-
marães & C., de Lisboa.
- A PSYCHOLOGIA DO RUBRO, contos nephelibatas.
- SONHOS DE MEDUSA, romance.

0
3.15
56

ALMACHIO DINIZ GONCALVES

Lente substituto, por concurso, de philosophia do direito.



ENSAIOS PHILOSOPHICOS

SOBRE O

MECANICISMO DO DIREITO

O direito é uma das fórmulas da
mecânica geral dos mundos e uma
formula da lei universal de equi-
líbrio, com applicação nos organis-
mos sociaes.

TOMO PRIMEIRO



BAHIA

Typ. BAHIANA, de Cincinnato Melchiades

25—Rua do Arsenal de Marinha—25

1906

Se a apresentação d'este volume dar a
lugar a entrega do segundo, sob o
n.º 499.

Almeida

UNIVERSIDADE DO RECIFE
FACULDADE DE DIREITO
BIBLIOTECA

AL

4914		
20	6	49

Cad. Arquivo: 291782-IV.09

Ex: 490491460

illustre ju-
ista dr.
Arthur Orlando
offerenda
estudor

J. C. 10-8-906
Bahia

Ao DR.

Aurelino de Araujo Leal

jurista operoso e distincto amigo.

Bahia—1906.

Puca Chile, n.º 4, 1.º andar.

LINHAS PREMONITORIAS

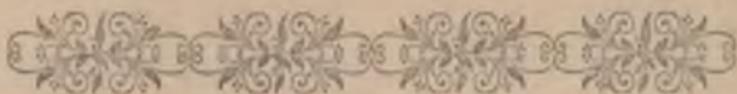
«Eis-te, emfim, preparado!»—D'ANNUNZIO.

ESTE livro é o producto de estudos consecutivos, feitos por quem confia, sómente, em seo proprio valor, cujas proporções escassas, provavelmente, não foram, ainda, auto-delimitadas. E' um livro, para o qual, o auctor foi todo zelos, todo carinhos, todo cuidados. E' a expressão mais lucida da ancia de saber e pesquisar os conhecimentos humanos, dominadora, em todos os terrenos, de quem o traçou, sem receios e sem titubeações.

Mas.... nada d'isto valeo, para que, correspondendo á bôa vontade do escriptor e revisor, saisse elle expurgado de falhas, completamente, como era de esperar. Ordinariamente, a preocupação do scientista, é maior do que a do estylista, bem como tambem é maior a do auctor relativamente a do revisor. Está porque, ao lado de ligeiros senões de trocas de letras e virgulas mal estacionadas, para os quaes se conta com a previa desculpa dos leitores, os—*Ensaio philosophico sobre o mecanicismo do direito*—accusam duas faltas maiores, que, com pezar, se registam, para a devida correcção.

Assim, na pagina 21, linha 24ª, onde se lê—*homonymos*—leia-se—*synonimos*; e, na pagina 167, linha 9ª, onde se lê—*mestre*, lhes aproveitam de preferencia;—leia-se—*mestre, as aproveitam de preferencia*.

E, depois d'estas linhas traçadas, não só para angariar-se a benevolencia do leitor amigo, como tambem para cortar o exito de fallazes accusações dos muitos que se hão de desgostar com a franqueza e o rigor da exposição que se vae ler, surge aos labios de quem escreve estas linhas, do proprio auctor do livro, nada mais do que a expressiva phrase do grande tragico italiano :
«Eis-te, emfim, preparado!»



PALAVRAS DO PRINCIPIO

No turbilhão das escassas idéas e das erradas conjecturas que fazemos, habitualmente, sobre os factos e os homens, que nos cercam, quando não somos de um rigorismo systematico, e intransigentes, peccamos por simples e condescendentes, isto é, por bondadosos, em demasia. Entre essas idéas e conjecturas vão cahir as falsas condemnações sentenciadas pelos adversarios das culturas philosophicas, inimigos acerrimos das conclusões victoriosas, conseguidas pelas humanidades fugidias do seculo que passou. Mas, a brilhante conquista dos nossos conhecimentos actuaes, despedaçando as trevas, que até aqui occultavam a verdadeira sciencia dos phenomenos universaes, reduzio os véos da ignorancia, apontando ao homem a sua origem puramente terrestre, e guiando-o para o traçado peremptorio das filiações, que o levam de sua personalidade physico-social ao infinito, incommensuravel e inexgottavel espaço, onde se distribuiram os seres do mundo sideral.

A philosophia tem, pois, a gloriosa valorisação de haver ligado o homem ao mundo cosmico que o cerca. Apesar das luzes, que ella derramou sobre a comprehensão dos homens, dilatando-a ao infinito, a metaphysica, ainda hoje, embarga-lhe o passo, embora que para ser brevemente sobrepujada e ultrapassada.

Neste inicio de seculo, em contrario da consagração que lhes é feita em todo o mundo civilisado, os estudos

philosophicos, especialmente os philosophico-juridicos, na Bahia, ou em certos Estados do Brasil, estão muito afastados ainda do ponto accessivel aos que têm, por dever de officio, de conhecel-os e cultural-os, como a base da mais proveitosa cultura intellectual. E assim, si de um modo geral são raros os que se dedicam ao desenvolvimento das idéas de philosophia, de um modo especial são verdadeiramente excepcionaes os que trabalham nas vastas searas da philosophia do direito, muito especialmente sob a sua feição hodierna. Accrescentemos que, além de poucos, esses ainda mais se inutilizam, reduzindo-se, por um dote que temos notado ser de todos os escriptores nacionaes d'aquella disciplina, a numero muito menor, que é o dos que escrevem sciencia facil, mas certa e bôa, para ser comprehendida e aproveitada por qualquer leitor.

Eis, pois, o movel directo d'esta publicação.

Antecederam-n'a, muito proximamente, tres reforçados volumes, dos quaes, um, por ser o do illustre lente cathedratico da cadeira de philosophia do direito, na Faculdade Livre, de que somos lente substituto, nos leva ao dever de algumas considerações. Estas, no emtanto, nada importando, podemos adeantar *ab-initio*, com a fôrma geral do livro, dizem respeito, immediata e profundamente, em nossa opinião, á sua essencia, que, pelo fim ao qual é destinada a obra, nada deveria dei-

zar de imperfecto, obscuro ou enganoso, no seo estylo ou na sua desenvolução.

Referimo-nos ao compendio—*Estudos de Filosofia do Direito*—que é dito pelo seo auctor, o luminoso scien-
tista LEOVIGILDO FILGUEIRAS—*dissertações redigidas de accordo com o programma de ensino da primeira cadeira do primeiro anno da Faculdade de Direito da Bahia.*

Contam, assim, com prioridade sobre os presentes ensaios, tres livros: os dos Drs. LAURINDO LEÃO, FARIAS BRITTO e LEOVIGILDO FILGUEIRAS. Todos elles confirmam, á guiza de inatacaveis, a asseveração de que é predicado dos nossos juristas philosophos a obscuridade do estylo, tanto maior quanto os assumptos, na quasi totalidade dos casos, se prestam a generalisações perigosas, porque, de ordinario, degeneram em nebulosidades e confusões imperdoaveis. Sem rigor, entretanto, poderíamos excluir d'entre elles o de FARIAS BRITTO.

Mas, os—*Estudos de Filosofia do Direito*—(relevemos a orthographia inexplicavel do auctor) são um livro para uso de estudantes, e, diga-se de passagem, para uso de estudantes que nada conhecem de logica ou de philosophia geral. De mais a mais, os compendios, na phrase de um celebrado educador, devem ser didacticos, muito claros, succintos e não enigmaticos, sem dissertações

difficultosas, ou distantes da comprehensão dos que se iniciam nos estudos de tal ou qual materia. E' o que se não dá, é obvio, no trabalhoso livro de LEOVIGILDO FILGUEIRAS. Ha, nelle, primordialmente, uma falha ainda maior: a falta de um plano geral, que regularise e harmonise as diversas disposições sobre as theses, que constituem objecto da difficil cadeira, habilmente collocada no primeiro anno do curso juridico; a falta de uma orientação, unica e precisa, que dê ao leitor o conhecimento exacto da concepção juridica do illustre cathedratico. Clarissimo é que, em compendios de outras disciplinas, ás vezes, de lucidos auctores, ha identico defeito. Não seremos nós quem negará essa verdade. Mas, é que nelles a preocupação de escrever para alumnos, abstrae o escriptor da força de vontade necessaria, para que no seo trabalho não anonymo, não se dilúa a responsabilidade de suas idéas, ou nullifique-se a sua competencia de professor. Ordinariamente, é influencia de escola philosophica. E no livro, ao qual oppomos este nosso, é influencia do que se quer chamar *naturalismo sufficiente*, cujo programma desfraldado por L. FILGUEIRAS, num outro compendio, de que o actual é uma reforma accrescida com elementos nullos, se resume nas palavras de W. NICATI: «Fragmento da Natureza, o espirito humano penetra e reflecte todas as suas partes pelo saber ou pelas relações que mantem consigo

mesmo e com o resto do Universo. Assim o exige a fé científica, a do *naturalismo sufficiente* de uma Natureza que se explica por si mesma». A causa alludida será, então, uma condemnável especie de nephelibatismo científico, que guarda até a extravagancia decadente e corrompida das letras maiúsculas, e da mistura perniciosa dos preceitos da sciencia com os mysticismos da fé...

Uma vez palmejado, não será o *naturalismo sufficiente* capaz de resistir ao monismo philosophico, que assenta, como é natural, sobre a theoria lamarckiana, a qual, todavia, não convem confundir, na sua feição de doutrina de simples descendencia—segundo a qual todas as especies animaes e vegetaes descenderiam de fôrmas communs muito simples, espontaneamente engendradas—com a theoria darwinica da evolução, que é um ajuste de lucta pela vida, selecção natural, transformismo e unificação das origens de um grupo de especies. Nessas *generalidades*, com os progressos continuos da sciencia, sempre *insufficientes*, é muito peccador o tal *naturalismo sufficiente*, e, entre os seus poucos adeptos, ha a confusão do dogma da fé com o raciocinio inilludível da verdadeira sciencia natural.

E' o que veremos, adeante, afastado do *magister dixit*, lavrando algumas notas, sobre as falhas menos

perdoáveis, ás margens das paginas dos—*Estudos de Filosofia do Direito*.

Com este pensamento, decididamente, elaboramos os nossos—*Ensaio sobre o mecanicismo do direito*—, cujo traçado geral é o que se segue, dividido em quatro partes—*Propedeutica; Generalidades; O direito; e O Direito Philosophico*—, por sua vez abrangendo as dissertações seguintes:

- O monismo universal.
- A philosophia.
- O methodo philosophico.
- A sciencia.
- O methodo scientifico.
- Theoria da evolução.
- O homem.
- A sociedade humana.
- O conceito scientifico das sociedades.
- A sociologia ou a sciencia superorganica.
- A relação de equilibrio social.
- O direito scientifico.
- A evolução do direito.
- A successão juridica.
- O direito philosophico.

Com essas idéas estaremos habilitados para o estudo da philosophia do direito propriamente dita, cujos assumptos distribuiremos:

A conducta humana.

A formula da justiça

Direitos naturaes.

Direitos psychicos.

Direitos patrimoniaes.

Direitos politicos.

A familia e o casamento—direito privado.

A classe e o constitucionalismo—direito publico.

O estado e o internacionalismo—direito internacional.

A igreja e o catholicismo—direito canonico.

A propriedade e o socialismo.

A successão humana.

O crime e a pena.

O direito therapeutico.

O direito comparado.

Fizemos as bases de nossa cultura scientifica, nas bellissimas e dominadoras sciencias, que ennobrece-ram DARWIN, HÆCKEL, LAMARCK, DELAGE, GRASSET, DANTEC e infinitos outros. E, sobre essas generalisadas construcções intellectuaes modernas, a philosophia, depois de KANT, COMTE, SPENCER, ARDIGÓ, CIMBALI e VANNI, estabeleceo os seus formidaveis arraiaes, de onde tem feito fogo de nihilisar as obsoletas guarnições do metaphysicismo, do absolutismo e quejandos credos philosophicos. Julgamos o dogma dispensavel, entre-

tanto, podendo existir com prejuizo da puridade scientifica. A nebulosidade, por maior que seja o nome dissendido do scientista, condemnamos por prejudicial ao desenvolvimento e percepção nitida das idéas. E, por isso, trabalhamos para que a formação d'este livro, nos seus estreitos limites, fosse muito san e muito rigorosa.

Si peccamos, fomos inconsciente no peccado. Resta-nos o consolo de HERBERT SPENCER:

«Doubtless in my works errors of construction are here and there to be found; but then I have met with no works in which errors of construction are not to be found. It is a question of frequency».

De resto, não pensamos, porque nelles não temos fé, nos preceitos religiosos, muitas vezes impostos, *à fortiori*, para a solução dos mais intrincados problemas scientificos, pelos que se habituaram ás allegações das crenças, que tudo crestam e arrebatam na sua faina macabra de delir para reconstruir, de derrocar, manhosamente, para reerguer a seo talante e a seo gosto, satisfazendo aos mesquinhos e menores caprichos intellectuaes dos crentes,—pelos que se habituaram, por isso mesmo, á ausencia do raciocinio, porque, na nossa opinião de livre pensador, e para o nosso uso, *«lá où commence la foi, la science finit».*

Não sabemos, porém, si assim orientado, desempenharemos, satisfactoriamente, a missão á qual nos pro-

puzemos. Mas asseveramos que todo o nosso esforço, todo o nosso escopo, foi sermos util, e que para isso trabalhamos com todas as forças de nosso espirito.

Como quer que seja, poderemos calmamente dizer, sem a empáfia que inutilisa outros muitos, poderemos animosamente repetir, para nós mesmos, as memoráveis palavras de CATÃO: «Não te deixes abater pela adversidade!»

Eis o primeiro periodo de nosso arduo sonho de sermos mestre.

Almachia Diniz.

Cajueiro do Canella (Bahia), 25 de março de 1906.

PRIMEIRA PARTE

PROPEDEUTICA

«A unidade da causa de todos os phenomenos do universo é uma *força* immanente, que, actuando de modo diverso, produz resultados differentes; de uma *força*, que agora se diz gravitação, logo ethero-dynamica, logo vida, logo razão humana».

OLIVEIRA MARTINS, *Anthropologia*.

O MONISMO UNIVERSAL

SUMMARIO: *Formação dos mundos.—Mundo sideral.—Nebulosas.—Theorias de KANT, HERSCHELL e LAPLACE.—Experiencia de PLATEAU.—Sociedade dos astros.—Systemas planetarios.—A terra.—O resfriamento.—O globo terrestre evoluindo.—O apparecimento da vida.—Geraçào espontanea.—Que é a vida?—Protoblastas.—Quadros evolutivos.—Evoluções parallelas.*

A crença na unidade da natureza, nessa vastidão insondavel e infinita que se chama espaço, é um producto radical dos conhecimentos perfeitos e immutaveis, que a astronomia, ou a cosmogonia, legou ao espirito humano. A producção de todas as fórmas sideraes, pela accumulacão de successivas modificações, accrescendendo, ás de hoje, outras tantas amanha, resultando d'ahi differenças, que se accentuam, de mais a mais, até á especificação grandiosa do universo, em partes differentes mas harmonicas, foi uma eloquente conquista da bella philosophia monistica, na apuração de que do vasio inicial, occupado pela distensão da materia imponderavel, intangivel, impalpavel—por causa de sua excessiva tenuidade—que se chamou ether, resultou a formação de uma outra especie de materia—ponderavel, tangivel, palpavel—evolutiva e movimen-

4

tada, pois que, de um nucleo—como de uma só cellula—em condições favoraveis, faz-se um ser, um homem, por exemplo, no decurso de alguns mezes, ou uma estirpe numerosa, passados annos,—originaram-se os systemas planetarios, que preenchem toda a illimitada vastidão do mundo sideral. D'esses factos se apurou que uma só cellula deo nascimento ao individuo humano; uma só cellula foi origem da raça humana; e, uma só cellula criou todo o universo, que nos admira e reduz á simples organização, que effectivamente somos, deante da immensidade ambiente, em que o nosso corpo mesquinamente desapparece.

Como se vê, foi a mesma particula de materia ponderavel, que, agitando-se no espaço frio e escuro, durante um tempo indeterminado, se transformou, por effeito dos movimentos de concentração, rotação e traslação, em corpo espherico, ou na primeira cellula de onde se desenvolveo todo o cosmos illuminado, em que gyra o nosso globo terraqueo. A concentração foi a causa da condensação, com o auxilio dos movimentos rotatorios, formando nucleos mais ou menos arredondados, de um grande brilho, onde a materia mais se agglomerou, constituindo verdadeiros centros de attracção. Taes phenomenos aproveitados pelo monismo naturalistico, para explicação scientifica do systema do universo, ainda agora são constatados pela astronomia, que encontra, ao alcance de seos telescopios, a materia ponderavel na gestação das nebulosas, dando ensejo, assim, a que, facilmente, se reconstitua um trecho poderoso da historia sideral.

No inicio dos mundos, em tempo certamente impossivel de ser numerado pelos algarismos da arithmetica ao uso dos homens, havia um *chaos gazoso* (KANT) no

qual a ponderavel se achava espalhada pelo espaço, apresentando, aqui e alli, pontos de forte condensação. E' bastante recordavel aqui a theoria de GUSTAVE LE BON sobre a evolução da materia, a qual se assenta na formação dos electrons, synthetisando-se numa contradicta *ao nada se perde, nada se cria na natureza*, de LAVOISIER, o que o illustre pensador enuncia—*tudo se perde, nada se cria*. Voltando, porém, aos primordios, o movimento sympathico da attracção, que une os seres da mesma especie—pela conjugação; as moleculas—pela cohesão; e os atomos—pela affinidade, effectuou um impulsionamento geral em toda a materia ponderavel, uniformemente distribuida nas vastidões infinitas, fazendo d'aquelles pontos de condensação innumerous centros de formação, que agruparam, em torno de si, toda a materia ambiente, por effeito do mesmo movimento de que elles foram dotados, ou seja o das moleculas em torno de seo proprio eixo. Os embates foram vivos, terriveis e eternos, pois, terriveis revoluções se disseminaram por toda a parte, havendo, consequentemente, despedaçamentos e desmembramentos da materia, que se desdobrou, de pronto, em fachos isolados e independentes, afastados por grandes e, á primeira vista, incommensuraveis espaços vassios, astromonicamente chamados *saccos de carvão*. Esses fachos foram as nebulosas, que soffreram, como já referimos, novas concentrações, até estas cercarem os nucleos, fazendo-os illuminadas estrellas nebulosas, já, mais ou menos, devido á rotaçào, com a fôrma espherica. Eis ahí o nucleo central, de que se derivaram os numerosos astros, que povoam o universo, segundo as theorias de KANT, de HERSCHELL e de LAPLACE, comprovadas por uma grande experiencia, feita, com um successo uni-

versal, por PLATEAU. Aquelle nucleo—uma nebulosa incandescente, de fôrma lenticular—girava em torno de seo eixo, o que trouxe o achatamento dos pólos, tanto maior quanto era mais rapido o movimento rotatorio, isto porque, como é sabido, toda a massa fluida voltando em torno de um eixo toma a fôrma de um ellipsoide. O resfriamento, nessa primeira esphera, foi inevitavel, e começou pela parte mais densa e mais central, sendo tão accentuado que produziu uma divisão da massa. Assim, as zonas periphericas não mantiveram uma attracção capaz de contrabalançar-se com a força centrifuga. Ellas abandonaram a parte central, que se contrahio em um globo menor, conservando a mesma fôrma lenticular da primeira esphera, e formaram um annel ou uma facha, que conservou o seo movimento original de rotação. A destacar especificações, na despreendida nebulosa, a rotação nuclear augmentou, em velocidade, na razão directa da diminuição de seo volume, que era progressiva, mas conservando, bem como a facha peripherica—tal qual ainda hoje se vê no annel de Saturno—a mesma direcção de movimentos. Essa desuniformidade de rotação entre o nucleo e o annel, trouxe, ao par de um resfriamento desigual, o rompimento da facha que se separou da esphera, indo, fragmentadamente, constituir novos globos, onde esses phenomenos se reproduziram sempre que as condições que presidiram á formação do primeiro annel se refizeram. A mecanica imperiosa mostra, exuberantemente, que os novos globos formados pela segmentação da esphera central, estiveram dotados de dois movimentos especiaes, além de seguirem a mesma direcção do astro gerador: o de traslação, ou o giro da massa externa em torno da interna, e o de rotação, em torno

de seu proprio eixo. Ora, desde que augmentava a concentração nuclear, o que deve ter occorrido? O crescimento da velocidade, pelo que, na mesma esphera nuclear, o phenomeno dos anneis póde ter sido iterativo, um sem numero de vezes.

Tal é a origem dos nove planetas, que trasladam em torno do sol illuminador da terra em que habitamos. Comtudo, somos levado a crer que não foi o despreendimento successivo de anneis do astro central, que forneceu os planetas alludidos, mas sim o fraccionamento irregular do anel primeiro, de onde a desigualdade das dimensões respectivas. Assim, de um lado; por outro, dos planetas se derivaram, pela especificação material das nebulosas primitivas, nelles reproduzida, os satellites—astros solidos, esphericos, que trasladam em torno dos planetas, como a lua em torno da terra, sem calor nem luz propria. Dos satellites innumerous outros astros vieram, e assim formaram-se os mundos, de que é parte minima a terra, de onde, estudando-se os céos, se tem verificado, nos phenomenos alli desenvolvidos, toda a demonstração brilhante das theorias de KANT, de HERSCHELL e de LAPLACE, desde os diversos periodos da condensação das nebulosas, até ás similhaças entre os planetas e os satellites, ou a forma natural do anel de Saturno.

A materia é, pois, uma e unica, não sómente no systema solar, mas tambem em todo o espaço, onde está o ether, a cousa primordial, dotada de qualidades, como elasticidade, rigidez, viscosidade, etc. E todas as autorias modernas assim consagram, quer SPENCER, pelo seu evolucionismo, com a passagem do homogeneo para o heterogeneo, quer ARDIGÓ, considerando o systema solar como uma formação obtida por meio da

distincção, quer HÆCKEL, estabelecendo a magestosa filiação de todos os phenomenos, factos, seres e idéas, tal como vimos enumerando, quer, talvez, os *oddistas*, chefiados por GRASSET, encontrando nas pedras não sómente a vida, mas a doença, a velhice e a morte (J. CARDON).

Sem embargos dos arrojados carolismos, o planeta em que vivemos, em virtude da irradiação do calor no espaço, cuja temperatura é igual, quando nada, á mais baixa encontrada sobre a superficie da terra, cedeo ao imperio do resfriamento, fazendo-se uma crosta solida sobre o centro de fogo ou materia candente, devendo-se crer que a solidificação das materias fundidas ou em estado de fusão, é tanto mais abreviada quanto menor é o volume do corpo, razão pela qual foi, relativamente aos demais planetas do nosso systema solar, mais rapida a solidificação terrestre, distribuindo-se em uma esphera conhecida sob o nome de primitiva, e caracterizada pela existencia de quatro mineraes—silica, aluminio, potassio, sodio—formando innumerous silicatos simples e duplos, partes integrantes das rochas primitivas. Sobre as infinitamente variadas rochas d'esse primeiro periodo, depositaram-se, durante seculos de determinação impossivel, outros terrenos, todos classificando-se na seguinte ordem, que se deve a ERNEST HÆCKEL, sob a tecnologia de *Serie Systematica*: Edades: I Primordial, ou archeozoica, ou archeolithica, subdividindo-se nos terrenos—Laurenciaco, Cambrico, Silurico; II Primaria, ou paleozoica, ou paleolithica, com os terrenos—Devonico, Carbonifero, Permico; III Secundaria, ou mezozoica, ou mesolithica, com os terrenos—Triassico, Jurassico, Cretaceo; IV Terciaria, ou neozoica, ou neolithica, com os terrenos—Eoceno, Meo-

ceno, Plioceno ; V Quaternaria, com os terrenos—Alluvio, Diluvio. Por melhor e mais acabada que seja, não é infallivel, porém, em qualquer ponto do globo terraqueo, a serie descendente d'esses terrenos, tal como a enunciou o grande naturalista do monismo universal. Bem se póde assegurar, como fez OLIVEIRA MARTINS, que as folhas da historia geologica existem dispersas por toda a superficie da terra, e que o indice dos tempos constróe-se com os fragmentos que a natureza offerece para cogitação da sciencia. Outrosim: que na superficie do globo apresentam-se desordenadamente espalhados, e até inversamente sobrepostos, ás vezes, os extractos de todas as edades geologicas; porque nem a disposição d'elles foi constante em toda a parte, antes, pelo contrario, infinitamente variavel, nem as estratificações, uma vez acamadas, puderam sempre existir quietas, sem a intervenção imprevisita de causas accidentaes, eruptivas ou erosivas (OLIVEIRA MARTINS).

Haverá, por acaso, quem duvide da existencia do fogo, no interior da esphera terrestre, depois de estudar e comprehender, o sufficiente, os phenomenos vulcanicos, a erupção de materias mineraes em ignição, ou a elevação de temperatura á medida que mais se descer para o centro da terra, obtendo-se um calor de 1500° para uma distancia de seis milhas, ou para a 286ª parte do diametro terrestre? Haverá quem conteste a existencia d'aquelles diversos periodos da esphera solida, si, embora aqui ou alli, se encontram as provas materiaes de sua composição mineralogica, ou os vestigios das vidas, mais ou menos rudimentares, mais ou menos desenvolvidas, que são os caracteristicos d'elles? A sciencia é magestosa quando se ampara da observação para constituir o seo plano de disciplina ou de syste-

matisação. Como, entretanto, appareceram os diversos terrenos que se superpuzeram á esphera primitiva?

Para chegar-se ao conhecimento d'esse factó, que se deo, conjunctamente, pela decomposição das rochas, pelo deposito de novas materias solidas, que ficaram por muito tempo em estado de suspensão na athmosphera, pela acção da agua que descansou sobre a parte resfriada, e pelos depositos de materia organica, consequentes da vida que appareceo posteriormente, não é preciso grande esforço de observação scientifica. A decomposição das rochas periphericas, talvez, tenha sido uma das mais importantes causas das formações superiores, o que acontecia ao mesmo tempo em que a esphera solida se espessava com o maior resfriamento interior, que até agora não foi total, nem, por muitos seculos ainda, o poderá ser. Emquanto isto, foram, como continuam a ser de somenos importancia, a modificação e o crescimento externo da crosta terrestre, pelo deposito de materia organica.

Quando se resfriou a primeira porção da esphera solida, e descendo a temperatura ambiente até um certo gráo, houve o *primeiro apparecimento da agua*—com o qual, ao mesmo tempo que apparecia a vida, se formava outra esphera superposta, a *liquida*; sobre esta que tanto se expandio, distendeo-se uma terceira, a *solida*; e, finalmente, sobre esta, uma quarta, a *gazosa*, como os quatro elementos fundamentaes da terra: o fogo, o solo, a agua e o ar. «Até então, escreveo HÆCKEL, a agua tinha fluctuado no estado de vapor no seio da athmosphera. Evidentemente para que a agua pudesse passar ao estado liquido, era necessario que a temperatura athmosphérica se abaixasse notavelmente. Então começou um novo arranjo da superficie terrestre pela

acção da agua. Cahindo sob a fórma de uma chuva perpetua, essa massa de agua desfazia, nivelando-as, as saliencias da crosta terrestre. O lodo assim arrasado completava os vallados. Depositava-se por camadas e constituia essas enormes formações neptunianas da camada solida, que desde então engrandeceram-se sem interrupção...».

Continuava a ser tudo effeito de uma só causa ou de uma lei unica, á qual se reduzem todos os principios de organisação e de desorganisação universal—o movimento. Por isso mesmo veio a vida que não é um simples movimento de composiçào e de decomposiçào continuas e simultaneas no seio de substancias plasticas, ou de elementos anatomicos figurados, os quaes sob a influencia d'esse movimento intimo, funcionam conforme a sua estructura (CHARLES LETOURNEAU). Não estará ahí a verdadeira comprehensào do phenomeno vital, em si, que tambem não póde ser, segundo quiz HERBERT SPENCER, o accordo continuo das relações interiores com as relações exteriores, o que seria pura metaphysica. Alli se define, muito abstractamente, um phenomeno que paira muito acima dos factos por elle lembrados, tornando-se uma definiçào de uma generalidade tão vaga, que «elle peut aussi appliquer à certains phénomènes chimiques continus».

No emtanto, como se formou a vida no universo?

Pelo movimento, responderemos prontamente. O astro que gira e que se reproduz, pela separaçào de seo annel, é um ser vital, de onde a separaçào da vida inorganica. O vegetal ou o animal, o mono ou o poly-cellular, que se forma, cresce e morre, é um ser vivo, de onde a especificaçào da vida organica. A sociedade, que se cria da especificaçào de funcções de seus orgãos,

gozando das regalias de reprodução, é um ser biológico, de onde a vida do mundo superorganico. Da vida anorganica, pois, descendeo a organica, como d'esta a superorganica.

Mas, uma vez descendente da anorganica, como e quando se manifestou, primeiramente, a vida organica?

Eis como se explica ERNEST HÆCKEL a este proposito: «Quando a crosta terrestre foi resfriada, quando a agua passou ao estado liquido, quando a crosta terrestre, até então arida, recobrio-se de agua liquida, appareceram, então, os primeiros organismos. Com effeito, todos os animaes, todas as plantas, todos os organismos, em geral, são constituídos em grande parte, ou mesmo, na maior parte, pela agua no estado liquido, que se combina de uma maneira especial com os outros materiaes e os mantem no estado de aggregados semi-líquidos». Cremos indispensavel adeantar outras opiniões. O apparecimento da vida organica foi explicado, por LAMARCK, com a hypothese da geração espontanea ou archegonia. O pensamento de DARWIN a esse respeito ficou expresso na seguinte phrase: «Admitto, verosimilhantermente, que todos os seres organisados, vivendo sobre a terra, descendem de uma forma primitiva qualquer, que o Creador animou com o sopro da vida». Contra a pretendida seriedade d'esse modo de ver, nada natural num sabio da grandeza de DARWIN, o famoso HÆCKEL oppoz o seu pensar: «Aquelles, cujo coração tem a necessidade de crer em uma criação sobrenatural, poderão achar um refugio nessa interpretação. Pode-se conciliar essa crença com a theoria da descendencia; com effeito, criar um só organismo primitivo capaz de engendrar todos os outros, pela herança e adaptação, é realmente mais digno do poder e da sabe-

doria do Creador, do que suppor que elle criou successivamente, e uma a uma, as numerosas especies com que a terra está habitada». Effectivamente, a explicação de DARWIN é imperfeita e metaphysica. Deixará de ser, por acaso, a de ERNEST HÆCKEL? Assim não pensamos, e convictamente. Não é possível que, com uma absurda hypothese, formulada ou acceita para manter, na theoria evolutiva, «uma cohesão mais simples e mais natural», se preencha o vacuo da ligação na escala do anorganico para o organico. A geração espontanea, servindo de «origem ás primeiras moneras», contradiz o *fieri* monistico do universo, que encontra solução na «unidade da natureza organica e inorganica», na «conformidade essencial dos organismos e anorganismos, sob a triplice relação da materia, da fórma e da força», e na reunião de quatro elementos espalhados na agua superposta á camada resfriada d'este globo terrestre—o carbono, o oxygenio, o hydrogeneo e o azoto. Haveria, porventura, geração espontanea, ou, menos absoluto, formação espontanea, na rocha que se compoz dos quatro minereos—silica, aluminio, potassio e sodio—ou a mesma força organisadora que reunio esses tres minereos, formando um composto differente, foi a mesma que aproveitou o carbono, o oxygenio, o hydrogeneo e o azoto para constituir o protoblasta? Qual a espontaneidade do phenomeno vital, si elle era uma das modalidades das combinações e decomposições havidas por effeito da força geral de movimento, sem a qual não poderia a vida ter existido? E' o proprio HÆCKEL quem nos dá a ler: «A formação do primeiro organismo ás custas da materia anorganica parece muito mais admissivel, muito mais intelligivel do que parecia, quando se levantava, entre a natureza organica ou viva

e a natureza anorganica ou sem vida (?), um muro de separação intransponivel». A espontaneidade comprehender-se-ia, si a vida, sem precedentes vitaes de especie alguma, se manifestasse, bem como si acontecesse, no pleno espaço, longe de qualquer astro, sem obedecer á influencia da força que gere e beneficia o mundo, os quatro elementos primordiaes formassem uma monera ou um cytoide qualquer, ou, na epoca actual, fosse feita, á parte da escala evolutiva, o renascimento da vida para desenvolver uma escala parallela á actual, composta, por derivação, de «todas as numerosas especies com que a terra está habitada».

A primeira vida, entretanto, o protoblasta, que deve ter sido um cytoide, ou, um organismo privado, absolutamente, de órgãos, constituido por um simples composto chimico, e dotado, no emtanto, da faculdade de crescer, nutrir-se, e reproduzir-se, não foi espontanea. Cedeo ao impulso geral de movimentação construidora, que dominava, como ainda domina, em gráo mais elevado, o nosso mundo. Pode-se ter um exemplo digno no *bathybius hœckelii*, que tem sido contestado, mas que existe, realmente, tal como o descobrio e descreveo HUXLEY—habitando, como diz o seo proprio nome, grandes profundidades aquosas, sendo grumos mucilaginosos, uns de fórmula arredondada, outros amorphos, formando, ás vezes, tecidos viscosos, que recobrem fragmentos de pedras ou outros objectos.

Quem poderá precisar o tempo gasto pelo protoblasta para viver e segmentar-se nos dois plastides—phitoblasta, que originou o reino vegetal, e zooblasta, que formou o reino animal?

Todavia, d'essa protoblastia se derivou todo o mundo organico. As novas especies animaes e vegetaes

provieram umas das outras, pela «acção combinada das leis de herança e de adaptação». Não cremos, porém, na bilateralidade do imperio organico, senão como fazendo raios excentricos de uma mesma esphera, levada pelo evolucionismo natural, ao plano d'aquella de raios infinitos que PASCAL imaginou. Todos esses dados, sobre a paleontologia organica, deram a ERNEST HÆCKEL, azo para estabelecer a genealogia humana, em vinte e um grãos, como se vêm: 1.º monera; 2.º amceba; 3.º morœa; 4.º blastœa; 5.º gastrœa; 6.º turbillarius; 7.º escolecidius; 8.º cordonius; 9.º acraneus; 10.º cyclostomus; 11.º selatius; 12.º depneusta; 13.º sozobranchius; 14.º sozarius; 15.º protamnius; 16.º promammalis; 17.º marsupius; 18.º prosimius; 19.º monocerquiuis; 20.º anthropoide; 21.º pithecanthropus. Então, vem o 22.º grão—hominus. D'essa fórma, a escala viva tem a sua historia, que é essa evolução phylogenetica, que ahi fica, a qual corresponde o seguinte quadro ontogenetico: 1.º grão, monerula; 2.º amebula; 3.º morula; 4.º blastula; 5.º gastrula; 6.º chordonius; 7.º acraneus; 8.º monorrhinius; 9.º ichtoide; 10.º amniota.

Devemos explicar que a correspondencia d'essas duas escalas—ontogenetica e phylogenetica—evolução do embrião humano e evolução dos antepassados do homem—é real, e, sobre ella, HÆCKEL formulou a sua lei de biogenia fundamental.

Tal é o estado da natureza para os monistas. Tal é o monismo universal, conforme o qual a natureza é um todo, unitario, um *monon*, cujos phenomenos estão ligados por laços etiologicos, e presos numa grande cadeia, da qual o homem é o problema actual, ao mesmo tempo, que é um dos factores dos superorganismos.

Ahi está em que se funda a philosophia dos mundos.



MONISMO NATURALISTICO

SUMMARIO: *O monismo naturalistico ou o mecanicismo. — Historia da creação natural. — ERNEST HÆCKEL. — O darwinismo. — Monismo e dualismo. — Através dos tempos. — Concepção monistica da natureza por GOTTFRIED. — O cósmos, o organico, o psychico e o social. — Transformação do monismo em religião. — A egreja monistica. — SYLVIO ROMÉRO.*

Foi com os trabalhos de DARWIN, agrupados no livro— *A origem das especies*—, que nasceu a hodierna orientação philosophica dos mundos, a qual, muito bem se póde dizer, não deixando que o homem se distinga do resto do universo, tem por ponto capital a lucta pela existencia, de que adeante nos occuparemos. Mas, uma vez constrangido o scientista a repudiar, com a reforma da sciência trazida não só por aquelle livro, como tambem pelo— *A origem do homem*,—a opinião teleologica, que dava as fórmas animaes e vegetaes como obra de um omnipotente creador, que fez o homem á sua imagem e perfeição; a opinião assim dita vitalista, a sciencia estabeleceo a concepção do universo pelo monismo ou mecanicismo. Então, oppondo-se ao dualismo contido em toda a explicação teleologica do mundo, a theoria monistica, ou unitaria, ganhou fôros de verda-

deira, não merecendo contestações serias por parte de chimicos e physicos, que, aliás, a acceitam sem uma articulação, siquer, em contrario.

Por isso, diz ERNEST HÆCKEL: «Os phenomenos d'esta natureza são considerados geralmente e sem contestação como o producto necessario e incontestavel das forças physico-chimicas inherentes á materia: esta concepção é, pois, puramente materialista, tomando em um certo sentido essa denominação equivocada. Quando o physico estuda, quer os phenomenos do movimento na electricidade e no magnetismo, quer a queda de um corpo pesado ou as oscillações das ondas luminosas, está bem longe de chamar em seu auxilio, nesse trabalho, a intervenção de uma força creadora sobrenatural. Até aqui a biologia, considerada como a sciencia dos corpos ditos *animados*, se achava sob esta relação em completa opposição á sciencia dos corpos denominados *anorganicos*». Entretanto, podemos facilitar a conclusão do grande sabio, depois do mecanicismo, inverteram-se as situações de opposição, e as sciencias todas estão submettidas ao processo historico comparativo, isto é, encadeando-se natural e logicamente, num respeito absoluto á velha paremia latina, devida á erudição de escriptor antigo—*natura non facit saltus*.

Dupla vantagem trouxe, pois, para a sciencia moderna, o monismo naturalistico ou o mecanicismo, que, como apontamos acima, se estribou, especialmente, na theoria da descendencia de DARWIN: 1.ª facilitar a systematisação genealogica dos mundos e dos respectivos seres; 2.ª explicar a formação do universo, sem a intervenção do poder divino, com designios preconcebidos e planos sobrenaturaes.

Ainda hoje, depois d'esses progressos da philosophia geral dos mundos, mantêm-se retrogradados no proposito de negar a doutrina mecanica das funcções geradoras da vida, recorrendo ora á divindade, aos recursos omnipoderosos de um Deus pessoal, ora á extravagancia da *vis vitalis* ou da *causa finalis*. Sim, como muito bem diz HÆCKEL, «a theoria evolutiva exposta por DARWIN», e que nos vae occupar sob a technologia de—*historia da criação natural*—conforme a denominou o professor de Iena, «essa theoria, que GÖETHE e LAMARCK já tinham formulado, conduz, necessariamente, si a seguirmos em suas consequencias logicas, a admittirse a concepção mecanica ou monistica». Em que consiste, porém, essa concepção monistica ou mecanica do universo? Na apresentação de uma só causa para os mundos, a qual, desenvolvendo-se, uniformemente, trouxe a determinação da grande verdade de que o universo é um todo, um *monon*, cujos phenomenos estão ligados por um laço etiologico, todos elles, sem excepção, obedecendo a leis fixas e immutaveis, que regulam e presidem, indistinctamente, as vidas cosmica, organica, psychica e superorganica, ou social.

Como todos os systemas philosophicos de até agora, entretanto, que foram baqueando quasi que com os seus proprios auctores, o monismo contará com elementos de vida, ou terá a passagem ephemera dos outros? poderão rarear-lhe as provas, si ao seo serviço está aberto, livremente, o grande livro da natureza, cujas paginas desimpedidas vão sendo, com enormissimo proveito, folheadas, não pelos transcendentalistas e anthropomorphistas, mas sim pelos observadores e experimentadores da propria natureza, que encontram uma comprovação em cada folha, que voltam ou

inspeccionam? poderá fracassar a premissa da unidade de causa e fatal correlação de efeitos, que, neste sentido, se encadeiam e se filiam, sem saltos, sem falhas, sem lacunas, quando as conclusões, obtidas por iterativas analyses e observações, desbancando o dualismo passado, estão conformes, em linhas e pontos, com a grande premissa, com a verdade primeira? quebrar-se-á, porventura, a magestosa integridade filiativa da escala animal, conhecidos como vão sendo os minimos periodos de transição das especies? não servirá de ligação entre os imperios organico e anorganico a fôrma rudimentar da vida organica, que é o *protobathybius* de BRESSELS, ou o *bathybius hœckelii*, de HUXLEY?

Estes factos todos, embora de character geral, deixam verificar-se a exactidão do monismo naturalistico de ERNEST HÆCKEL; deixam-nos a convicção de que a natureza é, effectivamente, um todo unitario, cujos phenomenos encadeados só podem ter sido gerados por uma mesma causa, que, aliás, se encontra, vantajosamente, na genese e desenvolvimento de qualquer phenomenisação; e, que esta causa é, incontestavelmente, o movimento, pelo que os monistas são tambem mecanicistas. Oppomo-nos, assim, ao operoso philosopho brasileiro SYLVIO ROMÉRO, que, num livro de combate, escreveo, arrojadamente: «Bem desorientado anda, pois, o juizo de certos extravagantes que andam ahi a confundir *monismo* com *mecanismo*, dando-os como uma e a mesma cousa». E o que são o monismo e o mecanicismo de HÆCKEL si não uma e a mesma cousa, pois que o sabio allemão, no seo verdadeiro systema philosophico, que é a grandiosa historia da criação dos mundos, nos deixou a comprehensão infallivel e certa de que os phenomenos, si estão encadeados, obedeceram

á mesma causa geradora, que é o movimento, de onde as denominações de *monismo* e *mecanicismo*? Quando não bastasse essa explicação fundamental, teríamos, para suffragar a certeza da homonymia da concepção de HÆCKEL, a sua vontade de chamar *mecanicismo* ao seo *monismo*. Assim é que se nos offerece ensejo de duas transcripções, colhidas ambas no livro—*Historia da criação natural ou doutrina scientifica da evolução*: «... então, nos é necessario, decididamente, acceitar a concepção do universo chamada *mecanica* ou *causal*. Póde-se tambem chamar essa maneira de ver *monistica* (de *monos*, gr., só) ou *unitaria*, em opposição á opinião *dualistica* implicitamente contida em toda a explicação teleologica do mundo» (Op. cit., pag. 16); «Ao contrario, a theoria evolutiva exposta por DARWIN e da qual nos occuparemos aqui chamando-a *Historia da criação natural*, esta theoria, que GÖETHE e LAMARCK já tinham formulado, conduz necessariamente, si se a seguir em suas consequencias logicas, a admittir definitivamente a concepção *monistica* ou *mecanica*» (Op. cit., pag. 26). Ora, não escudados em forte razão scientifica, e não apoiados com a opinião do auctor da theoria monistica ou mecanicista do universo, errarão, não os que usarem como homonymos os dois termos, mas sim os que contra esse uso se levantarem.

E, si assim não fosse, que novidade haveria no monismo universal de HÆCKEL, visto como, limitando-se á causa unica, mas extranha ao proprio phenomeno, não sendo tambem o movimento, já haviam existido idéas monisticas em remota antiguidade?

Realmente. As primeiras manifestações da tendencia monistica entre os povos, se encontram na philosophia da Grecia antiga, naquelle tempo em que fulgurou a

architectonica das idéas, agora mesmo relatada por PRADO SAMPAIO, como base para estudos sobre a philosophia do futuro. Os Jonios, os Pythagoricos, os Eleatas e os Atomistas, inclinaram-se para dar uma formula unitaria, ou universalista, ou, ainda, monistica, a todo o universo, indo buscar, ora a agua, ora o fogo, ora o numero, o ar, o ser unico, a idéa e o atomo, para preencher as funcções de poder creador. Escreveu-se algures: «O monismo é das mais antigas creações da intelligencia philosophica na humanidade. Ha cincoenta interpretações diversas do monismo; ha monismos idealistas e os ha materialistas. Para bem nos convençermos d'isto, é bastante dizer que o budhismo é monista, como o é a philosophia de DEMOCRITO; que as doutrinas mais divergentes, como a dos Jonios e a dos Eleatas, como a de FICHTE e SCHOPENHAUER, como a de HEGEL e a de HÆCKEL, são monisticas, isto é, explicam todo o assombroso desenvolvimento do universo, appellando para um só ente, uma só substancia que evolúe. Ha monismos teleologistas, como o de HARTMANN, e monismos mecanistas, como o de BUCHNER» (SYLVIO ROMÉRO). E, trecho adiante, continúa-se: «As duvidas começam quando se trata de determinar qual seja esse *ser unico*, pae do monismo. Os Eleatas chamavam-n'o o *Um*; mas quem é o *Um*? Será o *ether*? será o carbono? Será o atomo? será uma massa qualquer? será o numero? será a força? será a idea? será o eu? será a vontade? será o inconsciente? Todos estes entes e cem outros têm sido chamados para representar o ponto de partida, a grande origem do universo». Vemos bem, por essas transcripções, que o auctor dos—*Ensaio de philosophia do direito*—é superficial, ou confuso, na comprehensão scientifica e historica do mo-

nismo de HÆCKEL, armando, aliás, desageitadamente, uma paridade, além de artificial, ôca e sem bases, entre o monismo de causa e o monismo verdadeiro de causa e efeitos. Essa superficialidade do infatigável escriptor, ainda mais, degenera em incongruência, quando elle nos vem affirmar que «o dualismo é aquelle systema, que assignala ao mundo uma causa, uma origem, fóra d'elle». Ora, de todos os monismos, só o mecanicismo de ERNEST HÆCKEL escapa de, por esta definição certa do dualismo, ser dualista, isto é, de assignalar ao phenomeno uma causa, uma origem, fóra d'elle. Para o mecanicismo do professor de Iena, não mais acontece que «um physico ou um chimico, um mineralogista ou um astronomico, invoque ou imagine, para explicar os phenomenos que se lhe offerecem em seo dominio scientifico, a actividade de um creador, demandando um fim dado». O phenomeno produz-se por influenciação da lei geral dos mundos, pela lei universal do movimento, segundo o monismo de HÆCKEL, que preside a formação dos mundos, transmittindo-se, geradoramente, de phenomeno a phenomeno, numa uniformidade cabal de causa e effeito.

O monismo teleologico sempre existio, até mesmo sob a feição de mecanismo, mas não de mecanicismo. Já DEMOCRITO D'ABDÈRE, fundador do atomismo, na Grecia, perto de 500 annos antes de nossa éra, defendia proposições fundamentaes do actual mecanicismo, perdendo-se a sua theoria por dar demasiado prestigio ao atomo, como causa geradora dos phenomenos.

Tendo fracassado, no emtanto, as tentativas todas dos philosophos hellenos, nada ainda vingou sob o dominio intellectual dos scepticos e dos sophistas. Mudando-se, pois, os methodos de observação do mundo,

com SOCRATES, ARISTOTELES e PLATÃO, as idéas e os conhecimentos prevaleceram sobre os phenomenos, sobre o cósmos, emfim, apparecendo, mais forte que a do monismo, a correnteza philosophica do dualismo.

Depois d'essa epoca, porem, o maior theorista sobre o monismo, foi GIORDANO BRUNO, queimado pela Inquisição, em virtude de suas idéas philosophicas, em 17 de fevereiro de 1600. Outrosim, através dos tempos, o monismo e o dualismo vieram luctando, e só com a historia da criação dos mundos formulada por HÆCKEL, o monismo derrotou, por completo, o dualismo. Disse o auctor allemão, sobre a influencia do darwinismo para o successo do mecanicismo: «Graças á theoria da descendencia, ficou-se, pela primeira vez em condições de fundar-se a doutrina da unidade da natureza sufficientemente bem, para que a intelligencia de todos possa explicar por causas mecanicas os phenomenos complicados do mundo organico, tão facilmente quanto um acto physico qualquer, por exemplo, os tremores de terra, a direcção do vento, ou as correntezas maritimas». D'ahi o prestigio do darwinismo, ou da theoria da descendencia, no dominio do monismo naturalistico.

Na evolução embryonaria do monismo ou mecanicismo, como theoria philosophica, não se pôde esquecer a concepção monistica da natureza de GOTTFRIED-REINHOLD TRÉVIRANUS, em que se estabeleceo, claramente, um *laço causal universal*, ou uma connexão etiologica unitaria, como disse HÆCKEL, entre todos os membros e todas as partes do universo. Diz bem a concepção monistica de TRÉVIRANUS, o trecho seguinte que destacamos de seu livro—*Biologia ou philosophia da natureza viva*—: «O individuo vivo depende da especie, a especie depende do genero, este depende de toda a

natureza viva, e esta ultima, por sua vez, depende do organismo da terra. O individuo possúe, pois, uma vida que lhe é propria, e, sob esta relação, constitue um mundo particular. Mas, por isso mesmo que a sua vida é limitada, constitue elle tambem um orgão no organismo geral. Todo corpo vivo existe pelo universo; e, reciprocamente, o universo existe tambem por este corpo vivo». Noutro ponto: «Toda pesquisa, tendo por objecto a influencia do accumulo da natureza sobre o mundo vivo, deve ter por ponto de partida, a questão fundamental de saber que *todas as formas vivas são productos physicos*, mostrando-se ainda em nossa epoca, e que houve modificação, sómente, no gráo, na direcção das influencias». Commentando esse trecho, ERNEST HÆCKEL fez a maior justiça a TRÈVIRANUS: «Por ahí, como disse o proprio GOTTFRIED-REINHOLD, «o problema fundamental da biologia está resolvido», e nós accrescentamos que está resolvido num sentido puramente monistico ou mecanico». Antes d'isso, com a competencia singular, que lhe restou como systematisador do monismo da natureza, HÆCKEL reconheceo, ainda mais, em GOTTFRIED, a precedencia em não admitir nenhum salto, ou nenhum vacuo entre a natureza organica e a natureza inorganica, visto como TRÈVIRANUS affirmou a unidade absoluta da natureza na organisação de todo o systema do mundo. Está, pois, porque julgamos essenciaes as referencias que acabamos de fazer á concepção monistica da natureza, de GOTTFRIED-REINHOLD TRÈVIRANUS.

Entre os philosophos da natureza, depois de KANT, OKEN, SPENCER e COMTE, nenhum, entretanto, sobrepuja a ERNEST HÆCKEL, a quem se deve a unificação filiativa dos phenomenos, em virtude da qual se conseguiu dividir os factos em quatro categorias ou mundos:

o cósmos, onde se desenvolve a gravitação ;
 o organico, onde se desenvolve a vitalidade ;
 o psychico, onde se desenvolve a consciencia ; e,
 o social, ou superorganico, onde se desenvolve o
 direito.

Graças, pois, ao monismo naturalistico, ficaram estabelecidas as faixas do monismo universal, podendo-se ir, de filiação em filiação, da coexistencia dos homens á coexistencia das estrellas, do direito e do homem á gravitação e ao astro, seja a nebulosa ou o satellite !

Nem nos seos pontos estructuraes, teria sido falha a concepção hœckeleana, si ella nos não propuzesse transformar em religião a sua doutrina nimamente scientifica. Forçosamente fransina foi, assim, a tentativa de HÆCKEL que se lê nos seguintes periodos :

«O monismo, que será a religião do futuro, não é como as religiões ecclesiasticas, a antagonista das sciencias naturaes e da razão ; elle está de accordo com ellas. As primeiras são synonymas de superstição e de illusão. O monismo toma por bases a verdade e a sciencia. Submetter a razão humana á superstição, declarar guerra á natureza, isto não torna o mundo melhor ou mais feliz, assim como demonstra, com todo o espirito imparcial, a historia das religiões. A propria floração da media idade, esse triumpho que o christianismo alcançou, corresponde a uma epoca de grosseira ignorancia, de revoltante brutalidade e de profunda immoralidade. Cinco seculos antes de JESUS CHRISTO, com THALÉS e ANAXIMANDRA, EMPEDOCLESE e DEMOCRITO, a philosophia, a rainha das sciencias, já tinha fundado a doutrina transformista ; mas a diffusão dos dogmas catholicos e os carniceiros da inquisição fizeram-n'a o instrumento cego da theologia. Foi esta

a poderosa impulsão das sciencias naturaes, que, no seculo ultimo, conduzio, pela estrada esquecida da verdade, a philosophia desnudada, rebaixada; o transformismo monistico lhe dá hoje uma base solida.

«Nossa epoca, que obtivera a gloria de fundar, scientificamente, o mais brilhante resultado do saber humano, a doutrina genealogica, será celebrada pelos seculos futuros, como tendo inaugurado para o progresso da humanidade uma éra nova e fecunda, caracterisada pelo triumpho da livre pesquisa sobre o dominio autoritario, pela nobre e poderosa influencia da philosophia monistica».

Neste ponto, pois, divergimos, com toda a placidez de alma, do proprio grande mestre do monismo, o maior cathedratico de Iena, quando desgarra, tornando-se pantheista, e metamorphoseando-se de sabio em idolatra de suas proprias doutrinas, admittindo a possibilidade, com verdadeiro *parti-pris*, de serem creadas as egrejas monisticas e quejandas extorsões á elevação de sua obra, no monismo scientifico ou mecanicismo.

Não menos de duas vezes, o illustre biologista tem dado á sua concepção luminosa—tão sua quanto d'ella foi elle o organisador—a feição pantheista. Ainda em 1892, já HÆCKEL publicava uma conferencia feita perante eximios e sabios naturalistas, que se reuniram em congresso, em Attenburgo (Allemanha) conferencia sob o titulo de—*Le monisme lien entre la religion et la science*. Mais tarde, renovando, ou ampliando, o seo pantheismo, publicou a sua grande obra, peccaminosa em muitos trechos—*Les énigmes de l'univers*—em que o grande scientista se mostra extremamente preoccupado com a fundação de egrejas monisticas, a criação do sacerdocio scientifico, etc.

Sobre o fracasso que esse livro de ERNEST HÆCKEL, ao nosso ver, aliás muito pessoal, representa na sciencia, escrevemos algures: «De ordinario, depois das phases agudas de scepticismo e realismo, o espirito do homem, como as éras philosophicas da historia da vida humana, tende para uma crise de mysticismo, e, por ultimo, de religiosidade e fetichismo, tal como aconteceu com VOLTAIRE, que se reconciliou com Deus, nos ultimos momentos, prestes a extinguir-se a luz brilhante de sua grande intellectualidade». Si toda a idea philosophica, em sua evolução, tem uma phase de mysticismo, porque o espirito dos homens, factor primordial de todas as ideas philosophicas, não ha de, em sua evolução, passar por um identico estadío? Talvez por isso, o cientista transformasse-se em religioso....

Mas, a igreja monistica é uma leviandade, junto da grandiloquencia da historia geral da criação dos mundos, sobre a qual descansa, poderosamente, o moderno systema philosophico, o monismo naturalistico, que deu á philosophia a feição e o aspectò de criação natural, mas não artificial, do espirito humano, sobre as bases, que a natureza fornece, tal como passamos a ver em capitulos subsequentes.

PHILOSOPHIA

SUMMARIO: *Philosophia.*—*Generalidades.*—*O problema fundamental da philosophia.*—*O "fieri philosophico."*—*A moral humana.*—SCHOPENHAUER, SPENCER, NIETZSCHE, ARDIGÓ.—*A philosophia monistica.*—ERNEST HÆCKEL.—*Monismo philosophico.*—*Conclusões geraes.*—*Characterisação da philosophia.*

③ conhecimento da causa primeira e do effeito ultimo, por uma concepção eminentemente naturalista, acompanhada do processo evolucionario para a pesquisa da verdade, impõe uma vastidão generalizada, que é o domínio philosophico, ou a nebulosa scientifica, de onde, ultrapassando os limites verificaveis, se especificaram as sciencias fundamentaes—a mathematica, a astronomia, a physica, a chimica, a biologia, e a sociologia. Assim, a variedade de phenomenisações comprehendidas entre o ponto de partida e o apice da escala evolucionista, que estão ligados por laços racionaes, no encadeamento dos factos, uns sendo a causa dos outros, criou uma generalisação primeira, confusa e homogenea, uma trajetoria alevantada, cujo patrimonio vem a ser o conhecimento em via de heterogenisação. De onde, pois, virá o prestigio philosophico, si não da actividade per-

manente do espírito humano em conhecer a causa das cousas, reduzindo as hypotheses inverificaveis á ordem dos phenomenos francamente explicaveis, retirando o character ephemero para determinar a sua extrema positividade, no estudo dos principios e das forças? E por isso, com muita razão, disseram que a philosophia é a concepção do problema scientifico, e que a sciencia é a sua solução; ainda mais, que, por isso, as sciencias particulares foram precedidas pela philosophia (ROBERTO ARDIGÓ).

Nestas condições, está o evolucionismo philosophico em completo antagonismo com a theoria commun e erronea, que dá a philosophia como um producto da systematisação scientifica, portanto, succedendo-a, seguindo-a, ao envez de lhe ser a predecessora, a originaria, uma elaboradora, um inextinguivel principio de actividade, o que justifica a celebre expressão de LEIBNITZ: *perennis philosophia*. Do todo informe e primordial, em cujo dominio se ligavam, como uma só disciplina, foram-se, successivamente, destacando, como os astros da nebulosa primitiva, as sciencias fundamentaes. Entretanto, como asseverou ARDIGÓ: embora as sciencias venham depois da philosophia, não se póde acceitar que sejam ellas a destruição da sua causa, acontecendo, porem, que, ao contrario, as sciencias se façam motivo de novas investigações e causa de outras pesquisas do dominio exclusivo da philosophia. Isso posto, diz o notavel publicista italiano: «A sciencia particular é o conhecimento determinado (*il distinto mentale*) precedido por um conhecimento indeterminado (*un indistinto*) que fórma o objecto da philosophia. Existe, pois, entre a sciencia e a philosophia uma relação de consequente e antecedente». D'esse modo, o

desenvolvimento da philosophia, como a «matriz eterna da sciencia, do mesmo modo que a natureza é a matriz eterna das diversas fórmas, que nella se encontram», ou o estudo da philosophia como methodo, será feito posteriormente, visto como, por emquanto, temos urgencia em seguir a trilha mais vasta, que se nos apresenta no campo philosophico: o problema fundamental da philosophia.

E qual será elle?

Para chegar-se ao seo conhecimento perfeito, no regimen da sciencia actual, partiremos do momento em que SOCRATES, com a maxima do—*nosce te ipsum*—marcou a separação das generalidades philosophicas das especialidades scientificas, chamando, assim, com um grande revolucionamento das disciplinas mentaes de sua epoca, os philosophos todos ao estudo do homem. O inicio dado por aquelle philosopho, foi continuado por PLATÃO e ARISTOTELES, que, apezar de discipulos de um mesmo mestre, divergiram no modo geral de encarar a concepção socrateana. Um, o primeiro d'elles, abandonava a grande importancia, que se estava dando aos sentimentos corporeos, e determinava toda a auctoridade para o pretendido realismo ideal, emquanto o outro, ARISTOTELES, deixava ficar manifesta a certeza da sensação, como o primeiro principio do conhecimento. Foram, pois, essas duas fórmas de elucidar o—*nosce te ipsum*—as origens do aristotelismo ou realismo, do platonismo ou nominalismo, e do conceitualismo, todos esses modos differentes nas exterioridades, conservando, comtudo, o methodo socratico, em sua verdadeira essencia. Passava-se, então, á idade media. A philosophia despresava a acção do christianismo, que lhe déra o character de metaphysica chris-

tan, como successora da metaphysica pagan. Nessa epoca, para substituir a philosophia que se esteiára com o christianismo, BACON, profundo transformador, estabelecia o conhecimento provindo da observação e da experiencia. E, não sendo essa a ultima reforma, embora que a adoptando, LOCKE apresentou modificações á theoria baconeana, as quaes consistiram, originariamente, em negar-se a prerogativa de faculdade illimitada, até áquella data concedida á razão humana. LOCKE teve discipulos e innumerados: VOLTAIRE, CONDILLAC, ROUSSEAU e tantos outros. Com DESCARTES, o fecundo imaginador dos turbilhões luminosos, appareceram, novamente, o prestigio e a auctoridade da razão, synthetizado, todo esse grande pensamento, no apregoado aphorismo—*cogito, ergo sum*—e chegou uma phase de verdadeira reconstrucção da philosophia. A metaphysica, pois, oscillava, de pensador a pensador, com ligeiras modificações, cada vez se fazendo, por entre as insustentaveis divagações dos grandes espiritos, mais metaphysica, tanto quanto a razão era o seo principal, si não exclusivo, meio cognitivo. Ainda se conservava o que ROGER BACON havia dito da experiencia—*hæc est domina scientiarum omnium et finis totius speculationis*. A metaphysica tratava-se como uma philosophia das sciencias, fundada nas idéas que lhes são communs, e propria para dar-lhes seo methodo, sua fórma e seos limites. Na obra de DESCARTES desdobravam-se, no emtanto, as personalidades, collocando-se, em campos distinctos, o matematico profundo e o metaphysico intransigente. E, despresado o dogmatismo dos pensadores antecedentes, vieram os discipulos de DESCARTES, como SPINOSA, admittindo que «a ordem e a connexão das idéas são

as mesmas que a ordem e a connexão das cousas»; como MALLEBRANCHE, unindo ao descartismo a sua fé inabalavel; como LEIBNITZ, crendo na harmonia preestabelecida, que todos elles fixavam, fatalmente, originando as lutas entre o racionalismo e o sensualismo, o idealismo e o materialismo. Foi quando chegou a critica de KANT, reservando á metaphysica as condições para ser «*eine Wissenschaft von den Grenzen der menschlichen Vernunft*». O absoluto devia desaparecer. O *noumenon* foi declarado insubjugavel. Depois, FICHTE, HEGEL e SCHELLING persistiram nas especulações philosophicas, permanecendo esse estado de discordancias e opposições até ao apparecimento de AUGUSTE COMTE, quando, com o positivismo, a philosophia se reunio á sciencia, e formou-se, com o auxilio de novas e mais solidas orientações, o monismo philosophico, que é o mesmo monismo naturalistico, que adoptamos. Toda a harmonia da moderna sciencia, está, justamente, na applicação do methodo positivo, que nos leva, de observação em observação, ou de experimentalismo em experimentalismo, ao conhecimento perfeito das maiores verdades. No direito, como na anthropologia, na philosophia como na physica, por um movimento instinctivo e sympathico, os dados da observação e da experimentação, absolutamente não deixam de acompanhar, num profundo extasi de precisão, ao desenvolvimento encadeado dos phenomenos e respectivas idéas. As fecundas creações de AUGUSTE COMTE vieram firmar, francamente, num momento de grande desalinho de idéas fundamentaes, a phase positiva da sciencia moderna.

Estava, portanto, modificada, a philosophia, e, então, tres theorias revolucionaram o campo das pes-

quisas intellectuaes: o darwinismo, o spencerismo e o monismo.

«A vida é um combate!» foi a primeira these de DARWIN, e, sobre a qual se desenvolveo a verdadeira theoria da evolução, que descansa, não ha que contestar, sobre a selecção natural. Mas, o darwinismo é, geralmente, chamado «doutrina genealogica, doutrina da descendencia, doutrina das metamorphoses ou theoria da transmutação», ou muito simplesmente «transformismo», sem que a variedade das denominações haja desvirtuado a sua maxlma valia e importancia. «Todas essas nomeações são justas», disse ERNEST HÆCKEL. Erram, pois, e crassamente, os que, com desmedido pedantismo, seja porque fôr, buscam impingir que o darwinismo não é a theoria da descendencia, «com a qual», escreveram algures, «os adversarios do evolucionismo confundem a doutrina da selecção, que se deve denominar, propriamente, darwinismo, do nome de seo auctor Charles (?) DARWIN». (LEOVIGILDO FILGUEIRAS).

Ha, decididamente, para concluir-se da leitura de varios escriptores, que muitos problemas obscuros nos dominios das sciencias fundamentaes, ganharam elucidação, sómente depois do conhecimento d'aquella theoria. O darwinismo pretende, segundo HÆCKEL, «que a totalidade dos organismos tão diversos quanto todas as especies animaes, todas as especies vegetaes, que viveram outr'ora e vivem ainda sobre a terra, são derivadas de uma só fôrma ancestral ou de um numero muito pequeno de fôrmas ancestraes, excessivamente simples, e que, d'este ponto de partida, ellas evoluíram por uma metamorphose gradual. Si bem que essa theoria da evolução tenha já sido exposta, anteriormente, e

defendida, no começo d'este seculo, por diversos grandes naturalistas, notoriamente por LAMARCK e GÖETHE, foi, sómente, em 1859 que DARWIN a expoz integralmente, assignalando-lhe uma base etiologica, e ahi está porque se costuma designar esta theoria pelo simples nome de theoria darwinica».

A theoria da evolução, tal como ficou exposta por DARWIN, foi applicada á sociologia por HERBERT SPENCER, o chamado «Aristoteles moderno», de onde se estabelecer uma corrente especial de idéas philosophicas, usualmente cognominadas de spencerismo. D'este systema, que não satisfazia ás exigencias da cultura moderna, crearam o naturalismo sufficiente, especie de metaphysica naturalistica, condemnavel sob todos os seus aspectos scientificos e philosophicos. O que ficou assentado por SPENCER, foi insufficiente para um criterio philosophico. «Uma vez forçado a repudiar, disse HÆCKEL, completamente, a opinião vitalista ou teleologica, que concerne á natureza viva, esta opinião que faz das fórmas animaes e vegetaes os productos de um creador omnipoteroso, agindo conforme um fim, ou antes, uma força creadora activa, tendo tambem designios preconcebidos, é-nos necessario, então, fatalmente, acceitar a concepção do universo chamada mecanica ou causal. Póde-se tambem chamar este modo de ver monistico ou unitario, em opposição á opinião dualistica, implicitamente contida em toda a explicação teleologica do mundo». Entrementes, MAX STIRNER, SCHOPENHAUER, e, ultimamente, GUYAU, FREDÈRIC NIETZSCHE e muitos outros, foram succedendo, convindo salientar o brado que esse ultimo levantou contra a moral dos homens, o que se tem chamado, talvez muito impropriamente—crepusculo nietzscheano—e so-

bre o qual E. DE ROBERTY, ALFRED FOUILLÉE, SCHURÉ, e outros mais têm traçado desenvolvidas paginas, especialmente LICHTENBERGER, todas ellas merecedoras de apurada leitura. Com taes elementos, disseram alhures, ha cem annos, a evolução do pensamento humano têm sido do individualismo para o socialismo. O que ha de notar-se, porém, é que no ultimo quartel do seculo XIX, o individualismo *enragé* de FREDÉRIC NIETZSCHE—si é que se entende por individualismo toda a concepção de moral, concluída da vida que o individuo desenvolve sem inquietar-se com a sociedade—trouxe uma correnteza de idéas philosophicas differentes das até então existentes, por vezes desconhecidas, querendo que o instincto obedeça á razão e não esta ao instincto; assegurando que a liberdade e a sciencia são dois extremos que se tocam; pregando a necessidade de aristocratisação das multidões; estabelecendo, ao seo geito, e ao seo talante, o gráo optimo do pensamento livre—«tudo é permitido»; creando o fundamento do bem na força, porque «o bem é sempre uma fórmula antiga,—e muitas vezes já morta,—da força»; e, sobretudo, antevendo o apparecimento de um ser superior ao homem, por uma especie de darwinismo intellectual, ser a que elle chama *uebermensch*, porque «o homem é alguma cousa que tem de ser ultrapassada».

Isto dito, assignalemos que um novo modo de encarar o problema fundamental da philosophia—a principio Deus, depois o homem, e por fim a natureza—está nas prolongadas dissertações de ROBERTO ARDICÓ, a quem por lastimavel ignorancia ou condemnada má fé, chamaram de positivista, a elle—crente, que passou para o campo descoberto das desillusões, pelos odios e malquerenças, transformado em detestavel nateiro; a

elle—que é um rebellado, ostentando a imparcialidade dos que não têm paixão por essas idéas ou aquelles principios.... Na sua philosophia, pois, não se vejam senão as deducções de uma hybrida união de dous principios, em sua essencia, antagonicos e contradictorios, «o factó é divino, mas a explicação é humana», e a naturalidade do cósmos, quando o factó é divino.

Mas, todas essas generalisações dos conhecimentos humanos, constituem a philosophia, não adoptando senão o conceito geral do universo com que HORWICHS fecha a trilogia dos conceitos philosophicos. E' ahi que se encontra o problema fundamental da philosophia na natureza evolucionista. E' nelle que se distingue a sciencia philosophica, como a *mater* das sciencias, a sciencia universal ou generalisação dos estudos da natureza, caracterisada por uma plastica maior do que a da sciencia, penetrando, confrontando e reduzindo os conceitos scientificos, dando-lhes interpretação e desenvolvimento, até chegando a ser uma systematisação de idéas e factos geraes, que é a philosophia empregada como methodo. O estado actual da philosophia deixa evidente a necessidade urgente de fazer-se uma uniformidade scientifica, como ha, na natureza, uniformidade dos phenomenos que as sciencias estudam. E' o que faz o monismo philosophico decorrente do monismo naturalistico de ERNEST HÆCKEL, que reduz todo o universo a um todo, a um *monon*, e d'ahi tira as conclusões geraes fundadas nas observações especiaes. A philosophia é, pois, uma sciencia ampliativa, e não como a quer FROSCHAMMER, referindo-se á metaphysica, uma sciencia ideal, ou como quer WERNICKE, uma simples sciencia descriptiva.

Ha para recordar, porém, que a phase inicial do

fieri philosophico não é da categoria da actual: lá, ella foi un.a concepção sobrenatural e fantastica; aqui, ella é uma explicação completa e scientifica da causa de todas as cousas, que pôde ser empregada como o methodo para averiguação das verdades scientificas, tal como vamos fazer.

METHODO PHILOSOPHICO

SUMMARIO: *Methodo e systema.—A lei dos tres estados.—A theoria das tres edades.—Evolução philosophica.—O theologico.—O metaphysico.—O positivo.—O monistico.—Coexistencia das idéas e a consciencia.—O monismo philosophico de NOIRÉ.—Systemas philosophicos.—O methodo e a philosophia.*

SEJA qual fôr a feição pratica que se lhe dê, o methodo não póde escapar de ser um elemento subjectivo, empregado pelo espirito humano na indagação e investigação das verdades scientificas, ou, como disse LALOI & PICAWET, um instrumento que permite ao investigador de conhecimentos assimilar, rapidamente, o que se averiguou antes d'elle.

E por isso é que, em qualquer terreno, o emprego primeiro de um methodo provoca, ao par de sensiveis movimentações philosophico-scientificas, o uso de observações e experiencias, que determinam, por sua vez, o descobrimento de leis novas ou da realidade cognitiva do espirito humano, na verificação de trechos do universo, até então incognitos, mas nunca incognosciveis.

E', pois, decorrente da naturalidade do methodo, esse principio de que depende a certeza scientifica. E, tambem por isso, revelou-se a ampliação do emprego da palavra—methodo—para significar a classificação, que tem por base a correlatividade natural dos factos,

em opposição ao—systema—ou classificação artificial— que tem por base as considerações relativas aos seres, de accordo com as modificações de uma só de suas partes.

O estudo e o emprego do methodo, assim, tornaram-se o elemento mais poderoso para o saber experimental. «Depois das laboriosas e profundas analyses da psychologia moderna, disse o eminente CLOVIS BEVILAQUA, principalmente das investigações agudissimas de ALEXANDRE BAIN, passou a ser uma verdade indiscutida, que nós só conhecemos um phenomeno qualquer distinguindo-o e destacando-o, por assim dizer, da massa geral dos seres, e assimilando-o com os que apresentam caracteres communs». Na verdade, o experimentalismo das sciencias foi a causa de seu progresso e de seu aperfeiçoamento, tornando-as francamente positivas, e fazendo-se derivar das naturaes as sciencias sociaes. Graças ao methodo das sciencias experimentaes, os estudos anthropologicos, segundo o hœckelismo, em virtude do qual a sociologia relacionou-se com a anthropologia e com a biologia, foram inoculados no curso dos estudos philosophicos e dos estudos juridicos.

Entretanto, desde SOCRATES, «*opponendo la logica del senso comune alle aberrazione della sofistica*», naquellas epocas de seu grande fulguramento, todos os philosophos foram chamados ao estudo do homem, e ARISTOTELES, seguindo as pégadas de seu grande mestre, estudou, com admiração geral de seus coévos, o homem em suas relações com os outros animaes. PLINIO, HYPOCRATES e GALENO continuaram na applicação d'esse mesmo methodo aos seus diversos estudos. D'ahi para a epoca actual, a anthropologia fez-se sciencia, e

com a positividade franca dos multiplos ramos do saber humano, dada por DARWIN, LAMARCK até SPENCER e HÆCKEL, applicou-se á philosophia e ao direito, de onde dizer-se que «o direito, philosophicamente considerado, é uma sciencia anthropologica». O positivismo, pois, succedeo, com o emprego do methodo experimental, o metaphysicismo da philosophia medieval. D'ahi a lei dos tres estados de AUGUSTE COMTE, que querem, talvez injustamente, inspirada na theoria das tres edades (dos deuses, dos heróes e dos homens) de VICO: «Todas as nossas concepções, quer individuaes, quer collectivas, passam pelos tres estados seguintes: o theologico, o metaphysico e o positivo».

Não fossem os verdadeiros esteios scientificos de incontestaveis percepção e solidez, nos quaes repousa essa concepção philosophica, e a lei dos tres estados teria sossobrado no *mare-magnum* das contradicções e opposições. CLOVIS BEVILAQUA disse que «todo o saber experimental, de qualquer natureza que seja, ha de surgir necessariamente de uma comparação rapida ou morosa, consciente ou inconsciente». Compreendamos a realidade da concepção comtista pela applicação immediata a um ramo dos conhecimentos humanos. O direito, por exemplo, que, no sentido subjectivo, como objecto de uma sciencia, passou do estado theologico, pelo metaphysico, ao positivo, que antecedeo ao monista actual. No entanto, como poderemos caracterisar o estado theologico do direito?

O homem, a principio, subordinou tudo o que via e sabia, a idéa do justo e do injusto, do vivo e do morto, a uma predominancia sobrenatural, a um poder altamente superior, que vinha a ser Deus. Percorrendo a historia dos povos, vemos, na China, um immenso paiz

entregue ao desaccordo de um somno quasi morbido, ha cerca de dois mil annos antes de CHRISTO, que o direito, quando não era theologico, no compulsamento dos factos iniciaes da vida do povo, era theocratico, isto é, quando não tinha a influencia directa de Deus na existencia dos phenomenos, tinha a influencia do sacerdote. «Tão longe quanto se possa remontar na historia, escreveo R. DARESTE, o antigo Egypto apparece como uma sociedade submettida a um governo regular, a uma monarchia apoiada sobre o regimen das castas e revestida de um character sacerdotal». Nos primordios, sempre o estado theologico se manifestou, embora que algumas vezes mais fraco do que outras. Esse estado, aos olhos do observador actual, representa tambem a confusão primitiva, quando religião, arte, sciencia, direito e moral, estiveram no mais absoluto syncretismo, ou, partindo da éra mais antiga, quando o homem estava em lucta constante com o ambiente, com os outros animaes, com o proprio homem, e quando, com o apparecimento do respeito ao selvagem mais forte, que se constituiu chefe, vinha o de um poder sobrenatural, que criava tudo, dominando a todos os actos da vida humana e da vida natural. A auctoridade era, pois, uma fôrma humana d'esse Deus, d'esse poder. Compulsando, para prova d'isso, as engelhadas paginas do sublime *Manava Dharma Sastra* — «o Manu traduzido por WILLIAM JONES, e que seos institutores indigenas affirmavam ser a base de todo o direito sagrado da India» — ahi veremos, apezar de «muito mais recente do que a collecção de *Institutas* traduzidas por BÜHLER, os triumphos de incoercivel promiscuidade de idéas, em doze livros, que publicam, indistincta e indifferentemente, leis e doutrinas para

creação, vocação religiosa, regras de abstinencia, expiação, penitencia, transmigração das almas, casamento, modos de contrahil-o, deveres e obrigações dos juizes, leis civis e criminaes, successão, direitos e deveres dos agricultores, industriaes e famulos ».

A substituição do estado theologico, pelo estado metaphysico, não se deo bruscamente, e foi a obra de muitos seculos de vida, que determinou a passagem d'aquelle para esse estado. Assim pensando escreveo I. MARTINS JUNIOR: « Quando, com o correr dos tempos, os jurisconsultos e philosophos abriram brécha, em nome das idéas de justiça e de humanidade, no velho reducto do direito patriarchal e sagrado, começou, para a jurisprudencia, a phase critica e dissolvente, que do seculo XV, em deante, o espirito humano iniciou, na theoria e na pratica, contra o regimen catholico-feudal. Basta recordar a obra dos *prudentes* e dos *pretiores* no direito romano para avaliar a importancia da transformação realisada na direcção a que alludimos. A *œquitas*, o *jus honorarium*, foram, na vida juridica occidental, a primeira manifestação do philosophismo, que GROTIUS e seus discipulos transformaram nesse extenso compendio de metaphysica, que veio a chamar-se *direito natural*, e em que falam, ainda hoje, muitos juristas ». E esse estado, na realidade, prolongou-se. A metaphysica absorveo, em irradiações variadas, a theologica, e duas correntes se vieram fazer em acção contraria, na epoca pre-actual—a metaphysica e a positiva. Caracterisa-se este estado positivo, não só pelo desprezo que se deo ao direito naturai—direito que se quiz immutavel, eterno e anterior ao homem—como tambem pelo apparecimento de um « direito humano variavel e evolutivo ».

Todos os systemas philosophicos—mysticismo, scepticismo, sensualismo e idealismo—reduzidos, ainda mesmo, por GIOBERTI, apreciado philosopho italiano, ao psychologismo—systemas que vão do absoluto por meio da experiencia e do *eu*—e ao ontologismo—systemas que partem do absoluto para explicação dos phenomenos—desappareceram com o dominio do estado positivo, para este, sómente este, a principio, e, depois, transformado no evolucionismo monistico, ser o systema, dominante.

Duas philosophias, portanto, firmadas nos dois estados—metaphysico e positivo—vieram a campo degladiando-se franca e lealmente. «A natureza geral das questões, deixou dito um publicista, contrapõe-se entre a philosophia, quer theologica, quer metaphysica e a philosophia positiva. Uma occupa-se do absoluto, a outra do relativo». Determinemos, melhormente, o campo de acção do metaphysicismo e do positivismo, usando de mais algumas palavras de ÉMILE LITTRÉ: «A philosophia metaphysica vae do homem para o mundo; a philosophia positiva vae do mundo para o homem. Uma comparação fará comprehender a grave modificação que a versão d'essas relações produziu nas concepções. Tomar o homem por ponto de partida, é proceder como os antigos astrónomos, é tomar a terra pelo centro do mundo. Sem duvida, foi inevitavel no começo que os primeiros observadores considerassem a terra como immovel e a esphera celeste como girando ao redor d'ella. Mas quem não vê quaes as idéas falsas que deveriam produzir-se por essa primeira e necessaria illusão? Nada se apresentou mais á vista como era realmente, e tudo, distancias, grandezas, movimentos, foi percebido sob enganadora apparencia. Taes e não

menos grandes são as illusões que causa o ponto de partida collocado no espirito humano. Sem duvida, ahi tambem, foi a necessidade que determinou esse ponto, essa partida. O homem devia começar pelo que elle conhecia melhor, por si proprio. Mas esta concepção, guia das primeiras pesquisas e funcção primordial, que não podia ser substituida por cousa alguma, derramou falsa apparencia no mundo philosophico, e não permittio perceber a relação entre as questões propostas e a verdadeira penetração do espirito que as examinava. Não ha problemas mais complicados do que os problemas philosophicos. Ora, todas as vezes que o homem investiga questões difficeis, por sua complicação, lhe é necessario, dizemos nós, confrontar o resultado de seos raciocinios com a realidade. As sciencias offerecem prova continua do que affirmamos. A astronomia, apesar da simplicidade que lhe é propria, e o poderio dos meios mathematicos de que dispõe, tem necessidade, desde que se trata de questão complicada, de averiguar a coincidência, ou a differença da deducção com a observação. Com muito mais razão, isto é necessario na physica. Quando tentaram applicar o calculo á propagação do som, a differença entre o resultado mathematico e a experiencia, foi consideravel; a experiencia mostrou o erro e a necessidade da confrontação. Citamos, apenas, as sciencias comparativamente simples; mas qual seria o valor de nossos raciocinios nas sciencias mais complicadas, a chimica, a biologia, sobretudo? e quem se atreveria responder com uma deducção um pouco extensa, em que a contraprova com a experiencia não fosse possivel? Em tudo, pois, nos é preciso confrontar o raciocinio com a realidade. Ora, justamente na metaphysica, que trata as questões mais

complexas, aquellas em que a confrontação seria mais necessaria, esta lhe é vedada, porque os assumptos de que se occupa não se prestam á experiencia. Assim, nada lhe assegura que o resultado que ella obteve por laboriosos esforços de logica tenha realidade. D'ahi o vago que lhe é inherente, sequencia natural da posição que tomou». Essa transcripção de ÉMILE LITTRÉ, precisamente assás longa, qualifica, perfeitamente, o estado metaphysico, ao mesmo tempo que esclarece o positivo.

Depois d'essas modernas e exactas, mas ultrapassaveis, idéas, deduzidas todas ellas de excellentes paginas de bons philosophos, o direito considerado, tambem, como uma relação de harmonia entre os phenomenos do mundo moral, da mesma fórma que a gravitação é a relação de harmonia no mundo physico, e a consciencia no mundo logico, perdeo as peias que o amesquinhavam nos limites de uma concepção metaphysica, e caio, como um phenomeno real do monismo evolucionista, para melhor apreciação dos homens.

O universo é uma criação lenta e vagarosa, o effeito de um trabalho continuo e rhythmado através de seculos e seculos. Não é um producto do acaso, nem tão pouco da impulsão de força, em um só momento. Em todos os phenomenos do presente ou do passado, ha sempre o veio da grande força. O homem, ou a macieira, a ave ou a crotonéa, a lua ou o mollusco, tudo, emfim, é um marco millenario, ficado portentoso no *fieri* plurisecular da acção esplendida da força que cria. Disposição differente de atomos e de moleculas, recortamentos diversos de uma mesma columna central, o homem se filia ao *anthropopithecus*, e, de successão em successão, vae ao plasma da monéra, ou ao ba-

thybius—a geração de um corpo vivo pela natureza sem vida—passando das fôrmas organicas para as anorganicas, das vivas para as brutas. E o que vem de mais notavel e perfeito, é o desenvolvimento do ovulo humano, percorrendo, abreviadamente, todos os estadios, pelos quaes a escala zoologica tem vindo da monéra ao hominio, numa marcha certa e segura, respeitado o scientifico conceito de que *natura non facit saltus*. . . . «A serie das fôrmas por que passa o organismo individual, a partir da cellula primordial até ao seu desenvolvimento, é uma repetição em miniatura da longa serie de transformações experimentadas pelos antepassados do mesmo organismo, desde os tempos mais afastados até hoje». Uma repetição da philogenia se dá no ovulo, o qual, a principio, é a mesma cellula primordial ou germinal para todos os seres animaes e vegetaes. Essa repetição é a ontogenese, como já vimos, ou a philogenese reproduzida na especie.

A lei biogenetica formulada por FRITZ MULLER applica-se ao mundo social, como ao mundo physico. Em todo o universo o phenomeno é sempre o mesmo. Ha a successão depois de ter havido a coexistencia dos phenomenos. Assim, o individuo que nasce é semelhante ao individuo que o gerou. IVES DELAGE considera o facto fundamental da herança, sendo que cada especie animal ou vegetal produz rebentos pertencentes ao mesmo typo especifico, e conservando todos os seus caracteres. E, com HIS, a herança é a transmissão de uma fôrma particular de movimento.

A coexistencia, entretanto, pede uma relação de harmonia; a successão impõe a uniformidade e unidade dos phenomenos. Na mente humana, egualmente, as idéas vivem e succedem-se. Na sua coexistencia ha

uma relação de equilibrio, a consciencia. Mas, umas idéas succedem-se ás outras, e, então, ter-se-á uma unidade por filiação, de onde, como disse FAUSTO CARDOSO, a «consciencia é a harmonia que resulta d'este mecanismo impalpavel de impressões, de sensações, de sentimentos, de idéas, que se succedem e coexistem, constituindo os corpos da mecanica-logica, e onde, nenhum conhecimento pôde existir sem estar revestido de uma fôrma».

Para todos os phenomenos do universo ha, pois, uma só lei, isto é, ha unidade de lei porque ha unidade de phenomenos—uma successão de factos, um laço etiologico para as phenomenisações. Essa lei é a formula da força creadora. Do seo modo de acção, devidamente observado pelos homens, crearam-se dous conceitos importantes: um, enunciado pelo philosopho NOIRÉ, chamado por TOBIAS BARRETTO—monismo philosophico—, no qual o desenvolvimento é a somma ou o producto de duas propriedades atomicas, que agem concomitantemente—o sentimento e o movimento; o outro, dito por ERNEST HÆCKEL, chamado—monismo naturalistico—no qual, o movimento, por si só, é o accionador de todo o desenvolvimento. Para nós, deve ser preferido o monismo naturalistico de HÆCKEL ao monismo philosophico de NOIRÉ, quando razões outras de sciencia, ou motivos, de ordem puramente scientifica, não obrigassem a isso, pelo facto de ser mais monistica a criação de HÆCKEL. Tudo se reduz ao movimento; o proprio sentimento que NOIRÉ imaginou é um genero de movimento. Esse sentimento, disse TOBIAS BARRETTO, é o mesmo que SCHOPENHAUER chamou vontade e a vontade é uma fôrma de movimento. Este, finalmente, é a força creadora, é a força funda-

mental. Ainda o monismo philosophico de NOIRÉ é teleologico, isto é, tem o caracter dualistico, além de considerar a natureza agindo finalisticamente. Mas «foi sómente em nossa epocha que o darwinismo, proclamando e provando que o desenvolvimento do homem resulta—*das mesmas leis eternas, das mesmas leis de bronze*—que presidiram á evolução de todos os corpos da natureza, veio dar ao monismo uma concepção mecanica, tirando-lhe de uma vez as affinidades com o dualismo, isto é, com o systema philosophico, que suppõe o mundo o effeito de uma essencia distincta da materia». Concluamos, pois, d'ahi, que o direito é um todo, é um *monon*, e desenvolve-se por effeito da mesma força universal, como uma de suas modalidades, que elle é. Na athmosphera social ha uma successão de phenomenos, uma filiação de factos, um encaideamento de acontecimentos. Um phenomeno juridico não vem esporadicamente. Não póde haver uma parthenogenese juridica, como não admittimos que possa existir para outras especies. Os factos estão filiados. Como resultado d'essa filiação, apparece a unidade dos phenomenos juridicos, pelo que, antecipando as idéas que expandiremos noutra parte, o direito vem a ser um todo, um *monon*, e como a unidade de phenomenos implica unidade de lei, o direito é regido por uma só lei, a mesma que rege todo o universo. E' esse—o monistico—o estado actual da philosophia, successor immediato do positivismo.

Neste ponto, a philosophia apparece com a divisão dos homens em observadores, creadores e mixtos—observadores e creadores ao mesmo tempo.

Os primeiros são os da sciencia, os que observam,

caracterisando-se elles pela investigação methodica dos factos e dos phenomenos.

Os segundos, os creadores—são os homens da arte, os artistas, os que criam, caracterisando-se, sublimemente, pela execução.

Os terceiros, finalmente—os observadores e creadores ao mesmo tempo—são os da philosophia, que se caracterisam pela systematisação.

Vem, muito claramente, d'ahi, que a philosophia tem systemas, tomada esta denominação no sentido de uma serie de idéas, que se encadeiam e estão subordinadas a um só principio. E, bem se poderá dizer, que os systemas variam conforme os methodos philosophicos, sendo estes, por sua vez, variaveis segundo os auctores e philosophos. Não nos descuidemos em relação ao rigor scientifico que empregamos no uso d'essa palavra—philosophos—, aliás barateada, e, mais ou menos, em prejudicial desvalorisação. Devemos confirmar, que todo pensador não equivale a um philosopho, e que este não vale exclusivamente pelas suas idéas e pelos seus pensamentos, com maior ou menor clareza emitidos. Descobre-se em um philosopho, restrictamente considerado, o que não se mostra em nenhum systema philosophico, isto é—o motivo, a causa, a matriz de muitas philosophias. E, só porque se tem reconhecido isto, costuma-se dizer, geralmente, que a personalidade intellectual e moral de um philosopho é sempre mais admiravel e mais interessante do que a sua obra e o seu ensinamento.

Ha, pois, amplamente, um systema correspondente a cada philosopho. Mas, de referencia á feição geral dos systemas, podemos classificar todas as modernas doutrinas philosophicas em dous grandes rumos—o

dos individualistas, cujo typo categorico é o do viajante do Sils-Marie, e o dos socialistas, não poucas vezes degenerado em anarchismo e nihilismo.

Finalmente, a philosophia—a generalisação systematisada dos conhecimentos humanos—pode ser usada como um methodo, conforme no presente capitulo se fez, e, assim, o methodo philosophico é naturalistico—evolucionista, positivo como o das sciencias puramente naturaes, o que se não poderá duvidar depois da applicação applicada, que acima temos feito.

Depois d'esses estudos sobre a philosophia e o seo methodo, virão os da sciencia e respectivo methodo.

Vamos, pois, a elles.

SCIENCIA

SUMMARIO: *Sciencia.*—*O conhecimento.*—*Os elementos do conhecimento.*—*Que é phenomeno?*—*Leis phenomenicas.*—*Os aspectos da sciencia.*—*Arte e sciencia.*—*Religião.*—*O experimentalismo.*—*O facto philosophico e o facto scientifico.*—*Cognoscivel e "noumenon": suas modalidades scientificas.*—*Definição de sciencia.*—*Seo afastamento da philosophia.*—*Combate aos erros.*—*As hypotheses e a philosophia.*—*Contradições condemnadas.*

QUER se defina sciencia—todo o ramo dos conhecimentos humanos susceptivel de uma demonstração rigorosa—, como fez BESCHERELLE, a fim de satisfazer ás necessidades urgentes de seo famoso—*Dictionnaire universel*—; quer se busque a etymologia da palavra, para, com a significação latina dos respectivos termos—*scientia* do verbo *sanscire*, saber—deixar-se-lhe uma definição; quer se diga, como entendem os positivistas—a coordenação systematica de todos os conhecimentos—; quer se defina, como HERBERT SPENCER,—o saber parcialmente unificado—ella é o processo de differenciação, mais perfeito e mais distincto, dos factos ou phenomenos, ganhando forças para constituil-os, pela integralisação, de que se incumbe a philosophia especial de cada um d'elles, numa ordem systematica, determinando leis e estabelecendo classificações necessarias e esclarecedoras.

Assim, o mesmo acontecimento natural está sujeito

a uma generalisação, relativa ao evolucionismo de todo o universo, que é a sua feição, ou o seu aspecto philosophico, e a uma especialisação, diferenciada e relativa aos phenomenos que lhe são semelhantes, que é a sua feição scientifica. D'ahi assegurarmos que a philosophia vem em primeiro logar, como o conhecimento em via de formação ou de elucidação, e a sciencia depois, como o conhecimento organizado e submettido a verificações rigorosas.

Ora, em toda a systematisação de conhecimentos pódem-se distinguir tres aspectos: sciencia pura, quando se estudam os phenomenos como se produzem no cósmos; sciencia applicada, de onde o experimentalismo, quando se estudam as adaptações e regulam-se as producções dos phenomenos; sciencia pratica, que é a acção effectiva das leis dos phenomenos, com o aproveitamento das verdades uteis da sciencia pura, e dos principios reguladores da sciencia applicada. D'esses aspectos, o mais rigoroso é o da sciencia pura, mas, o que se pauta com maior importancia é o da applicada, como já dissemos, constituindo o experimentalismo. No primeiro caso, temos o observador, e no segundo, o experimentador. CLAUDE BERNARD, no seu importantissimo livro—*Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*—estabeleceo, com uma força e uma clareza admiraveis, as differenças entre a observação e a experiencia. Escreveo elle: «On donne le nom *d'observateur* à celui qui applique les procédés d'investigations simples ou complexes à l'étude des phénomènes, qu'il ne fait pas varier et qu'il recueille, par conséquent, tels que la nature les lui offre; on donne le nom *d'expérimentateur* à celui qui emploie les procédés d'investigations simples ou complexes pour faire

varier ou modifier, dans un but quelconque, les phénomènes naturels et les faire apparaître dans des circonstances ou dans des conditions, dans lesquelles la nature ne les présentait pas». Houve, por isso, o pensamento de classificarem-se as sciencias em dous grupos—de observação, como a astronomia, porque não se pôde conceber que um astrónomo pratique experiencias sobre os astros, e de experimentação, como a chimica, porque o chimico age sobre a natureza, modificando-a e adaptando-a.

Em consequencia da discriminação de observadores e experimentadores, ha a distincção dos methodos, em experimental, quando a pesquisa dos factos (CLAUDE BERNARD), isto é, a investigação, se acompanha, fatalmente, de um raciocinio, de fórma que, ordinariamente, o experimentador faz uma experiencia para comprovar ou verificar o valor de uma idéa experimental, e o de observação, quando se estudam os phenomenos, taes como elles caem debaixo dos olhos humanos.

Muito differente é o methodo usado pelos crentes, ou professores de qualquer religião. D'ahi, tambem, a differenciação entre a sciencia e a religião, esta occupando-se do incognoscivel, e aquella do cognoscivel; d'ahi, ainda, o afastamento entre o dogma religioso e a verdade scientifica. Para romper, porém, com a differenciação entre a sciencia e a fé, HERBERT SPENCER criou o incognoscivel, de que adeante nos occuparemos. Desde já qualificaremos, porém, o incognoscivel, como a representação do espirito conciliador do grande philosopho inglez, estabelecendo a transição das idéas positivas do seculo XVIII, para as supinamente religiosas da conservadora Inglaterra. Parece-nos que foi

aquelle o ponto em que o cerebro poderoso de SPENCER deteve-se, enfraquecido, na carreira victoriosa de observação e de estudo, que levava, assombrando os seus contemporaneos; muito bem d'elle se póde ter derivado o seo ultimo trabalho de verdadeiro sceptico, de verdadeiro descrente. . . .

A religião vive, pois, de revelações sobrenaturaes. E' um recurso para as suppostas falhas do regimen palpavelmente scientifico. Este, por sua vez, compõe-se de observações e experimentações. E, por isso mesmo, podemos fazer as differenças entre o factio philosophico e o factio scientifico, não nos preocupando as religiosidades de qualquer especie, porque a ellas somos inteiramente adversos, ao ponto de despresarmos o monismo hœckeleano no trecho em que o seo auctor busca fazel-o religião, exclamando: «o monismo, que será a religião natural do futuro, não é, como as religiões ecclesiasticas, a antagonista das sciencias naturaes e da razão; o monismo está de accordo com ellas. As primeiras são synonymas de superstição e de illusão; o monismo toma para suas bases a verdade e a sciencia!». E, taes questões, opportunamente, discutiremos.

Mas, os factos philosophicos se apartam, por completo, dos factos scientificos, pela generalidade decrescente, de um lado, e do outro, pela especialidade crescente. Assim, em seo valioso livro—*Filosofia del diritto privato*— diz o escriptor PIETRO COGLIOLO: «Quando se procura saber como surge o calor, como elle se apresenta, e quaes os effeitos que produz, trata-se da physica; quando se indaga, porém, o que seja o calor em confronto com o movimento, e que relação tem com as outras forças, faz-se philosophia da phy-

sica. Sobre o que aconteceu em certo tempo, é a missão da historia como sciencia; elevar-se ás causas occultas dos acontecimentos, e dar a sua razão de ser, é a missão da philosophia da historia». D'onde, legitimamente, concluir-se que o facto philosophico está na plasmia dos conhecimentos humanos, emquanto que o facto scientifico já se mostra, evolutivamente, isolado e caracterisado, com a sua inclusão em ordem especifica dos phenomenos similhantes.

Erra-se, no emtanto, quando se pensa que a philosophia succede ás sciencias no estudo das phenomenisações do mundo. Da homogeneidade confusa, que tambem é o primeiro estádio dos conhecimentos humanos, surge, pela evolução respectiva, a heterogeneisação especificada dos mesmos conhecimentos. Não tem, portanto, razão de ser a affirmativa de que «a philosophia trabalha sobre a sciencia e a sciencia sobre a materia prima». Ambas estudam os phenomenos do mundo, uma, a philosophia, generalisando os factos para formar-se a unidade e o encadeamento do universo, a outra, a sciencia, para classifical-os e systematisal-os, numa coordenação rigorosamente especificada.

E', pois, o que acontece: a philosophia estuda os phenomenos em suas causas geraes e mediatas, como modalidades da lei geral dos mundos; a sciencia estuda-os em suas causas immediatas e em suas fórmas e determinações. Assim, o que vem a ser phenomeno? Tudo quanto póde affectar os nossos sentidos, tudo quanto nos deixa uma impressão qualquer, no sentido objectivo; as propriedades ou modos proprios de actividade dos seres universaes, no sentido subjectivo—eis definido o phenomeno. Mas, entre os phenomenos

existem relações abstractas, que, sendo determinadas de um modo muito categorico, se chamam leis. Estas, desde que sejam verdadeiras, fornecem os elementos precisos para prever-se o phenomeno, que resultará de um outro anteriormente conhecido. Soccorrâmo-nos de um exemplo, que consagre o prestigio de uma qualquer lei phenomenica. Dá-nos ALVARO DE OLIVEIRA: «Tendo observado, que a variação de volume de um gaz está subordinada á da pressão que elle supporta, si nós verificamos que o volume diminue proporcionalmente á pressão, descobrimos inductivamente uma lei, a qual permite conhecer o volume, que corresponde a uma pressão definida, e, inversamente, sem mais recorrer-mos ao estudo do caso respectivo». Ora bem. Isso que ocorre no mundo cósmico, não varia nos mundos subsequentes. As leis phenomenicas são geraes, e quando se coordenam aquellas que se referem a uma determinada classe de phenomenos, forma-se uma theoria. A theoria do calor, visto isso, será a coordenação das leis ou relações abstractas rigorosamente demonstradas sobre os phenomenos causadores, coexistentes e subsequentes do calor; a theoria da vida será, *ipso principium*, a coordenação das leis ou relações abstractas com as quaes a vida apparece, desenvolve-se, multiplica-se e fracciona-se; e a theoria mecanica do direito será a coordenação de leis ou relações abstractas reguladoras dos phenomenos juridicos, considerados estes como effeitos e causas de movimentos sociaes.

Todos esses phenomenos são objecto, em seo conjuncto filiado e generalizado, da philosophia, e, particularmente encarados, da sciencia. Philosophia e sciencia, porém, no seo sentido subjectivo, são adaptações

do conhecimento dos homens. Que é, pois, o conhecimento? Pela percepção exterior ganhamos a faculdade physio-psychologica de conhecer, não só o mundo externo, e as suas leis de movimento e de equilibrio, como tambem o mundo interno e as suas leis de movimento e de equilibrio, portanto, a consciencia, assim nos sendo permittido ligar os factos, por principios, para constituir a sciencia, isto é, os principios directores do nosso conhecimento.

Quem negará, talvez, que haja uma theoria do conhecimento, como ha uma do som, da affinidade, do direito mecanico, etc.? Com SOCRATES e PLATÃO, nasceram as primeiras pesquisas para fixação da estrutura theorico-philosophica do conhecimento—com elles veio a primeira tentativa de uma theoria do conhecimento. Para CONDILLAC, «les facultés de l'âme naissent successivement de la sensation, que se transforme pour devenir chacune d'elles»; para COMTE e STUART MILL, o conhecimento tem as suas bases no ambito dos phenomenos; para DESCARTES, as idéas primeiras são causadas pelas circumstancias do mundo; para LEIBNITZ, foi possivel distinguirem-se a sensação nata e as leis innatas da razão; para KANT, a razão é a base do conhecimento, compondo-se de uma parte theorica, pela qual nos limitamos a perceber a verdade, e de outra parte pratica, que applica a verdade colhida pela theoria, na experiencia ou prova.

Modernamente, o conhecimento nasce do equilibrio—que é a consciencia—entre os factos psychicos, porque a consciencia determina uma paralysação momentanea dos factores intellectuaes, contra a qual apparece o movimento das cellulas, que funcçionam com a percepção do mundo exterior ou do proprio mundo inte-

rior. A base, pois, do conhecimento está nas acções e omissões da lei geral do movimento, que é a vida. A coexistencia e successão dos factos psychicos, impõem uma coordenação de leis ou relações abstractas, o que é a theoria do conhecimento.

Os factos psychicos, segundo é geralmente acceito, classificam-se em tres grandes ordens: *a)* factos sensíveis, emocionaes ou affectivos; *b)* factos intellectuaes, representativos ou de conhecimento; *c)* factos volitivos, de actividade ou de determinação. Elles coexistem e succedem-se no mundo psychico. Na relação de equilibrio entre uns e outros, está a razão, ao passo que, na relação de equilibrio entre os factos de uma mesma ordem está a consciencia.

Essa classificação é verdadeira, e, como adeantou JOUFFROY, todos os factos psychologicos, não ha duvida, se classificam, unicamente, nessas tres ordens referidas acima.

Convem registadas as palavras de E. RAYOT: «Essa classificação é tambem necessaria, porque as tres ordens de factos são irreductiveis». A sua irreductibilidade aprecia-se na desenvolução harmonica dos phenomenos psychicos, entre os quaes existem as manifestações de leis, que regulam as relações do mundo psychico com o mundo cosmico—leis da sensibilidade; que regulam o conhecimento e a comprehensão do mundo exterior e do proprio mundo interior—leis da intelligencia; e que regulam as attracções e repulsões dos factos psychicos, transformando-os em acção—leis da vontade. De onde, sentimento, conhecimento e acção, serem as tres esferas em que se passam as tres especies de phenomenos psychicos. Sentir não é conhecer, e conhecer não é agir. Mas, não podemos conhecer

sem sentir, nem tão pouco agir sem conhecer, que já importa sentir. O conhecimento, pois, conta com a prioridade do sentimento, por sua vez tendo prioridade sobre a acção. Assim temos, para um dado phenomeno, sensação e percepção. Esta é regulada por certas leis que são as da intelligencia. Emfim, a realidade do mundo exterior e do proprio mundo interior, é o objecto da percepção humana. Pelo que, só ha o phenomeno, para o homem, quando elle o percebeo, e nada é extranho ou insubjugavel á percepção humana.

Entre os philosophos modernos, não ha falta de quem se atreva a conciliar os preceitos decorrentes do que se chama o *naturalismo sufficiente*, com as idéas do incognoscivel, do ignoto, do *nomenon*, ou como se queira chamar á mystificação da origem primeira ou da causa unica. Está neste caso LEOVIGILDO FILGUEIRAS. Na verdade, nenhum disparate maior e mais palpavel, do que se buscar um incognoscivel ou um ignoto nessa *natureza mystica e divina que se explica por si mesma* (ROBERTO ARDIGÓ). Sim. Nada se póde desconhecer, entre os phenomenos naturaes, quando elles têm a sua propria explicação no seo desenvolvimento, ou como garante W. NICATI, *na natureza que se explica por si mesma*. Será possivel, entretanto, que se conciliem a sciencia e a fé, no momento em que o phenomeno primeiro, e só nesse momento, vae ter a sua razão de ser, constituindo-se para isso, sem mais nem menos, uma *fé scientifica*? O valor do phenomeno está em sua propria essencia, sendo, portanto, relativo, ou elle está na maneira por que o homem, usando da sciencia, como um methodo, ou como um termo racional de conhecimento, despreza as pretenções de poder empregal-a como um meio de concertar, corrigir ou emen-

dar o mundo, nas suas mais simples minucias. D'esta fórma, á questão—é possível a conciliação do desconhecido com o sufficientismo de W. NICATI?—teremos de responder negativamente, do modo mais adequado ao conseguimento de afastar, tanto quanto possível, a sciencia da fé. Partindo do principio de que o facto é divino, mas humana a sua explicação (ARDIGÓ), não seria difficil concluir-se por ser acceito o ignoto, como quer e entende o volumoso philosopho italiano, ROBERTO ARDIGÓ, cuja obra foi primeiramente lida, no Brasil, por CLOVIS BEVILAQUA. Entre o modo d'encastrar-se o phenomeno primordial, ou o facto basico, e o modo de dar-se a sua explicação, ha a necessidade, para cercear barreiras ao espirito do scientista, da argumentação do ignoto, como uma brécha indispensavel para a fuga do raciocinio, que exige a observação, a experiencia e a comparação, como bases amplas e geraes, conductoras ao conhecimento maximo da verdade escondida no manto pesado da ignorancia.

Não podemos admittir o incognoscivel. Todavia, o ignoto, o que ainda não está conhecido, é necessario que se adopte, porque, evolucionista como somos, não podemos admirar a natureza actual como inteiramente conhecida e divulgada. Mas, accetar o incognoscivel, o nomenon, ou o ignoto, para não querer explicar o mundo inicial, é obtuso para nós, que consideramos o movimento a causa primeira e unica de todo o universo. Entretanto todos os philosophos pantheistas, mais ou menos, se esbarram no ponto inicial, não negando a existencia de um facto além, que, no fundo, é o mesmo principio—a natureza. Assim o pantheismo do proprio chefe do mecanicismo, de ERNEST HÆCKEL, que acceta um «espirito divino que obra nos pheno-

menos da natureza, o espirito em que nós existimos, vivemos e obramos».

E' o traço restante da metaphysica, que de todo não acabou o seo dominio no terreno das discussões philosophicas, pois, adoptar-se uma causa extranha ao conhecimento humano, é ir-se além do physico, que nos é dado perceber. Mas, essas causas, não sendo em nada exactas ou verdadeiras, têm variado, segundo os auctores.

Vejamos, assim, as suas principaes modalidades.

1.ª O *Deus*—um poder director, ao qual os religiosos prestam cultos, como á força matriz de todo o universo, mas invisível, e, experimentalmente, imperceptível ao homem—servindo de característico principal ao que se chama de *theoria anthropomorphica*, que assim se resume, conforme as palavras de SPENCER: «O anthropomorphismo é resultado inevitável das leis do pensamento. Nós não podemos esboçar um só dos traços da idéa de Deus sem lhe fixar attributos humanos. Não podemos mesmo falar da vontade divina sem assimilar a natureza divina á nossa; porque não conhecemos outra vontade além d'aquella que é propriedade do nosso espirito».

2.ª A *natureza*—poder director, explicando-se, além do mais, por si mesma, como quer W. NICATI, o que constitue o fundamento philosophico do inexplicável *naturalismo sufficiente*, ao qual L. FILGUEIRAS é adhezo «desde a sua vida academica».

3.ª A *idéa-limite*—de KANT, ou o *nomenon* (*Umbe-kantes Etwas*), inacessível aos espiritos vulgares, bem como o *principio-origem* de PLATÃO, que só era acessível aos espiritos eminentemente superiores. E' o *nomenon*, o eterno incognoscível do criticismo de KANT,

que assim se externa em sua—*Critica da razão pura*: «Todas as tentativas no sentido de demonstrar a existencia de Deus, partem, ou da experiencia, ou de suas qualidades particulares, reconhecidas como do nosso mundo sensível, elevando-se assim do mundo, e segundo leis de causalidade, até á causa suprema fóra do mundo; ou, empiricamente, não põem em principio senão uma experiencia indeterminada, isto é, uma existencia qualquer; ou, finalmente, concluem, fazendo abstracção de toda a experiencia, inteiramente *à priori*, de simples conceitos, a existencia de uma causa suprema. A primeira prova é a physio-theologica, a segunda é a cosmologica, e a terceira, a ontologica... Demonstraremos que a razão não se adeanta mais numa d'estas direcções (*a empirica*) do que na outra (*a transcendental*) e que é baldado ella distender as suas azas afim de elevar-se, só por força da especulação, acima do mundo sensível».

4.ª A *materia*—porque «a materia sem começo e sem fim, com suas propriedades necessarias, é que é a cousa em si, isto é, a unica realidade», como pensou e escreveu LUIZ BUCHNER.

5.ª O eterno *ignorabimus*—que deve pairar, na phrase de DUBOIS REYMOND, sobre certas e determinadas questões, que a metaphysica tem tentado resolver sem alcançar, e que a sciencia resolve, quando se faz metaphysica.

6.ª A *natura naturans et naturata*—de SPINOSA, muito anterior á idéa da *natureza*, como têm os sectarios do *naturalismo sufficiente* de W. NICATI.

7.ª O *inconsciente*—de ED. VON HARTMANN. Procurando as causas finaes, este auctor poude verificar a sua producção por um *Todo Inconsciente*, a prin-

cipio *natura naturata*, para depois ser *natura naturans*. E o *inconsciente* é o *alpha* e o *omega* da natureza, tendo ingerencia, como o Deus da theologia, immediatamente, nas leis naturaes, podendo restringil-as e suspendel-as. Eis como, em seo ultimo livro, VON HARTMANN deixou comprehender as causas finalisticas: «O espirito individual é, segundo a minha concepção, um grupo relativamente constante de funcções inconscientes do Espirito absoluto, funcções que encontram no organismo, que governam o laço de sua unidade simultanea e successiva». E, adiante, continúa elle: «A prova da persistencia provisoria do espirito individual, depois da morte, não motivaria siquer uma modificação do meo espirito philosophico, no ponto de vista dos principios, porém ampliaria, simplesmente, o dominio das applicações, em certa direcção; em outros termos, ella não vibraria golpe algum na phenomenologia do Inconsciente». Esse modo de encarar os factos originou a moral excessivamente pessimista de seo auctor.

8.ª A *idéa*—uma realidade subjectiva, racional, opposta, verdadeiramente, á *idéa-limite*, ou ao *Umbe-kantes Etwas* de KANT, a qual se externa em natureza, como diz o seo auctor, HEGEL.

9.ª O *impenetravel*—de AUGUSTE COMTE, que confessa ignorar, por completo, a causa primeira das cousas, julgando-se positivo, justamente porque não admite nenhuma criação metaphysica.

10.ª A *vontade*—de SCHOPENHAUER, para quem «o *nomenon* é que é a realidade, porque não pôde haver objecto sem sujeito, e d'ahi o absurdo do materialismo, como tambem não pôde haver sujeito sem objecto, e d'ahi o absurdo do idealismo abstracto, do puro intellectualismo, que reduz tudo a idéas», pelo que «o mundo

é nossa representação—*Vorstellung*». Ora, si a vontade, como se vê, é a nossa essencia, e o mundo só pôde ser comprehendido, em qualquer de seos phenomenos, por nós mesmos, conclue-se a correlação da nossa vontade com a vontade do mundo. Temos, pois, tres caracteres para a vontade: identidade, indestructibilidade e liberdade. A identidade comprehende-se em causa (*Ursache*), excitação (*Reiz*) e motivo (*Motiv*). A indestructibilidade mostra-se no facto de que, na economia cosmica, só a vontade governa. E a liberdade, na phrase do auctor, é constituida pelo *esse* e não pelo *operare*. Por tudo isso, o systema philosophico de SCHOPENHAUER, extremamente pessimista, é denominado *panentheismo*.

II.ª O *sentimento*, não isolado, mas em companhia do *movimento*—que constitue o monismo philosophico de NOIRÉ, original monismo que tem dupla causa—*movimento* e *sentimento*—e é um mixto do *criticismo* de KANT, do *transformismo* de DARWIN e da *vontade* de SCHOPENHAUER. Esse monismo, dito philosophico, para oppôr-se ao naturalistico, tem por idéa directora (TOBIAS BARRETTO) que o universo se compõe de atomos, inteiramente eguaes, que são dotados de duas propriedades—uma interna, o *sentimento*,—e outra externa, o *movimento*. E, assim, continúa TOBIAS BARRETTO: « Bem como os atomos, o sentimento e o movimento, que lhes são inherentes, são tambem originariamente eguaes. D'estas duas propriedades originarias, inseparaveis, resulta todo o *desenvolvimento*, ou antes, o que se chama *desenvolvimento*, é a somma ou o producto de ambas; de modo que todo e qualquer desenvolvimento é reductivel a uma modificação do *movimento*, mas tambem, e ao mesmo tempo, todo e qualquer

desenvolvimento é reductivel a uma modificação do *sentimento*». Por isso, conclue-se que o universo inteiro é *força e vontade (sentimento e movimento)*: «Como força, *apparece*; como vontade, *é*; ou, para falar a linguagem de KANT, como força é *phenomeno*; como vontade, *nomenon*».

12.ª O *incognoscivel*—de HERBERT SPENCER. Vem da crença num *absoluto*, que ultrapassa, não só o conhecimento humano, porém a concepção do homem, constituindo a harmonia philosophica entre a sciencia e a religião. E, partindo-se de que «a hypothese de um *principio de tudo é desnecessaria*», vae-se ter á idéa de que «todas as cousas que nós conhecemos são manifestações do *incognoscivel*», porquanto «o pensamento do relativo implica o pensamento do absoluto», e o absoluto póde *constituir um artigo de fé*, mas não um assumpto de sciencia, estando ahí «o unico meio de reconciliar a sciencia com a religião», a fé com a sciencia!... por espirito de tolerancia. H. COLLINS resumio assim o conceito principal do *incognoscivel*, que se funda na relatividade do conhecimento: «A concepção do absoluto e do infinito, seja qual fôr o aspecto por que se o encare, parece cercada de contradicções. Ha contradicção em *suppôr-se* que um objecto existe, quer isolado, quer unido a outros, e ha contradicção em *suppôr-se* que elle não existe». E, depois, finalisa: «Si a religião e a sciencia podem reconciliar-se, é sobre esse factó, o mais profundo, o mais amplo, e mais certo de todos, que o poder, de que o universo é para nós a manifestação, é completamente impenetravel».

13.ª O *ignoto* ou *ignoto di arrivo*—de ROBERTO ARDIGÓ, fundado no principio kanteano—a intelligencia não extrae da natureza as suas leis, mas ella propria é

que lh'as prescreve—estabelece a ignorancia da unidade da natureza, fazendo do *ignoto* universal uma idealidade, que illimita a esphera do pensamento humano.

Assim, os philosophos hodiernos encaram a causa ultima ou o factor primordial dos mundos. Nesse ponto estão elles, ainda, imbuidos da metaphysica. Quem encontra uma força natural, com a capacidade logica e natural, de facto e de idéa, para explicar a genese e a formação dos mundos, não tem a necessidade de ir além do physico, buscar a causalidade universal.

Querendo escapular do mundo physico, LEOVIGILDO FILGUEIRAS escreve: «Mas além de phenomenos, nada mais existirá? E si existe alguma cousa mais, poderá ser conhecida? Si existe, o que será: uma idealidade ou uma realidade? Si é uma idealidade, será um generico de todos os nomenos ou um generico de todos os phenomenos? Si é uma realidade, será incognoscivel ou simplesmente ignota? Eis problemas que não sendo soluveis pelos processos do methodo experimental, senão só por hypotheses, e, portanto, não podendo constituir objecto da sciencia, só á philosophia compete abordal-os». Carecentes de objecções, essas apreciações do illustrado professor, contrapõem-se, em toda a linha, ao valor positivo de seo trabalho. Coubesse nos estreitos limites d'este livro, e nós, além de mostrarmos a flagrante incongruencia entre o «si existe» e o «idealidade», como si o que existe possa deixar de ser uma realidade, e o metaphysicismo das conclusões, enveredaríamos pela discussão do erro crasso de considerar-se a philosophia como tendo por objecto as hypotheses. Concluindo isso, esse mesmo escriptor contradiz, não só o character evolucionista da philosophia, considerada como o plasma das sciencias, mas tambem o pensamento de

EUGÈNE DE ROBERTY, que L. FILGUEIRAS inscreveo, como bandeira de combate, ou programma de acção, no frontespicio de seo livro: «Si l'analyse est le corps, l'hypothèse est l'âme de la science».

Mas, problema resolvido, a causa primeira (o movimento) não é metaphysica. Ella é um phenomeno physico. E' assumpto de sciencia, não é hypothese para competir, unicamente, á philosophia abordal-a. Nem tão pouco a philosophia tem por objecto as hypotheses!

Eis que podemos definir a sciencia — a systematisação coordenada dos conhecimentos humanos; eis que podemos definir a philosophia — a generalisação coordenada das causas univèrsaes.

Mas, assim definida, a sciencia não é o methodo scientifico, nem tão pouco é a sciencia applicada como methodo, conforme passamos a estudar em outro capitulo.



METHODO SCIENTIFICO

SUMMARIO: *O methodo scientifico.—Os elementos que o compõem: a comparação e a filiação.—A observação. — As sciencias. — Classificação das sciencias—COMTE.—SPENCER.—NEIL ARNOTT e outros.—FERRÃO MONIZ.—SYLVIO ROMERO.—Os tres mundos e as sciencias respectivas.—Classificação das sciencias pelos phenomenos respectivos.—A sciencia usada como methodo.*

A moda antiga do estudo scientifico, procedendo de um principio erroneo e errado, o *geocentrismo*, pelo qual a terra occupava o centro do mundo, escapou-se muito subtilmente, depois que os dois grandes caminhos do methodo scientifico—a *analyse*, que parte das consequencias para o principio, do composto para os elementos, e a *synthese*, que vae do principio ás consequencias, dos elementos para o composto—se assenhorearam do processo de investigação de verdades.

E, o methodo scientifico tornou-se uma realidade, na inducção e na deducção applicadas, commixtamente, para determinar-se o evolucionismo dos factos e dos phenomenos, estabelecendo-lhes uma filiação, a fim de ficar conhecida a sua verdadeira causa unica, e comparando-os, para os resultados sorprendentes das classificações naturaes. D'esta fórma o *à priori*, ou o

subjectivismo, cedeo o campo ao *à posteriori*, ou ao objectivismo.

São, pois, de relevante valor scientifico as comparações, na escala animal, organisadas por GEGENBAUER e HUXLEY, que fundaram a anatomia comparada, resultando, muito claramente, de seos estudos, a seriação geneologica das especies vivas, em que HÆCKEL se firmou para determinar a evolução philogenetica, que é a evolução da escala animal. Comparação e filiação, pois, são os elementos do methodo scientifico.

Quando se systematisam, quando se reduzem a idéas e factos systematisados as cognições dos homens, se determina uma sciencia, de onde a definição spencereana—sciencia é a unificação parcial dos conhecimentos humanos. Surgem, assim, duas fórmulas de encarar-se a systematisação scientifica, a primeira d'ellas podendo, com vantagens, ser empregada como methodo; a) como uma fórmula ampla do conhecimento dos homens; b) como diversas fórmulas especiaes d'esse mesmo conhecimento. D'ahi existirem uma sciencia e diversas modalidades d'essa mesma sciencia, que se chamam sciencias. Os conhecimentos humanos, d'esta fórmula, pela sua distenção, pela sua complexidade, pelo seo maximo desenvolvimento, pela sua diversidade, agrupam-se, differenciadamente, recebendo nomes diversos e tendo campos especialissimos de acção. Isto acontece porque a variedade dos phenomenos e factos reductiveis e reduzidos a systemas especiaes, na capacidade, maior ou menor, do conhecimento humano, estabelece a possibilidade de divisão de causas, principios, effectos e consequencias, formando-se, assim, diversos ramos do saber dos homens. Ficou-se, desde logo, pela differenciação que se ia assignalando, na necessidade

de fazer entrar numa ordem que se assimilhasse, tanto quanto possível, á ordem natural dos respectivos phenomenos, as variadas classes de sciencias.

Assim, pois, innumerous systemas appareceram com esse objectivo, os quaes é de necessidade registarmos, em resumo, obedecendo á chronologia dos apparecimentos. O mais antigo d'esses systemas foi o de BACON. Por elle, as sciencias se classificaram conforme as tres faculdades principaes do homem, ou as tres maiores fontes de producção intellectual—a memoria, a imaginação e a razão—em tres correspondentes—a historia, «obra da memoria, colhendo os factos particulares», a philosophia, «obra da razão, comparando, classificando, organisando os dados da historia», e a poesia, «obra da imaginação sendo o dominio da ficção, da fabula, da criação». A historia foi dividida em natural e civil, ou social; a philosophia estudava Deus, a natureza e o homem; e a poesia era narrativa ou epica, dramatica, parabolica ou allegorica. Irremediavelmente, depois de soffrer algumas modificações por D'ALEMBERT, que introduziu admiraveis aperfeiçoamentos nas subdivisões, ao ponto de dividir a sciencia do homem em dous capitulos, a logica e a moral; depois de outras tantas modificações por DIDEROT, a classificação de BACON foi despresada e substituida pela de AMPÈRE, segundo a qual são dois os grupos das sciencias: cosmologia, que trata do mundo material, e noologia, que trata do mundo moral. Entre as cosmologicas estão: sciencias abstractas ou exactas, sciencias concretas e mixtas. As primeiras comprehendem: a geometria, a arithmetica, e a algebra; as segundas: a mineralogia, a geologia, a botanica, e a zoologia; as terceiras: a astronomia, a mecanica, a physica, e a chimica. Pelo outro lado, as

noologicas não moraes e noologicas propriamente ditas, sendo que se classificam moraes: a historia, a jurisprudencia, a economia politica, e a linguistica, bem como são noologicas propriamente ditas, a psychologia, a logica, a moral, a esthetica e a metaphysica.

Na *Encyclopedia Metropolitana*, que se começou a editar em 1815, appareceu a seguinte classificação, conforme as quatro partes da obra:

1.ª Sciencias puras, divididas em duas categorias: a) sciencias formaes—grammatica, logica, rhetorica, mathematicas e metaphysica; b) sciencias reaes—jurisprudencia, moral e theologia;

2.ª Sciencias compostas, comprehendendo a mecnica, a hydrostatica, a pneumatica, a optica e a astronomia (a maior parte do que se chama, hodiernamente, philosophia natural);

3.ª Sciencias applicadas, divididas em quatro grupos: a) a philosophia experimental—magnetismo, electricidade, calor, luz, chimica, acustica, meteorologia, e geodesia; b) bellas-artes; c) artes uteis; d) historia natural, com suas applicações á medicina,—espalhadas estas nas terceira e quarta partes da profusa publicação scientifica.

A' classificação acima, em 1828, seguiu-se a de NEIL ARNOTT, distribuindo as sciencias em quatro classes: a) physica; b) chimica; c) vida; d) espirito—conforme «as quatro grandes categorias das leis que regem a natureza».

Posteriormente (1830-1842) AUGUSTE COMTE, no seu livro—*Cours de philosophie positive*—baseado na ordem de generalidade decrescente e de complexidade crescente, abriu dous grandes grupos para todas as

sciencias conhecidas: a) sciencias abstractas; b) sciencias concretas.

Sobre esta classificação escreveo um publicista brasileiro: «AUGUSTE COMTE, na sua philosophia positiva, depois nas suas outras obras, nos dá, o que nos parece, o verdadeiro principio das classificações das sciencias, mas infelizmente não se deo ao trabalho de formular um systema figurado de todos os conhecimentos humanos: contentou-se com bem caracterisar e determinar a esphera de cada uma das sciencias abstractas, de mostrar a differença que existe entre ellas e as concretas, e entre as especulativas e as sciencias praticas. Fez uma taboa geral da classificação das sciencias theoreticas, mas em diversos logares de suas differentes obras, apresenta differentes modos de reunir essas sciencias em outras maiores, conservando sempre a mesma ordem de successão entre essas sciencias, porém, e nesses modos diversos de reunir as sciencias fundamentaes em grupos, segue, ás vezes, o methodo dichotomico, outras o trichotomico, etc., e não presta assás attenção ao desejo de symetria inherente ao homem quando trata de arranjos de qualquer natureza». (FERRÃO MONIZ).

Esses conceitos, entretanto, que subscrevemos, absolutamente, não vedam que prosigamos na enunciação do quadro de sciencias comteano. Assim, depois de divididas as sciencias nos dous grandes grupos de abstractas e concretas, apresentam-se as subdivisões seguintes. E, começando pelas que são as bases do conhecimento, pelas abstractas, elle passou ás concretas, segundo os principios das generalidades, da simplicidade e da independencia: 1.^a mathematicas; 2.^a astronomia; 3.^a physica; 4.^a chimica; 5.^a biologia; 6.^a so-

ciologia. Augmentaram as dimensões da classificação comteana, innumeradas subdivisões interiores. As mathematicas subdividiram-se, assim, em duas partes: uma mais abstracta, tratando da applicação dos numeros, incluindo a arithmetica, a algebra e o calculo superior, e outra mais concreta, tratando da applicação dos numeros ao espaço (a geometria) e ao movimento (mechanica racional). Leiamos alguns trechos de HERBERT SPENCER: «No segundo capitulo do—*Curso de philosophia positiva*—diz o auctor que o seo problema é o da escolha de uma ordem verdadeiramente racional de classificação, entre um grande numero de systemas possiveis; que esta ordem é determinada *pelo gráo de simplicidade*, ou, o que vem a ser a mesma cousa, *de generalidade dos phenomenos*. Deduz d'ahi a seguinte serie: *mathematica, astronomia, physica, chimica, physiologia e physica social*. Affirma ser esta a verdadeira filiação das sciencias. Assegura, um pouco mais adiante, que o principio de progressão de um maior a um menor gráo de *generalidade*, que dá ordem ao *complexo das sciencias*, dispõe tambem as partes *componentes* de cada uma d'ellas. Declara finalmente, que a gradação, assim estabelecida *a priori*, entre as sciencias e as divisões de cada sciencia, está de conformidade essencial com a ordem que espontaneamente, se desenvolveo entre os ramos da philosophia natural, ou, por outros termos, corresponde á *ordem do seo desenvolvimento historico*».

Mas, em diversos debates apparecidos, posteriormente, as numerosas incongruencias do systema comteano, ficaram, bastantemente, assignaladas, não valendo em seo favor as defezas de LITTRÉ feitas á classificação hierarchica do positivismo. E, por isso

sendo mais aceita a obra de SPENCER, que teve «o supremo bom senso, na bella phrase de SYLVIO ROMÉRO, de evitar a idiotificação systematica».

No seo bello opusculo—*The genesis of science*—HERBERT SPENCER desenvolveo as quatro theses seguintes, segundo a palavra auctorizada e honesta de SYLVIO ROMÉRO:

a) identidade fundamental do saber commum e do saber scientifico, apenas, distanciados por uma questão de gradação;

b) necessidade de uma embryologia das sciencias, afim de determinar-se a sua origem, seo ponto de partida, suas transformações, sua evolução em summa;

c) intercommunicação e interdependencia, de alto a baixo, na evolução de todas ellas;

d) artificialidade das classificações das sciencias em ordem serial.

Nesse mesmo livro, o magestoso philosopho inglez escrevec, quasi ao fechar as suas paginas transcendentales: «Não existe uma só sciencia, que se desenvolva de um modo isolado; uma só que seja independente das outras, quer historica, quer logicamente. Todas se têm, em gráo mais ou menos profundo, entrelaçado e auxiliado mutuamente». E, guiado por essas idéas, foi que SPENCER apresentou a sua classificação scientifica, na sua obra intitulada—*The classification of sciences*—, fundamentando-a, ao par de uma critica austérea á classificação comteana, na theoria da evolução, e tendo por pensamento capital, que toda a classificação de sciencias é provisoria e aperfeiçoavel.

Para SPENCER, ha tres categorias de sciencias: a) abstractas; b) abstracto-concretas; c) concretas,—sendo as primeiras aquellas que tratam das relações as mais

abstractas de todas: o espaço, e o tempo—mathematicas e logica; as segundas, as que tratam das leis graves do movimento, da materia e da força, «comtanto que possam ser separadas dos phenomenos concretos»; e as terceiras, emfim, as que tratam das totalidades dos phenomenos. D'ahi, o seguinte resumo:

1.ª Sciencias abstractas: logica e mathematicas, subdivididas estas em cinco grupos: a) calculo indeterminado,—com applicação na estatistica; b) calculo definido, comprehendendo a arithmetica, a algebra e o calculo das operações; c) geometria; d) cinematica; e) geometria do movimento;

2.ª Sciencias abstracto-concretas, subdivididas em tres grupos: a) mechanica; b) physica; c) chimica;

3.ª Sciencias concretas, comprehendendo: a) astronomia; b) biologia e geologia; c) psychologia; d) sociologia.

Bastam essas divisões primeiras para ficar bem comprehendida a classificação spencereana, á qual succedeo, chronologicamente, a de COURNOT, que vem exarada no seo importante livro—*Essai sur les fondements de nos connaissances*,—onde se dispõem todas as sciencias em tres grandes classes parallelas:

1.ª Sciencias theoreticas;

2.ª Sciencias descriptivas e historicas;

3.ª Sciencias praticas.

Adaptando, a cada uma d'estas classes, cinco grupos de sciencias, COURNOT classificou-as assim: 1.ª mathematicas; 2.ª physicas; 3.ª biologicas; 4.ª noologicas; 5.ª sociaes.

Por sua vez, os philosophos allemães apresentaram classificações, partindo de principios *à priori*, entre as quaes estão as de KANT, SCHELLING e HEGEL, que ficam,

Incontestavelmente, muito aquem do terreno conquistado pela disposta classificação de HERBERT SPENCER.

Entre nós, duas classificações merecem especial menção: as de ANTONIO FERRÃO MONIZ, e de SYLVIO ROMÈRO.

Eis um resumo da primeira d'ellas, que é feita numa divisão primeira em tres grupos: a) sciencias abstractas; b) sciencias concretas; c) artes, ou sciencias praticas. A's primeiras, tambem chamadas theoricas, o auctor deu a subdivisão em: cosmologicas ou somatologicas, e noologicas, ou pneumatologicas ou ainda psychologicas, «umas tendo por objecto a natureza, outras o espirito, conforme HEGEL, o real e o ideal, conforme SCHELLING. O primeiro tronco comprehende todas as sciencias, que tratam das propriedades da materia, e de seos phenomenos. O segundo compõe-se de todas as sciencias, que se occupam das faculdades intellectuaes e moraes do homem, e de todos os seos phenomenos». As sciencias cosmologicas entram numa nova divisão: 1.º sciencias posologicas ou das quantidades—maticas abstractas—*a*) arithmologia *b*) megethologia; 2.º sciencias poisologicas ou das qualidades—cosmologicas theoricas—*a*) somatologia, *b*) biologia. A arithmologia é arithmetica e é algebra; a megethologia é geometria e é phoronomia. A somatologia, é astronomia, é physica e é chimica; a biologia é phytobiologia, é zoobiologia e antropobiologia. As sciencias noologicas, ou philosophicas, dão as seguintes subdivisões: 1.º sociologia abstracta—*a*) psychologia, *b*) sociologia; 2.º teleologia abstracta—*a*) teleologia, *b*) deceologia. Apsychologia é psychologia e sematologia; a sociologia é poleologia e socionomia. A teleologia é gnosologia (logica), esthetica e plontologia; a deceolo-

gia é ethica e theodicea. A's sciencias do segundo grupo geral--ás sciencias concretas descriptivas e historicas--foi dada a classificação em duas ordens: cosmologicas concretas, descriptivas e historicas, e noologicas concretas, descriptivas e historicas. As primeiras subdividiram-se em: 1.º mathematicas concretas--*a)* cerdoristica, *b)* metrologia; 2.º cosmologia descriptiva ou historia natural--*a)* anorganologia, *b)* organologia. A cerdoristica é cerdoristica e syntactica; a metrologia é metrologia e mecanica. A anorganologia é uranologia, geologia e oryctologia (mineralogia); a organologia é phytologia (botanica), zoologia e anthropologia. As segundas--as noologicas concretas--subdividiram-se tambem: 1.º sociologia concreta, descriptiva ou historia--*a)* ethnologia, *b)* historia; 2.º teleologia concreta, descriptiva ou historica--*a)* dialegmatica; *b)* theomologia. A ethnologia é ethnologia e glossologia; a historia é estatistica e historia. A dialegmatica é methesiologia, terpnologia e chrematologia; a theomologia é theomologia e hierologia. A's sciencias do terceiro grupo geral--sciencias praticas ou artes,--o auctor destinou a distribuição em duas classes: artes objectivas ou cosmologicas e artes subjectivas ou noologicas. As primeiras subdividiram-se em: 1.º artes technestheticas--*a)* paisologia, *b)* technesthetica; 2.º artes tecnologicas--*a)* tecnologia, *b)* biotechnica. A paisologia é paisologia e petteiologia; a technesthetica é plastica e rhythmica. A tecnologia é metaphorologia, tecnologia e oryctotechnica; a biotechnica é phytotechnica (agricultura), zootechnica e iatrologia (medicina). As segundas--as artes subjectivas ou noologicas--subdividiram-se tambem: 1.º artes politicas ou sociologicas,--*a)* pedagogica, *b)* politica; 2.º artes ethicologicas ou teleologicas--*a)* nootechnica, *b)* ethicologia. A pe-

dagógica é pedagogia e chrestomathia; a política é nomenclologia (legislação) e cybernitica (administração). A nootechnica é methodologia, terpnotechnica e chrematotechnica; a ethicologia é ethicologia e sebasmatica.

Demasiadamente longa esta classificação, que apresentamos em resumo, revela engenho e talento, por parte de quem a estabeleceu. O seu auctor fundamenta-a com as seguintes palavras, de indispensavel transcrição: «Formamos um grupo contendo todas as sciencias abstractas, e por meio d'ellas estudamos a theoria de todos os phenomenos geraes da natureza, e do espirito humano, e de todas as leis a que estão sujeitos; depois formamos outro grupo contendo todas as sciencias concretas, pelas quaes temos uma descripção particular de todos os seres naturaes, que nos são accessiveis, e uma historia particular de todos os factos do espirito humano; e assim os conhecimentos relativos aos phenomenos e ás suas leis, são seguidos dos de suas manifestações nos seres reaes e particulares. Depois d'esses estudos passamos para o terceiro grupo de sciencias, que tratam de todas as applicações praticas dos conhecimentos humanos». E, assim, FERRÃO MONIZ conseguiu classificar as sciencias.

A classificação de SYLVIO ROMÉRO, creada, porém, num momento de discussão e combate, muito communs no talento brilhante do fecundo publicista sergipano, organisa as sciencias em tres classes: 1.ª sciencias perfeitas; 2.ª quasi-sciencias; 3.ª falsas sciencias.

Como conciliar, entretanto, a falsidade da sciencia com a verdade scientifica? que quererão significar, si não um absurdo, as *falsas-sciencias*?

Ora, pois.

Nenhuma classificação, em rigor, satisfaz o desejo

do espirito humano ordenar os seus conhecimentos. Todavia, a classificação mais razoavel, a que menos se afasta do character evolucionista do conhecimento dos homens, é a de HERBERT SPENCER. Ella abrange todas as sciencias. Mas, ainda assim, como a quiz o seu fecundo auctor, é aperfeiçoavel, é susceptivel de uma ordenação mais rigorosa, que será aquella que se determinar obediente á filiação natural dos phenomenos, classificados, hoje em dia, em tres espheras, que se succedem e completam-se, e na qual muito bem podem ser succedidos os diversos systemas parciaes do saber humano.

Enveredemos pela serie ascendente dos phenomenos, partindo dos meramente mecanicos, que occupam a base da escala evolucionista, e cheguemos ao facto social, ao phenomeno juridico, o mais complexo de todos elles, para desenvolvermos a ordem systematica dos conhecimentos humanos em tres grupos relativos aos tres mundos em que se divide o universo: o physico, o organico e o superorganico.

Esse trabalho, porém, deve caber a outros, ficando em vigor, para os que quizerem, a classificação spencereana, até que nos appareça alguma outra mais aperfeiçoada, menos forçada e mais evolucionista.

Entretanto, por todas essas classificações, especialmente pelas hodiernas, a religião não foi considerada sciencia. E não será de facto uma sciencia? Eis o assumpto capital do proximo capitulo.

RELIGIÃO

SUMMARIO: *As epopéas cosmogonicas.—Que é religião?—A idéa de Deus.—HEUPGEN.—Pretendida sciencia da religião.—O seu fim e supposta utilidade.—O symbolismo religioso.—Atheismo e deismo.—Theologia comparada.—Danos e prejuizos produzidos aos homens e ás sociedades pela religião.—O sacerdocio e as egrejas.—A creação da ordem na humanidade.*

Ta materia de religião, de accordo com a nossa insubmissão systematica, podemos dizer que ninguem, absolutamente ninguem, poudo, ao nosso ver, referir-se melhor ao phenomeno religioso—phenomeno porque é uma acção consciente ou inconsciente no campo dos phenomenos psychicos—de que PROUDHON, quando alludio ás epopéas cosmogonicas. «A religião, disse elle, ensaiando dar a razão, ao seu geito, das cousas, exprimindo-se por meio de figuras e allegorias, e secundada nesse ponto pela viva imaginação das sociedades modernas, produziu, desde a origem, vastas epopéas cosmogonicas e todo um mundo de fantasmas. Incapaz de observar e de definir, ella refugiava-se no symbolismo. Ora, que é o symbolo? a materialisação da idéa, uma especie de hieroglypho, representando uma formula. Que prova elle? a impotencia de generalisar e de abstrair, a oppressão do espirito pelo facto da substancia».

A preocupação da pesquisa da verdade, para a

qual a religião é inteiramente impoderosa, não consente que se liberte, no terreno das discussões religiosas, o espirito da crença na intervenção do poder divino, variavel conforme as nações, as raças, as sociedades, as familias, os homens, e mais do que isso, conforme os cerebros, ou, ainda, conforme o gráo de cultura do mesmo cerebro. Mas, a sciencia hodierna, desprendida da nebulosa homogenea, em que sciencia, religião e philosophia viviam unificadas, porque a verdade era uma só, inspirada por Deus, abandonou o servilismo dos intolerantes de qualquer systema, enveredando pelos arraiaes oppostos aos da superstição e fugas do raciocinio, onde impera, sempre disposto a cahir sem remissão, o cutello fantasista e sophismatico da auctoridade divina, creadora dos céos e da terra, distribuidora das luzes e das trevas, e auctora omnipoderosa do ser humano á sua imagem.

Muito facilmente se allega e traz-se como labaro nas cruzadas das pesquisas e das observações da natureza, a verdade da religião. Raro, entre discutidores crentes e descrentes, se deixa de allegal-a, não se demonstrando a sua existencia, quer em sua propria manifestação, quer na de seus effeitos uteis ou beneficos para a humanidade. Que se entende, no entanto, por verdade religiosa? Para alguns intransigentes, essa verdade religiosa é um facto completamente extranho ás pesquisas da sciencia, porque com esta a religião é irreconciliavel, aos methodos scientificos, porque, em vista de seu character sagrado, o phenomeno religioso está acima de todas as explorações da cultura humana; para outros, a verdade religiosa está collocada na mesma linha das verdades scientificas, é a mesma da chimica, da physica, da astrologia, etc.; para terceiros, finalmente,

a verdade religiosa está na reconciliação da sciencia com a religião, que acontece quando se crê em um absoluto, que ultrapassa, não sómente o conhecimento humano, mas tambem a concepção do homem (HERBERT SPENCER). De todos esses aspectos da chamada verdade religiosa, o menos reprovavel é o da intransigencia, pois, a crença não se fragmenta nem condescende, sem prejuizo de seo proprio prestigio.

Ora, si *Deus é tudo*, reciprocamente, *tudo é Deus*, e a unica verdade religiosa é a que estende o poder do ente creador a todos os effeitos da causa geradora dos mundos. Para esses, para os crentes intolerantes, a religião é um assumpto sagrado, inatacavel, livre de falhas e erros, de pontos sombrios e obscuridades. Para os outros, a religião é uma sciencia, relacionada, muito proximamente, com as demais sciencias, e especialmente com as ditas naturaes, tendo principios e doutrinas, regras e normas para a observação dos phenomenos respectivos; mas, emquanto na sciencia verdadeiramente comprehendida, o methodo usado vem a ser o *à posteriori, objectivo*, na religião o methodo é *à priori, subjectivo*. Assim, todo o conhecimento tem por primeira condição uma experiencia feita pelos sentidos dos homens: isto é de facil verificação no dominio da sciencia; mas, na religião como se experimentar Deus? Esta questão de methodos, aqui incidentalmente referida, havemos de discutir, amplamente, em proximo capitulo. Resta-nos, por emquanto, saber como os spenceristas encaram a religião, o que é assás facil de apuração, desde quando se sabe, francamente, que elles crêm num absoluto, que ultrapassa, não sómente o conhecimento humano, mas tambem a concepção do homem. Ora, esse absoluto vem a ser

um facto necessario e natural, logo a religião é, occupando-se do absoluto, do incognoscivel de SPENCER, um departamento philosophico, um travessão entre a verdade conhecida e a desconhecida. Ha, pois, para esses uma religião natural. Em tempos, conforme nos diz GEORGE GROTE, no seo livro—*A religião natural e sua influencia sobre a felicidade do genero humano*—escripto de accordo com os papeis deixados, sobre o assumpto, por JEREMIE BENTHAM, se acreditou em uma religião natural, como o ensinamento da natureza falando a uma alma, que o erro ainda não tivesse infestado. Depois ella passou a ser um producto da reflexão e da critica, em uma epoca relativamente adeantada de conhecimento. «Poder-se-ia dizer que haviam tantas religiões naturaes, refere E. CAZELLES, quantos philosophos capazes de desprender das crenças de seos contemporaneos uma doutrina apurada, tratando da origem do homem e de seo destino ». E, deste pensamento, é SPENCER, quando affirma que as formas das religiões, do mesmo modo que as formas dos governos, devem estar apropriadas áquelles que as adoptam, e isto não deixa de ser, tambem, o que adeantou GEORGES HEUGEN. Ha, pois, tantos deuses quantos religiosos e deistas, tantos christãos quantos catholicos, tantos brahmanos quantos buddistas, tantas concepções quantas figuras, porque o homem tem o habito manifesto de criar os deuses á sua imagem, elevando-o, tanto quanto possivel, em belleza e em perfeição. Acontece, porém, que HERBERT SPENCER não faz referencia á expressão—religião natural—de que temos feito uso; todavia, como elle apresentando um systema de philosophia da natureza, admite o absoluto, reconciliando a sciencia com a religião, esta ha de ter, como parte inicial d'a-

quella, o seo character, isto é, ha de ser uma religião natural, ou uma religião da natureza. Ahi está o valor do incognoscivel do philosopho britannico. D'elle se origina, ou, melhor, com elle se qualifica a tendencia religiosa do auctor, e dos seus discipulos. Para aquella a causa ultima não tem representação, mas o seo espirito de tolerancia, alargando-se, livremente, firmou-se em tres factos cardeaes: «A existencia de uma verdade fundamental sob todas as fórmas de religião, por mais degradadas que ellas sejam; os elementos concretos em que cada crença encarna essa verdade, são bons relativamente, mas não absolutamente; as crenças diversas são partes essenciaes da estabelecida ordem das cousas, e são seguimentos necessarios da vida humana—cada uma d'ellas estando apropriada á sociedade em que se desenvolve, espontaneamente».

Deante do exposto, podemos procurar definir a religião, no seo sentido mais amplo ou mais geral. Pela palavra religião, pois, devemos tomar a crença ou a fé na existencia de um ser omnipoderoso, com capacidade sobrenatural para distribuir penas e prazeres aos homens, no decurso de uma vida que se ha de tornar indefinida. Não é isto, porém, a religião natural, que, na expressão de GEORGES GROTE, é aquella que se não apoia sobre nenhuma declaração escripta ou reconhecida, de onde se possa tirar algum conhecimento da vontade e dos attributos do ser todo poderoso. D'ahi veremos que a palavra religião tem dois aspectos, aliás muito differentes, para o que basta qualquer analyse. «Quando tratamos da religião judia, falou MAX MÜLLER, da religião hindú, da religião christan, estendemos por ahi um corpo de doutrinas transmittidas pela tradição, ou por livros canonicos, e que contém tudo quanto

constitue a crença dos judeos, dos hindús e dos christãos. Tomando-se a palavra religião neste sentido, pôde-se dizer que um homem muda de religião, isto é, que elle adopta o corpo das doutrinas christans em logar das doutrinas brahmanicas, as quaes elle adoptava até então, absolutamente como um homem pôde aprender e falar o inglez em logar da lingua do Indostão, que elle falava a principio. Mas, a palavra religião tem outro significado. Da mesma forma que ha, si podemos dizer, uma faculdade de linguagem independente de todas as fórmãs historicas, que affectam as linguas humanas, ha, tambem, no homem uma faculdade de crença, de fé, independente de todas as religiões historicas. Quando dizemos que é a religião o que distingue o homem do animal, não nos referimos, sómente, ás religiões christan ou judia, não cuidamos de nenhuma religião particular, mas sim de certa faculdade do espirito, a essa faculdade, que, independentemente (que dizemos?), a despeito do bom senso e da razão, torna o homem capaz de comprehender o infinito sob diversos nomes e sob fórmãs differentes». E, assim, temos o melhor entendimento, a mais clara forma de comprehender-se a religião, nos seus sentidos subjectivo e objectivo.

Apanhado, no emtanto, sob o seu aspecto subjectivo, ou de um phenomeno que, depois de ter a sua reflexão no espirito do observador, pôde ser delineado, decomposto, analysado, o factio religioso apparenta tornar-se uma noção, e, por isso, não têm rareado os que querem fazel-o objecto de uma sciencia, ou parte de uma systematisação dos conhecimentos humanos.

Para estes, pois, a religião é uma sciencia, que tem um fim evidente, contra o qual PROUDHON se enun-

ciou, dizendo aquella hostile á sciencia e ao progresso; uma sciencia que tem utilidade, manifestando-se esta na solução para todas as questões, *à fortiori*; que tem recursos para anthropomorphisar (si podemos usar d'este neologismo) a causa primeira, reduzindo a explicação de todos os phenomenos á interferencia do poder divino. Mas, como a sciencia separou-se, lentamente, da religião, tendo isso começado no Oriente acabando-se na Grecia, a fé que se collocava entre o pensamento (a philosophia antiga) e a sensação (a sciencia passada) foi perdendo a sua feição universal, rarefazendo-se, perdendo os seus assumptos o caracter de universalidade natural, que qualifica os assumptos precisamente scientificos. A religião, por tornar-se uma noção, não tem os requisitos de uma sciencia; logo não ha uma sciencia da religião. Que será ella, porém? A modalidade inicial da sciencia hodierna, que, atravessando os tempos, sob uma especulação philosophica muito especial, se codificou, mas não se systematisou, se fez noção mas não se transformou em theoria natural.

Quando, porém, o fundamento religioso é o deismo, que se oppõe ao atheismo—de um lado crença em Deus, do outro descrença—a pretendida sciencia da religião toma uma forma e uma tecnologia proprias: é a theologia, que, segundo MAX MÜLLER, se divide em theologia comparada si tem por objecto de estudo as formas historicas das religiões, e theologia theorica, si se propõe a analysar as condições, nas quaes a religião é possível, sob as suas modalidades mais altas e mais baixas. Ainda assim, entretanto, a theologia não é uma sciencia; será, quando muito, um methodo obsoleto e erroneo de explicação dos phenomenos naturaes.

A crença num Deus formado á imagem do homem, obra e producto do cerebro humano, esse orgão que mais tardiamente se desenvolveo nos seres humanos, traz uma serie de corollarios, entre os quaes, como agentes retardadores dos desenvolvimentos psychico e social, estão as determinações das vidas terrena e supraterrena, das vidas presente ou futura. Neste ponto, como dissemos, a religião é um factor adverso á evolução do homem, quer como ser intellectual, quer como ser social. E, os prejuizos d'ahi advindos são de duas ordens:

- a) os que attingem, exclusivamente, o individuo;
- b) os que, attingindo o individuo, se extendem até ás sociedades.

Coube a GEORGE GROTE subdividir essas duas classes de prejuizos, distribuindo na primeira: 1.º o soffrimento sem proveito—as penas physicas e mentaes, praticadas em differentes epocas e logares, com o pensamento de demonstrar a grandeza e a sinceridade das afeições extra-humanas; 2.º as privações inúteis—taes como, o jejum, o celibato, a abstinencia do repouso, a abstinencia do asseio, das roupas, e dos prazeres innocentes, a abstinencia dos prazeres da sociedade e da alegria, a abstinencia dos remedios durante a molestia, a renuncia gratuita ao uso da propriedade, do tempo e do fructo de seo trabalho e a renuncia das dignidades e das honras; 3.º terrores indefinidos—como os temores agonisantes, fomentados e nutridos pelo pequeno circulo de objectos, no meio dos quaes uma monja passa toda a sua existencia; 4.º censura dos prazeres, por escrupulos antecedentes e remorsos subsequentes. Na segunda classe estão: 1.º criação de uma antipathia facticia—consequente da descrença na existencia

do poder divino, da inobservancia de sua vontade, ou mal observancia da mesma; 2.º perversão da opinião popular, corrupção do sentimento moral, santificação da antipathia, aversão ao progresso—lembrando-se os tempos historicos em que a religião pegou em armas para suffocar os progressos scientificos, trazidos pelas descobertas e theorias de GALLILEU e de GIORDANO BRUNO; 3.º incapacidade das facultades intellectuaes para as cousas uteis d'esta existencia—comprehendendo: a) disjunção da crença e da experiencia; b) contrariedade á experiencia, por uma crença extra-experimental; 4.º crença injustificavel—fazendo-se da fé um acto meritorio e da incredulidade um acto punivel; 5.º depravação do character—porque obriga os homens a hypocrisias, contra as quaes se levanta a propria natureza humana; 6.º criação de uma classe irremediavelmente opposta aos interesses da humanidade—que é o sacerdocio, tendo seo campo de acção nas egrejas e nos templos, e por acção um rito supinamente symbolico, contra o qual, na pratica, procedem os proprios professados.

Por esses e outros motivos, PROUDHON declarou a sciencia inimiga da religião, porque esta é, por sua vez, contraria ao progresso.

Que necessidade terá, porventura, o homem de sciencia de fugir a novas pequisas, e observações experimentaes, si, usando de principios religiosos, elle prescindir dos resultados que obteria com a sciencia, exclusivamente, repudiando a fé em absoluto? Da mesma forma que a fé se tem como a fuga do raciocinio, a religião, a sua modalidade subjectiva, é a fuga do experimentalismo.

Mas, o homem teve sempre a necessidade mais ou

menos urgente de criar uma ordem nas acções da humanidade. D'ahi o anthropocentrismo, segundo o qual o homem era o centro da natureza, quando elle quiz ampliar o seo estudo. Apareceo, logo depois, o geocentrismo—não mais o homem foi o centro dos mundos, mas sim a terra. Neste periodo, era erro e absurdo, tudo quanto não fosse considerar a terra fixa e os mundos girando em torno d'ella. Evoluindo as observações, no emtanto, chegou a determinação actual da ordem na natureza, que é, sabia e prodigiosamente, explicada pelo monismo naturalistico.

A religião, que, como primordio das sciencias, abstrahindo-se das causas immediatas dos phenomenos, ia buscar a sua explicação na mediata, que era o poder unico creador, baqueou com os progressos da sciencia, no momento em que se descobrio o motivo dos phenomenos no movimento, e em que, como doutrina scientifica, e não religiosa, o mecanicismo explicou a natureza. A intervenção divina foi substituida pela theoria da descendencia, e perdido o prestigio do elemento basico da religião, que era a omnipotencia e omnipresença de Deus, ella, *ipso facto*, desprestigiou-se. Coube, então, ao philosopho e ao scienista, e não mais ao theologista, *judicare esse credendum*. Por tantas causas, PROUDHON concluiu que «o homem está destinado a viver sem religião: uma multidão de symptomas demonstra que a sociedade, por um trabalho interior, tende, incessantemente, a despojar-se d'este envolvimento extremamente inutil».

Todavia, apezar das conquistas do mecanicismo, da sciencia e da philosophia, sobre o deismo, a religião e a crença, estas não desapareceram; mas, perdendo o caracter de naturalidade que lhe emprestavam os theo-

logos, a religião não foi totalmente abandonada, e, espiritos, mais ou menos retrogradados, applicam-n'a, não como verdade primeira, mas como processo, como methodo, para a investigação e o conhecimento d'essa mesma verdade.

E' o que passamos a ver—o methodo religioso.



METHODO RELIGIOSO

SUMMARIO: *A verdade e a lição religiosa.—A teleologia.—O “inconsciente” de HARTMANN.—A religião não evolue.—Historia da religião.—Classificação das religiões.—Impotencia da religião para explicar a origem da criação.—Antithese da concepção unitaria e da concepção teleologica, ou dualistica.*

Ea eterna questão do homem determinar a origem da criação, conquistando essa verdade, millenariamente, encoberta, como a larva da fôrma primitiva do mundo na chrysalida da iscicia dos seos semelhantes!...

Com effeito, que metamorphose prolongada vae sendo esta, perante a lição religiosa, a qual, como disse STEFFENS, descansa, «em ultima analyse, sobre as intuições do homem a respeito da natureza», que, soberanamente, o cerca, embevecendo-o, com os seos esplendores, conquistando-o, com os seos segredos, e reduzindo-o, com a sua magestade!...

Outro tanto não occorre para com os homens da sciencia hodierna, os quaes têm todas as fôrmas animaes ou sociaes, mineraes ou vegetaes, cósmicas ou organicas, como obra inevitavel de uma mesma força mecanica, de adaptações da lei geral dos mundos, ou do movimento, como a causa d'essa soberba unidade, que é o universo. No conflicto, porém, da religião com a sciencia, da verdade natural com a lição religiosa, não ha que perder tempo na escolha d'aquella que

sairá triumphante. Já ha mais de uma trintena de annos, DRAPER considerava que «não ha espectáculo mais triste, mais solemne do que o de uma velha religião a esphacelar-se depois de ter sido, durante seculos, a consolação dos homens». Elle referia-se ao catholicismo, arquejante, realmente, depois que os philosophos, penetrando pelo descobrimento da causa primeira, maravilharam-se com a unificação da ordem natural, contrastando com o metaphysicismo symbolico dos complicados credos religiosos, e depois que elles apresentaram o *fieri exacto* e triumphante da natureza encadeada, os phenomenos succedendo-se, renovando-se e multiplicando-se, por effeito de uma mesma lei mecanica.

Conquista mais luminosa do que a fundação do museo de Alexandria, como berço da sciencia, obedecendo á influencia da actividade militar, da industrial e da scientifica, com o fim de facilitar o estudo das sciencias por meio da experiencia, da observação e do raciocinio; conquista mais certa e mais radical, a do monismo naturalistico, subjugou a hegemonia do espirito romano, o qual legou o christianismo ao mundo, como resultado do imperialismo que lavrou em Roma, conduzindo a situação religiosa do mais vasto centro da civilização occidental, ao monotheismo, vencedor de todos os deuses do Olympo e das divindades pagans.

Mas, ainda ha quem articule contra o fundador do mecanicismo universal: «O materialismo anterior a DARWIN, disse VON HARTMANN, tinha unicamente negado o espirito de ordem na natureza, a despeito dos factos; o darwinismo reconheceo-o, de novo, porém acreditou poder explical-o como o resultado de processos puramente mecanicos. Ora, si se admitte a

ordem da natureza como um facto, e si se pretende ver *nella* o resultado de phenomenos mecanicos, chega-se á seguinte alternativa: ou a ordem dos phenomenos é resultante do mecanismo da natureza não pertence á essencia das leis mecanicas naturaes, e só existe a titulo de accidente, ou é uma consequencia imprescindivel, incontestavel d'estas leis e sae da sua essencia. No primeiro caso, desaparece de novo a pretendida possibilidade de explicar a harmonia dos phenomenos exclusivamente pelas leis naturaes da mecanica; porque o acaso torna-se o unico factor decisivo da presença da ordem, o que, por outras palavras, destróe a possibilidade de uma explicação por principios que obrem segundo um plano. Com relação á sciencia, que quer uma explicação por principios que obrem regularmente, subsiste a dualidade da regularidade mecanica e da teleologia, que fica inexplicavel. E' esta, no fundo, a posição em que se acha HÆCKEL, que a cada passo deve chamar o acaso em seo auxilio nas combinações mais inverosimets». Discutamos, parcialmente, a opinião extravagante do theorista do *inconsciente*, até chegarmos á sua eliminação, como a da mais irrefreevel lição religiosa.

Firmemente dualista, embora não o querendo ser, explora o critico do mecanicismo a boa occasião de apregoar o dualismo de seo *inconsciente*, encontrando a supposta differença entre a ordem da criação, como um facto resultante do mecanismo da natureza, e as causas immediatas e invariaveis, de que todos os phenomenos são effectos. Entre as excentricidades scientificas de um mesmo caso, como o da criação natural estar, aqui, sob a acção de causas accidentaes, alli, sob o dominio das leis mecanicas naturaes, não póde haver

disparate ou exquisitice de maior quilate. Uma interpretação verídica do universo, ou de qualquer de seus múltiplos e profusos phenomenos, que não seja pelo conhecimento exacto das leis que o regem, como poderá ser obtida?

Eis na brecha os casos biblicos e as epopéas cosmogonicas, desde o primeiro homem até qualquer factotro de maior ou menor complexidade! Mas, a sciencia, antes do seu periodo logico actual, em que são formuladas em leis as relações abstractas dos phenomenos, passou por um empirismo, durante o qual se teve o recurso de um sobrenatural poderoso e absoluto.

Ora, pois! Ao empirismo corresponde o dualismo, caracterizado pela intervenção de causa, ou causas, extranha para a explicação dos factos, e, ao logico, o monismo, que encadeou todos os phenomenos, etiologicamente, depois que SECHÉ mostrou, por meio de principios ordinaes, a unidade das forças physicas, como ROBERT MAYER, subordinando a physica á mecnica, pela unificação de todas as propriedades physico-cósmicas do universo, como BERTHELOT, estatuindo a unidade das forças chímicas, como HÆCKEL a das forças vitaes, como WIRCHOW, SCHLEIDEN e SCHWANN, provando que a cellula é a genese de toda e qualquer evolução da materia organica ou organizada, como ROEMANES, finalmente, unificando as forças mentaes.

Repellidas, mutuamente, as conclusões, tiradas por HARTMANN, em contrario da theoria mecnica do sabio de Iena, estão na mesma categoria de adversarias, em que se encontram o monismo e o dualismo. FAUSTO CARDOSO disse que o dualismo «attribuia ao universo energias secretas e vivas, forças inexplicaveis e primordiales, essencias impossiveis de serem decompostas e

distinctas da materia, uma alma por toda a parte, onde se revelava um movimento», e que o monismo «reduz o universo a leis, a relações de causas e effeitos, isto é, a causas que foram effeitos, e a effeitos que, por sua vez, se tornam causas».

Ora, é o que se passa com a critica de VON HARTMANN, quando quer elevar a principio theoretico fundamental o *inconsciente*, no caso representado pela escapula da *ordem dos phenomenos resultantes do mecanismo da natureza*, d'entre as leis essenciaes da mecanica natural, para submeter-se ao dominio dos accidentes, que são protegidos pela *inconsciencia*, base do systema philosophico do mesmo HARTMANN.

No momento actual da sciencia, qualquer fórma teleologica é adversa á verdade, e o systema philosophico do *inconsciente* é supinamente teleologico, pois que o seu auctor, como pensa FAUSTO CARDOSO, synthetisa esse movimento finalistico. VON HARTMANN disse: «A teleologia é a theoria que prova a existencia de fins na realidade e a maneira por que a natureza os realisa». Assim, continuou elle: «Si suppuzessemos realizado o mecanismo *absoluto*, a teleologia *absoluta* se realisaria *ipso facto*; si suppuzessemos a teleologia realisada de um modo *absolutamente teleologico*, essa realisação deveria ser *absolutamente mecanica*». A doutrina de HARTMANN, pois, reduz-se a um teleologismo de causa e de effeito, muito egual ao de qualquer lição religiosa. Bastaria isso para a eliminacão de seu *inconsciente* do seio das doutrinas philosophicas, por qualquer motivo, accetaveis. Porém, para estigmatizar-se essa philosophia de mil faces e mil padrões, de mil adaptações e de mil prismas, temos as vantagens da poupança de nossas palavras, para applicarmos, exclusivamente, as



peremptorias de JULES SOURY, na discussão vinda á lume quando VON HARTMANN publicou o seu livro—*Verdade e erro no darwinismo*—na qual tomaram parte escriptores da nomeada de DURHING e KLEIN, etc. Eis as palavras de SOURY: «O juizo emittido por todos estes pensadores sobre a *Philosophia do Inconsciente* é definitivo e sem appello:—é um *verdictum* de morte. Para DURHING, a philosophia do inconsciente é o digno *pendant* do espiritismo americano, e HARTMANN, um mystico illuminado, um charlatão».

Deante de tão solemne condemnação... abandonemos, ou, então, demos a nossa mais franca repulsa ao *inconsciente*, como á mais flagrante pagina teleologica, ou mais irritante lição religiosa.

A verdade scientifica não tem os destinos do postulado religioso: ella evolúe, subtilmente, transformando-se e causando novas verdades, ao passo que a religião, como se vê na historia da humanidade, fossilisa-se na contemporaneidade estratificada das raças passadas. Nem se chamem de evolução ou de progresso, as reformas bruscas dos credos religiosos, ás vezes, metamorphoseando-os, unicamente. A religião tem uma historia, mas não tem um *fieri* evolucional; passou pelos povos, mas não evoluiu com elles, e o facto religioso, acceito ha trinta ou quarenta seculos, é o mesmo intransigente de nossos dias.

Vejamos, pois, si como nos é contada pelos auctores, a passagem da religião através dos tempos, póde assumir a ascendencia scientifica de uma evolução. Mas, antes do tempo em que tal devemos fazer, distribuiremos as religiões em classes ou em systemas, como fez VOLNEY, despresando, com sinceridade, as desdenhosas intolerancias, com que, por outros muitos, esse

assumpto tem sido mencionado. E, será na apreciação de um d'esses systemas, que tenha percorrido momentos da vida humana, que teremos de distinguir a trajectoria historica da trajectoria evolucionista.

A idéa de Deus teve sua origem quando o homem poudo comprehender, isto é, quando o homem teve cerebro para perceber que, em vista de suas condições de inferioridade deante do mundo natural que o cercava, elle estava subjugado por forças superiores ás suas e independentes da sua vontade. Começou no culto dos elementos e dos poderes phisicos da natureza. E VOLNEY escreveo: « Assim, as idéas de Deus e da religião, bem como todas as outras, tiveram sua origem nos objectos phisicos, e foram, para o entendimento do homem, o producto de suas sensações, de suas necessidades, das circumstanças de sua vida e do estado progressivo de seus conhecimentos ». Depois, continúa elle, « como as idéas da divindade tivessem por motores as affeições do coração humano, ellas submetteram-se a uma ordem de divisão firmada sobre as suas sensações de *dor* e de *prazer*, de *amor* ou de *odio*; os poderes da *natureza*, os *deuses*, os *genios*, foram divididos em *bemfazejos* e *malfazejos*, em bons e em máos, e d'ahi a universalidade d'esses dois caracteres em todos os systemas de religião ». Após esse primeiro systema religioso, relatam os historiadores um. outro—o culto dos astros ou sabeismo. Este culto revela-se, primeiramente, entre os povos de raça negra, que habitavam as margens superiores do rio Nilo, no Egypto. Foi um culto complicado, tendo, na classificação dos systemas, a precedencia sobre o culto dos *symbolos*, ou idolatria (terceiro systema), que passou dos astros aos animaes, e d'estes aos homens—*herões* e *reis*, procurando imitar, no orgulho, na con-

quista, na sanguinolencia, etc. aos deuses. Na ordem systematicã, vem, justamente aqui intercalado, o culto dos dois principios ou dualismo, comprehendendo os systemas dos dois principios, ou dos deuses oppostos, e dos symbolos; segue-se o quinto systema: culto mystico e moral, ou systema do outro mundo, pelo qual se introduzio num mundo visivel e real, outro inteiramente invisivel e imaginario, do qual fazem parte, para as penas, o inferno, e, para as delicias, o paraíso. Coloca-se neste ponto um sexto systema: o do mundo animado, ou culto do universo, sob diversos emblemas; setimo systema: culto da alma do mundo, isto é, do elemento fogo, principio vital do universo, fazendo parte d'elle a idéa de que as almas de todos os seres foram uma porção de Deus, sendo por isso, uma substancia indivisivel, simples e immortal. Oitavo systema: o do mundo-machina, culto do Demiurgos ou Grande Obreiro, dizendo-se que «uma machina não se fabrica por si mesma; ella tem um obreiro anterior, indica-o a sua existencia; o mundo é uma machina de que existe um fabricante». Nono systema: religião de Moysés ou culto da alma do mundo (Jupiter), criado pela necessidade, ao ver de um homem, legislador da Hebréa, de separar a sua nação de qualquer outra, pelos preconceitos religiosos; decimo systema: religião de Zoroastro, pela qual foram renovados todos os mysterios das religiões anteriores. Decimo-primeiro systema: brahmismo ou systema indiano, fonte de todo o systema trinitario subtilizado por PITHAGORAS e PLATÃO, e completamente desfigurado pelos seus interpretadores; decimo-segundo systema: budismo ou systemas mysticos, comprehendendo as idéas principaes de horror no assassinio, compaixão para todo o ser sensivel, temor

das penas, e a esperança das recompensas destinadas á virtude e ao vicio em uma outra vida, sob uma nova fórma, e querendo que o mundo palpavel e material fôsse uma illusão fantastica, e que a existencia do homem fôsse um sonho, de que a morte seria a verdadeira vigilia. Decimo-terceiro systema: o christianismo, ou culto allegorico do sol, sob os seus nomes cabalisticos de *Cris-en* ou *Christo*, e de *Jesus* ou *Jesus*, que, nascendo em Roma, fez todo o actual systema do catholicismo, tornado um poder religioso, igualmente politico-diplomatico, com prestigio internacional. Ora, o que se verifica em todos esses systemas numerosos e antitheticos, por vezes, em suas formulas e fórmas extrinsecas, é a identidade do fim das religiões: o conhecimento do poder creador dos mundos, e que, pela sua propria natureza, está ao desconhecimento de todas as barbarias iniciaes e civilizações atrazadas, mas substituido, em toda a parte, pelas pessoas e pelos factos religiosos, como, longamente, acabamos de enumerar.

Não se póde dizer que essa historia successiva de cultos, represente o evolucionismo religioso, porque, mesmo não levando em conta a simultaneidade, no tempo e no espaço, de muitos d'elles, no Egypto, por exemplo, antes da éra christian, a idéa capital de todos elles foi sempre a mesma, sem a menor modificação progressiva, ou para melhor, foi sempre accentuar a superioridade, ou a sobrenaturalidade, do poder central de seus systemas de culto. Assim, não se póde mostrar a evolução philogenetica do phenomeno religioso; e a ontogenetica? De principio, poder-se-ia responder logo negativamente, porque não tendo havido a philogenesis, não poderia passar-se a sua repetição abreviada, que é a ontogenesis. Mas, como poderá haver quem arvore

em evolução a historia systematica que resumimos, precisamos verificar, recapitulando-a, si ella se passou em qualquer especie religiosa, por exemplo, no christianismo, como nol-o conta a egreja catholica. Começemos pelo resumo que poderia representar a ontogenese, pouco mais ou menos, ou recapitulação abreviada da evolução religiosa. VOLNEY tambem nos fornece esse resumo: «Agora, si resumirdes a historia inteira do espirito religioso, vereis que, em seo principio, o seo *auctor* foi as *sensações* e as *necessidades* do homem; que a *idéa de Deus* não teve para typo e modelo, senão os *poderes phisicos, seres materiaes*, agindo como *bem* ou como *mal*, isto é, como impressões de *prazer* ou de *dor* sobre o *ser sensivel*; que na formação de todos esses systemas, esse espirito religioso, seguiu sempre a mesma marcha e os mesmos processos; que em todos, o dogma não deixou de representar, sob o nome de deuses, as operações da natureza, as paixões dos homens e os seus preconceitos; que em todos, a moral teve por fim o *desejo do bem-estar* e a *repulsão da dor*; mas, que os povos e a maior parte dos legisladores, ignorando os caminhos que alli fossem ter, fizeram idéas falsas, e por isso mesmo oppostas, do *vicio* e da *virtude*, do *bem* e do *mal*, isto é, do que torna o homem *feliz* ou *desgraçado*; que, em todos os meios de propagação e de estabelecimento, offereceram as mesmas scenas de paixões e occorrencias, sempre de disputas de palavras, de pretextos de ciume, de revoluções e guerras provecadas pela *ambição dos chefes*, pelo embuste dos *promulgadores*, pela credulidade dos *proselytos*, pela ignorancia do *vulgo*, pela *cupidez exclusiva* e o *orgulho intolerante* de todos: enfim, vereis que toda a historia do espirito religioso

é a das incertezas do *espírito humano*, que collocado em um *mundo* que elle não *comprehende*, quer, entretanto, adivinhar o seo *enigma*; e que espectador, sempre attonito, d'esse *prodigio mysterioso e visivel*, imagem das *causas* suppõe fins, e edifica systemas; depois, achando-o defeituoso, destróe-o por um outro que não é menos vicioso, odiará o erro que elle deixa, desconhece o que elle abraça, repelle a verdade que o chama, compõe chimeras com seres disparatados, e sonhando, continuamente, com a *sabedoria e a felicidade*, desgarrá por um labiryntho de penas e de loucuras». E', realmente, um bello resumo philosophico da idéa religiosa através de seos innumerados systemas! Onde, porém, e como, a religião catholica o tenha reproduzido, em toda a sua historia, no menor trecho, no mais diminuto periodo?

Recompôr a historia d'essa religião, tão impoderosa quanto todas as mais, no serviço de determinar a verdadeira origem da criação, que, aliás, a sciencia mechanicista já fez, é um esforço dispensavel, desde que se tenha em mente que ha um codigo de principios e doutrinas—a biblia—, construido ha tanto tempo quanto a propria religião, pois a acompanha desde o seo berço, codigo que é inatacavel e insubstituivel, insubmisso, desde os seos primordios até aos tempos de MARTINHO LUTHERO, ou até aos nossos dias, a qualquer reforma, mesmo ás que tenham o caracter scientifico. De um lado, a idéa do deus omnipoderoso e omnipresente, e do outro, o codigo biblico, fundamentos do catholicismo, são os baluartes anti-evolucionistas da religião. Nem na idéa, nem no facto, a religião do passado, evoluiu: é o fossil culto do deus-creador, inalteravel como se originou na mente do homem, que o

pregou ha dois mil annos. Nas estratificações da historia humana, elle vem, esse trilobite—que é o da trindade—caracterisando uma éra, que teve o seo fulgor, e hoje está decahida. Em qualquer periodo da geologia religiosa, a paleontologia indicará a phase do christianismo com os fosseis referidos.

Clarissimo está, que sendo os methodos hodiernos o historico-comparativo e o experimental, a religião, não os podendo usar, absolutamente não tenha methodo scientifico. Si ella não tem evolução, não póde ter filiação de idéas e phenomenos. Si ella só tem historia e não tem evolução, não póde empregar o methodo comparativo, que nasce da possibilidade do parallelismo entre os caracteres da especie e os do genero. Logo, o catholicismo, além de não ser uma sciencia, gósa de uma paralyisia ou de una immobilidade de fakir, porque, tambem se julga na posse da chave do universo, do segredo dos mundos, que é unicamente, o seo deus, ou o deus pregado pelo CHRISTO.

O momento actual indica o da transformação maior da sciencia humana; para isso, estão apontados dous factores: 1.º a derrocada das crenças religiosas, e dos systemas politicos e sociaes que sobre ellas descansam; 2.º a criação de condições, de existencia e de pensamento, inteiramente novas, como consequencia das modernas descobertas das sciencias e das industrias (GUSTAVE LE BON).

O mundo, desde á sua origem até aos seos mais simples phenomenos, na parte em que não é ignoto, está completamente mudado nas suas explicações.

Estas, antes do monismo, foram muitas.

Procuremos aprecial-as.

EXPLICAÇÕES DOS MUNDOS

SUMMARIO: *Leis fundamentais do universo.—Systema de expliação dos mundos.—Historia da creação.—A biblia.—Consortio da blibia com a sciencia.—CUVIER.—AGASSIZ.—O anthropomorphismo.—Theorias evolutivas.—GÆTHER.—OKEN.—KANT.—LAMARCK.—O evolucionismo philosophico.—Constituição da materia.—Nos mundos organico e inorganico ha uma unidade de substancia.*

A conclusão da unidade do universo—conforme a expressão de FAUSTO CARDOSO—acarreta a conclusão das leis uniformes que o regem.

Essas leis, porém, que foram determinadas pela sciencia positiva, depois de GÆTHER e OKEN, vieram mesmo a calhar, diante da insufficiencia cabal de todas as idéas, mais ou menos religiosas, até então propagadas sobre a criação isolada de cada especie.

Mas, tambem, semelhantes idéas esbarravam-se, ordinariamente, no anthropomorphismo, que é a humanisação do creador, a sua similhaça a um ser de fórma humana, e tendo um plano, apprehendendo o desempenho d'este seo plano, até á realização de seo idéal.

Foi anthropomorphista D'AGASSIZ, para quem o homem irrefragavelmente era a imagem e o filho de Deus; para quem a systematisação da natureza organica e a doutrina genealogica era uma representaço

immediata do plano divino da criação, visto como fazendo o estudo das classificações naturaes, no uso, assim, de suas faculdades de observação, o scientista cumpria a sua missão de reachar a idéa divina da natureza creada; para quem o creator, depois de haver tido quatro pensamentos variados, e essenciaes de seu plano constructor, para fórmulas animaes que elle encarnou nos quatro typos, longamente subdivididos—vertebrados, annellados, moluscos e radiados—depois de derrocar esse mundo primeiro, afim de fazer obra mais san e mais perfeita, escoados milhões de milhares de annos, apprehendeo a formação de alguma cousa que se lhe assimilhasse, e assim fez o homem á sua imagem.

Simples questão de palavras ou de estylo para o modo de ser enunciado, o anthropomorphismo de D'AGASSIZ pouco dista da historia bíblica, que dá o mundo formado em seis dias, Deus descansando no setimo, que é o domingo, após ter formado o homem, á sua imagem e perfeição, e a mulher de um fragmento costellar do primeiro homem. A igreja christan acceta a genese do mundo, da fórma por que ella nos é contada na Biblia, e os commentadores, interpretando esse grande blóco do christianismo, querem, a todo o transe, harmonisal-o, num consorcio, aliás, negativo, ou que lembra as inversões sexuaes, com a sciencia mais positiva de KANT, de HERSHELL, de DARWIN, de HÆCKEL, de LAPLACE e de tantos e innumeraveis outros naturalistas. Não é esse, porque se torna improficuo, um genero de esforços, sem interesse. Oçioso é repetirmos as innumeraveis tentativas da reconciliação religiosa e scientifica. Todas ellas peccam, entretanto, porque se subordina todo o phenomeno a uma causa

primaria e á «acção de um ser intelligente, razão unica e necessaria da attracção central e da impulsão transversal» (Padre JOSÉ BASILIO PEREIRA).

Em rigor, é incongruente a admissão de um phenomeno explicado, ao mesmo tempo, pela força natural que o produz e pela intervenção divina. O som, não ha quem conteste, seja elle um producto da vibração molecular da materia. O movimento impresso ás moleculas de um corpo causa essa vibração. Pois bem. Para e religioso reconciliador, o som foi produzido pelo movimento impresso como tambem pela intervenção da divindade. Que acontece? um simples phenomeno tendo duas causas. Entretanto, si na materia, por exemplo, não fôr dado o choque impulsionador do movimento de suas moleculas, não haverá o som. E, assim por deante.

Onde, porém, se rarefaz a possibilidade da reconciliação, é no começo da escala evolucionista, em que o movimento se manifesta tão exuberante que é impossivel acceitar-se a interferencia do deus imaginado pelos homens. Apezar d'isto, ciosos de justificarem a sua crença, ha espiritos, aliás, gloriosos, que buscam a harmonisação da theoria de MOYSÉS, segundo a qual Deus criou o mundo em seis dias, fazendo no quarto os *duo luminaria magna*—um maior (o sol) que prendisse ao dia—depois de ter feito no terceiro a terra que se cobrio de hervas e arvores, nesse mesmo dia; ha espiritos que conciliar procuram essa genesis incongruente com a theoria de HERSCHELL e de LAPLACE, com que a sciencia explica os primordios do universo. «A sciencia só esboçou uma hypothese grandiosa sobre a cosmogonia, escreveu MOIGNO, a de HERSCHELL e a de LAPLACE; mas esta, um sabio illustre, AMPÈRE, que

cria na sciencia e na inspiração de MOYSÉS, conseguiu já mostrar que ella se verifica plenamente na cosmogonia biblica». Ora, si a theoria de LAPLACE se *verifica plenamente na cosmogonia biblica*, como AMPÈRE conseguiu mostrar, ella deixa de ser uma *hypothese grandiosa*, porque o character dogmatico dos preceitos biblicos não admittre hypotheses e sim verdades incontestaveis, para tornar-se a verdadeira theoria da formação dos mundos. Partamos d'este principio: a theoria de LAPLACE não se concilia com o moyséismo, mas é uma theoria, natural e scientificamente, veridica, visto como, apesar da abysmosa divergencia dos processos de pesquisas da religião e da sciencia, o resultado colhido por ambas é identico. Mas, si o movimento não é deus, este não tem interferencia nos phenomenos iniciaes do universo, porque ahi só se deprehende a acção exclusiva de uma força mecanica. De mais a mais, esta força é uniforme nos seus effeitos e nas suas causas. Assim, ella deixaria de corresponder ao logicismo de LAPLACE, si, de facto, formasse a terra, no terceiro dia, com a successão do sol, no quarto dia. Ora, si pela theoria scientifica a terra descendeo do sol, que foi o astro gerador de nosso systema planetario, pela theoria religiosa ella formou-se um dia antes do astro solar. Logo, a theoria de LAPLACE não se *verifica plenamente na cosmogonia biblica*. O illustre padre JOSÉ BASILIO, rebatendo estultas incontinencias de outrem, produziu argumentos, que poderiam ser applicados, pelos catholicos, ás nossas idéas. Não são elles, porém, tão exactos, quanto ellas. A biblia assevera, claramente, que Deus dissera, *in dies tertius: Congregentur aquæ, quæ sub cælo sunt, in locum unum: et appareat*. Assim como, *in dies quartus,*

Deus fizera *duo luminaria magna: luminare majus, ut præesset diei: et luminari minus, ut præesset nocti: et stellas*. Contra isso não prevalece a allegação de que «o sol teve como um de seus destinos o de illuminar a terra, o que não implica dizer que não existisse elle anteriormente sem tal funcção», ou de que se deva comprehender na expressão—*in principio creavit Deus cælum et terram*—«que elle fez surgirem os elementos de que depois se formaram todos os grandes corpos, e assim, tambem o sol, mas num estado ainda informe, e que depois se foi organisando». A sciencia verificando, continuamente, nos actuaes phenomenos astronomicos, a theoria de LAPLACE, como diz CONTEGNEAN, tem comprovado que «muitos planetas, ainda fluidos e *abrazados*, têm emittido, por sua vez, anneis secundarios, etc.» ou que «os astros, compondo o sistema solar, notoriamente o sol, os planetas e os satellites, fizeram parte, em sua origem, de uma mesma agglomeração de materia *incandescente* (aquecida até o estado luminoso) de que o sol é o ultimo vestigio». Isto quer dizer que o sol antes de ser sol já fazia parte de uma *materia incandescente*, e não como se disse, interpretando a biblia, elle tendo luz depois de separado. Quem obtiver provas em contrario, poderá consorciar a religião com a sciencia, no tocante á formação dos mundos; tirante isso, não....

O universo, como dissemos, tem leis fundamentaes. A coordenação d'essas leis fundamentaes do mundo fornece a theoria da evolução, que se compõe de dois elementos intimos: a descendencia, sobre a qual se firma o monismo naturalistico, e a adaptação, que gera a selecção e a luta pela vida, tambem partes fundamentaes do mecanicismo. As leis basicas do universo

são as leis dos seus phenomenos: estas vêm causando a desenvolução dos factos, *pari-passu*, ordinariamente, despercebidas pelos homens. Em contrario estão as palavras de LEOVIGILDO FILGUEIRAS, que reproduzimos: «Realmente, como determinar as leis dos phenomenos sem presuppôr a sua existencia? E si, além de nós, existe essa cousa, que serve de objecto á cognição, estará conhecido tudo que a constitúe? E tudo o que é empiricamente conhecido estará scientíficamente conhecido? Finalmente, tudo o que não é conhecido é cognoscivel, ou algo ha incognoscivel? Seria fatuidade resolver pela affirmativa o segundo quanto mais o primeiro d'esses problemas».

As leis dos phenomenos não são obra do espirito humano, eis a premissa de conclusão do erro que vamos tirar das idéas de LEOVIGILDO FILGUEIRAS. E, porque ellas não são obra do espirito humano que as enuncia ou formúia, não precisamos presuppôr a existencia de uns para determinar as outras. Ora, os phenomenos não pôdem existir sem as causas declaradas nos phenomenos anteriores da escala evolucionista. E, é isto o que querem os evolucionistas, que não admittem «nem força sem materia e nem materia sem força», na expressão de HÆCKEL. Logo, perante a doutrina evolucionista, a presupposição dos phenomenos para determinar as suas leis, é um absurdo ou uma inexactidão, que carece ser despresado do terreno scientifico, e o auctor dos—*Estudos de Filosofia do Direito*—cae em manifesta contradição, quando, accetando a theoria da evolução, como formula e desenvolvimento de uma philosophia nova, adeanta que *seria fatuidade resolver affirmativamente que tudo quanto está empiricamente conhecido esteja scientíficamente conhecido*, visto

como acredita na *uniformidade das leis da natureza* e na *unidade da força incognita e incognoscivel*. Si existe uniformidade de leis e unidade de forças, ha uniformidade de phenomenos. Como harmonisar, assim, o desconhecimento scientifico de factos com a premissa scientifica e generalisada da uniformidade das leis da natureza causadoras dos mesmos factos? Modos antagonicos de ver a natureza monistica e descabidos num philosopho evolucionista!

A questão do incognoscivel é transposta por L. FILGUEIRAS nesta outra: «Póde a intelligencia humana conhecer tudo o que existe?». A idéa de limite é contraria, absolutamente, ao evolucionismo. Nenhum facto póde ser o primeiro nem o ultimo de nosso conhecimento. Seria conflictar a theoria da evolução dizer-se: «não só a indução mas tambem a deducção nos levam á conclusão de que a esphera da intelligencia tem limites». Contesta isso toda a genesis do pensamento humano que tem mostrado todas as verdades da sciencia. Que poderá haver limitado nesse mundo illimitado? A evolução admittre o encadeamento de causas e effeitos, que se não limitam. A intelligencia, que é um facto evolutivo, tem campo amplo de acção no universo. Findal-a nos phenomenos da sensibilidade é absurdo. Não é só o que se torna sensivel a nós, o que cae no dominio de nossa intelligencia, restando, assim, o character metanthropico para tudo quanto estiver fóra de nossa sensibilidade. Ora, o incognoscivel não cáe debaixo dos nossos sentidos, o que não quer dizer que elle não impressione, de qualquer fórma, o nosso organismo, v. g. as radiações luminosas, os raios cathodicos, raios γ , raios x , etc.; logo o incognoscivel é metanthropico, e dualistico; a evolução não cae debaixo

de nossos sentidos, logo é metanthropica; *ipso facto*, a philosophia nova que nella se funda...

Que systema philosophico da formação dos mundos sairia d'esse modo extranho de encerrar a causa primeira nos limites da intelligencia? «A idéa de uma força immaterial, creando a materia, é um artigo de fé, que não tem nada de commum com a sciencia humana» (HÆCKEL). Por isso ha completa opposição entre as hypotheses de criação sobrenatural de LINNEO, CUVIER e AGASSIZ, e as theorias de evolução natural de LAMARCK, GÆTHER, DARWIN e HÆCKEL. O evolucionismo philosophico d'estes é bem diverso do d'aquelles que accitam o INCOGNOSCIVEL, entre os quaes está LEOVIGILDO FILGUEIRAS. Nenhuma theoria evolutiva é mais completa do que a historia da criação dos seres organisados, porque ella comprehende, desde o cósmos, todos os phenomenos organicos e inorganicos, até á sociedade ou superorganismo.

As theorias evolutivas baseiam-se tambem na constituição da materia, que tem unidade de substancia no mundo organico e no mundo inorganico. Ahi ficam resumidos os diversos systemas de explicação do mundo, os quaes, SYLVIO ROMÉRO, ao seo alvitre, classificou em quatro correntes principaes: o monismo, o dualismo, o positivismo, e o criticismo naturalistico, ou naturalismo evolucionista. Escapou-lhe mencionar o mais moderno d'elles e o mais importante, o mecanicismo. E, com as idéas propedeuticas expandidas, nesta primeira parte, estamos sufficientemente preparados para a comprehensão das generalidades indispensaveis ao estudo do direito philosophico, ás quaes abrimos espaço nas paginas seguintes.

SEGUNDA PARTE

GENERALIDADES

«Fóra da sociedade, o homem degeneraria *physica e moralmente*, porque não encontraria as condições próprias para a satisfação das suas necessidades, dos seus instinctos, para a realisação das suas idéas e das suas aspirações».

F. PUGLIA, *O direito repressivo.*



THEORIA DA EVOLUÇÃO

SUMMARIO: *Que é evolução? — Os seus conceitos fundamentaes. — A definição de SPENCER não é mecanicista. — Como tornal-a? — Enumeração de suas ideas basicas, conforme SPENCER. — Do homogeneo ao heterogeneo. — O evolucionismo philosophico. — A relatividade do conhecimento. — Evolução progressiva, regressiva e dissolutiva.*

CONSIGNEMOS, logo, que se não pôde fazer um estudo sobre a theoria da evolução, sem que venha em campo *the great philosopher*, H. SPENCER, cujas explicações podem ser mencionadas como assás scientificas e de grande peso no assumpto.

Oxalá, em todos os seus planos e delineamentos philosophicos, pudesse egualmente ser tida a sua obra, enroupada, na verdade, com as conquistas valerosas do evolucionismo natural! E, si no seo conjuncto de vestes apanhadas entre os assignalados feitos da sciencia ho-dierna, a theoria evolucionista de SPENCER não tem a consistencia de outras mais novas, como a de HÆCKEL, para compensação, entre os seus blócos fundamentaes, a acuidade analytica do sabio sahio victoriosa, plantando marcos inabalaveis aos mais arrojados arremessos da metaphysica, sua cóeva, e de seus posteros.

Não poderíamos falar, porém, no evolucionismo spencereano, esquecendo o lamarckismo, ou o transformismo de LAMARCK, cujos louros, como muito bem

opina LE DANTEC, no seu livro—*Les limites du connaissable*—vieram recahir sobre DARWIN, simples aproveitador dos fundamentos do lamarckismo, mas, incontestavelmente, o propulsor mais forte da theoria da descendencia, sobre a qual, não exclusivamente, HÆCKEL assentou a autoridade de sua magestosa historia da criação natural.

Mas, si o evolucionismo natural é o resultado veraz da theoria pangenetica ou dos gemmulos de DARWIN, da theoria polarigenetica, ou das unidades physiologicas de SPENCER, da theoria da perigenese das plastidulas de HÆCKEL, no seu tempo, contando com as confirmações modernas ou de nossos dias, da theoria de continuidade do plasma germinativo, de WEISSMANN, o evolucionismo philosophico foi monopolizado por SPENCER, tanto quanto um homem só, sem collaborador, possa fazer uma obra de extraordinaria sabedoria. Quem, pois, poderá responder á interrogativa—que é evolução?—sem recorrer á theoria spencereana, que vigora, formidavel e penetrante, satisfazendo, resolutamente, o abandono de um grande numero de hypotheses anteriores? Seria um contrasenso negar-se, á doutrina laboriosa do lucido philosopho britannico, o poder de dar a explicação philosophica da evolução.

Esnoquemos o mais viridente ramo da arvore evolucionista de SPENCER, e, sobre estas paginas, deixemos espargelar-se a seiva substanciosa que a alimenta e desenvolve. Abramos as nossas explicações do phenomeno evolutivo com o pensamento textual de seu auctor, e quem o ler, com attenção e sem prevenções, deprehenderá logo que difficilmente se diria melhor que elle, o assumpto de nossa preocupação actual.

Que é, pois, evolução?

«E' uma integração de materia, diz o proprio SPENCER, acompanhada de uma dissipação de movimento, durante a qual a materia passa de uma homogeneidade indefinida, incoherente, a uma heterogeneidade definida, coherente, e durante a qual o movimento retido soffre uma transformação paralela».

Vemos que a definição de SPENCER é decisiva. Mas, um pouco de tento nos dirá que ella não corresponde ao mecanicismo, quando faz a dissipação do movimento uma consequencia e não uma causa. Assim, sem derrocar a grandiloquencia da noção referida, poderíamos começar definindo a evolução como uma integração da materia, produzida pela constancia do movimento.... Esbarraríamos, porém, de novo, na retenção do movimento que soffre uma transformação paralela. Ora, si o movimento está retido, está parado, não lhe concedamos essa transformação paralela, que se não dá, absolutamente, porque o movimento causa dos phenomenos evolutivos não se pôde transformar, si é um e unico, da fórma por que o acceitam os mecanicistas. O monismo de causa e de effeitos desappareceria si houvesse, de facto, essa transformação paralela. Logo, ainda nesse ponto corrigiremos a definição spencereana, creando-lhe o seguinte substitutivo, mais mecanicista e menos dualista do que a noção apresentada pelo auctor dos *Primeiros Principios*. Assim, temos: evolução é uma integração da materia, produzida pela constancia do movimento, durante a qual a materia vae de uma homogeneidade indistincta, indefinida, incoherente, a uma heterogeneidade distincta, definida, coherente, emquanto que se opera a transmissão do movimento causal.

Não valem, no character prohibitorio, as modifica-

ções acima, para que estejamos inibidos de apresentar as idéas basicas da evolução segundo o mesmo auctor. E' que ellas se adaptam perfeitamente á evolução como um factó mecanicista, segundo mencionamos. Adiantemol-as, pois, com as proprias palavras do philosopho: « 1ª. Produz-se no universo em geral, e tambem em cada uma de suas partes, uma distribuição incessantemente renovada da *materia* e do *movimento*. 2ª. Esta distribuição sempre renovada constitúe a *evolução*, quando nella predominam a *integração da materia* e a *dissipação do movimento*, e constitúe *dissolução*, quando predominam a *absorção do movimento* e a *desintegração da materia* ». A despeito da auctoridade scientifica de SPENCER, podemos lembrar aqui as alterações mecanicistas que fizemos á sua definição, adaptando-as, *ex-vi* de sua racionalidade, ás questões da segunda idéa basica do factó evolutivo, depois do que transcreveremos as demais idéas: « 3ª. A evolução é *simplex* quando o processo de integração, ou a formação de um aggregado *coherente* se opéra sem complicação por outros processos. 4ª. A evolução é *composta* quando, ao lado d'esta mudança primaria de um estado *incoherente* para um estado *coherente*, produzem-se *mudanças secundarias* devidas a differenças nas circumstancias das diversas partes do aggregado. 5ª. Estas mudanças secundarias constituem a transformação do que é *homogeneo* no que é *heterogeneo*, transformação que, tal qual a primeira, se vê no universo considerado como um todo, e em todas, (ou quasi todas as suas partes: na massa das estrellas, e das nebulosas; no systema planetario; na terra como massa inorganica; em cada organismo vegetal ou em cada organismo animal; no aggregado dos organismos através dos tempos

geologicos; no *espirito*; na *sociedade*; em todas as producções da *actividade social*. 6°. O processo de integração, quer local, quer geralmente considerado, combina-se com o processo de *differenciação* afim de que a mudança não seja simplesmente da *homogeneidade* á *heterogeneidade*, porém d'uma homogeneidade *indefinida* para uma heterogeneidade *definida*; e este character de definição crescente, é, egualmente observavel em todas as cousas e em todas as suas divisões ou subdivisões, até nas menores. 7°. Ao lado d'esta redistribuição da materia que compõe todo aggregado em via de evolução, produz-se uma redistribuição do movimento conservado por seos compostos em relação uns aos outros: aqui ainda, pouco a pouco, o character *heterogeneo* torna-se mais *definido*. 8°. Na falta d'uma homogeneidade infinita e absoluta, esta redistribuição de que a evolução é uma phase, é inevitavel ». Não cessaremos de pugnar pela necessidade de abandonar-se a idea de cessação e redistribuição do movimento, que passa, em todas as cousas e em todas as suas divisões ou subdivisões, uniforme e constantemente mantido, como uma causa infallivel e poderosa. Compreendamos bem não poderia deixar de ser causa o movimento, que, em todas as circumstancias, precede ou acompanha, de uma maneira constante e invariavel, a vinda dos phenomenos. De mais, na propria differenciação das causas em verdadeiras e apparentes, para a qual se requisita um conhecimento exacto das relações existentes entre as causas e os effeitos respectivos, o movimento se revela como a primeira das verdadeiras, bem como das apparentes, porque acontece que, sendo elle a causa unica das phenomenisações, está sempre unido aos effeitos, estes succedendo áquella, e, novamente

esta antecedendo a outros. E, é por isso que nos oppomos á veracidade das redistribuições de movimento assignaladas por SPENCER. Mas, este continúa a enumerar as causas que tornam necessaria a redistribuição do movimento; ora, si condemnamos o effeito, devemos por isso mesmo abandonar a causa; entretanto, as generalidades que se divulgam no restante d'aquellas idéas são essencialmente verazes. Eliminal-as, seria tornarmo-nos falhos. Continuemos, pois: «9°. A instabilidade do homogeneo, resultante dos diversos perigos que causam as differentes partes de um aggregado qualquer limitado pelo facto de forças incidentes. As transformações que resultam d'ahi são complicadas pela: 10°. Multiplicação dos effeitos. Cada massa ou parte de uma massa sobre a qual se exerce uma força, subdivide e differencia esta força, que, por isso vae produzindo mudanças diversas; e cada uma d'estas modificações origina outras que se multiplicam do mesmo modo, tornando-se tal multiplicidade cada vez maior á medida que o aggregado se torna mais heterogeneo. E, estas duas causas de differenciação crescente são favorecidas pela: 11°. Segregação, processo que tende constantemente a separar as unidades que differem entre si, e a reunir as unidades que se parecem, servindo, assim, constantemente, a tornar mais vivas ou mais definidas as differenciações resultantes d'outras causas. 12°. A equilibração resulta afinal d'estas transformações que soffre um aggregado em evolução. As mudanças proseguem até que o equilibrio seja estabelecido entre as forças a que todas as partes d'este aggregado se acham expostas e as forças que estas partes lhes oppõem. A equilibração póde atravessar um periodo de transição de movimentos que se

equilibram (como no systema planetario) ou de funções que se contrabalançam (como num corpo vivo) antes de chegar ao equilibrio final; porém o estado de repouso, nos corpos inorganicos, ou a morte, nos corpos organisados, é o limite nec essario das modificações que constituem a evolução. 13°. A dissolução é a mudança opposta que, cedo ou tarde, cada aggregado que evoluiu deve soffrer. Ficando exposto a forças não equilibradas que o cercam, cada aggregado corre o risco de ser dissipado pelo augmento, gradual ou subito, do movimento que elle contem, e esta dissipação do aggregado, soffrida, rapidamente, pelos corpos animados, soffrida, lentamente, pelas massas inanimadas, deve ser experimentada em um periodo indefinidamente afastado por toda massa planetaria ou estellar, que lentamente evolúe desde um periodo indefinidamente recuado, no passado, completando-se, d'esta arte, o cyclo de suas transformações. 14°. Este rythmo de evolução e de dissolução se completando em curtos periodos para os pequenos aggregados, e completando-se nos vastos aggregados distribuidos através do espaço em periodos que o pensamento humano não poderia medir, é, tanto quanto o podemos ver, universal e eterno, predominando cada phase alternante do processo, ora numa região de espaço, e ora noutra, conforme o decidem as condições locaes. 15.ª Todos estes phenomenos, desde suas grandes linhas até suas minudencias mais individuadas, são resultados necessarios da *persistencia da força*, sob suas fórmulas de *materia e movimento*. Sendo dado que estas fórmulas estão distribuidas no espaço, e não podendo suas quantidades mudar, por augmento ou diminuição, deve resultar d'ellas inevitavelmente as continuas redistribuições que

distinguimos com os nomes de evolução e dissolução, bem como as linhas especiaes enumeradas acima. 16°. O que persiste invariavel em quantidade, porém sempre se modificando em sua fôrma, sob estas apparencias sensiveis que nos apresenta o universo, ultrapassa a concepção e o conhecimento humanos; é um poder desconhecido e incognoscivel, que somos forçados a reconhecer como sem limites no espaço e sem começo nem fim no tempo». Assim, estão os principios e idéas fundamentaes da evolução, exactamente como SPENCER delinêa no prefacio do resumo de seos—*Primeiros Principios*—por H. COLLINS.

O encadeamento d'essas idéas spencereanas, constitue ou dá nascimento a um systema philosophico—o evolucionismo—pelo qual imperam na natureza quatro leis fundamentaes: evolução de tudo que existe, unidade das forças phisicas, immanencia da causalidade em cada phenomeno e relatividade do conhecimento.

Que tudo quanto existe, evolúe, ou que os factos homogeneos, fatalmente, passam aos de natureza heterogenea ou diferenciada, é uma articulação natural, comprovada, iterativamente, pelos phenomenos de toda a natureza que nos cerca; outro tanto ocorre com a unidade das forças phisicas, todas se resumindo no movimento, o que traz a immanencia da causalidade em cada phenomeno, mas não havendo, absolutamente, relatividade do conhecimento humano. Spencerista, em demasia, ainda agora que o auctor dos—*Primeiros Principios*—já foi, cabalmente, subjugado pelo hœckelismo, LEOVIGILDO FILGUEIRAS apresenta-se acceitando a relatividade do conhecimento, absurdo scientifico, repudiado até mesmo pelo positivismo italiano de ROBERTO ARDIGÓ, que, infelizmente, como em outros

muitos assumptos, de sua dissertação, não levou vantagens de precisa menção.

«Ora, não só a inducção mas também a deducção nos levam á conclusão de que a esphera da intelligencia tem limites», escreveu FILGUEIRAS. Essa opiniatica asserção contraria toda a genesis do pensamento humano, que tem encontrado, sem limites, sinão passageiros, todas as relações abstractas dos phenomenos, entre as quaes estão aquellas em que se apoia a theoria da evolução.

A relatividade do conhecimento não prevaleceo quando KANT applicou a evolução á astrogenia; quando GÖTTE firmou o evolucionismo botanico, e OKEN, LAMARCK e DARWIN, o zoologico; quando LYELL estabeleceo o *feri* geologico, SCHLEICHER enunciou o evolucionismo linguistico, e HÖCKEL a historia da criação natural. A relatividade do conhecimento não vingará deante da rebellião da natureza, que se não paralyará no homem, nem se iniciou, provavelmente, na materia imponderavel, no ether, emfim. E' verdade que o nosso conhecimento não vem antes da observação e da experiencia. Estas, no entanto, não nos revelam as causas intimas e primeiras que produzem os phenomenos. Nem por isso, porém, poderia ser um limite da intelligencia, o facto de só conhecermos as phenomenisações e as variadas relações abstractas que as unem, visto como, si a natureza nos revela alguma cousa a mais, não ha barreiras no nosso espirito para entrarmos, prontamente, no seo conhecimento.

Por esses dados *conhecemos* o phenomeno universal da evolução—progressiva, quando demanda o apice dos desenvolvimentos,—regressiva, quando volta, por grãos, ao ponto de inicio, para, então, occasionar-se a

—dissolutiva, que é a modalidade spencereana da absorpção do movimento e desintegração da materia. Desenvolvamol-as, em seus campos de acção, a começar pela evolução cósmica.

COSMOS

SUMMARIO: *Evolução cósmica.—A causalidade e a evolução.—Suas leis e os seus principios.—Evolução inorganica.—A theoria da evolução e as doutrinas da geologia.—O espaço e o tempo.—A materia, o movimento, a força e o equilibrio.—Theorias atomica e molecular.—A densidade dos corpos e a sua radiação.—Historia da evolução natural da terra segundo LYELL.—A paleontologia.—Os corpos simples e a classificação de Mendelejeff.*

— **IZER-SE** — *evolução cósmica* — é referir-se á causa unitaria de um dado grupo de phenomenos — os que constituem o cósmos, onde existem leis encadeadas e successivas, como os proprios phenomenos, leis que representam verdades fundadas em outras mais geraes, por sua vez estabelecidas em verdades mais amplas, e assim por deante. D'ahi, mencionar o spencerismo a grande verdade de que, desde as mais remotas mudanças cósmicas, conhecidas pela sciencia natural, até aos ultimos triumphos scientificos, a transformação do homogeneo confuso, indistincto e incoherente no heterogeneo, diffuso, distincto e coherente, é a essencia mesma da evolução progressiva.

Relembramos as considerações que, primeiramente, fizemos no capitulo do — *Monismo universal* —, em que contamos a historia da evolução do globo terrestre, fundando-a na theoria do cósmos gaseoso de KANT, que, desde 1755, vigora em sciencia, sem substituta ou alte-

ração digna de nota, mas, sufficientemente ampliada por HERSCHELL, na theoria das nebulosas, e por LAPLACE, na theoria dos systemas planetarios.

Com HÆCKEL, achamos limitada a theoria do cahos gazoso, no ponto em que não se explica a primeira impulsão, que movimentou, em rotação, a materia gazosa preexistente. E, com elle, diremos que, no espaço e no tempo, o universo não tem limites nem medida, é illimitado e incommensuravel. D'ahi ser eterno e infinito: conclusões estas tambem fornecidas pela naturalidade das leis da conservação da força e da conservação da materia, em virtude das quaes o mundo é uma filiação ininterrupta de movimentos materiaes, que acarretam uma infindavel mudança de fórmias (HÆCKEL).

De todas as experiencias e desenvolvimentos cultu- rados sobre a theoria cosmologica de KANT, proveio uma conclusão geral, uma consequencia luminosissima: o universo, em sua parte cosmica, é um producto exclusivo de causas mecanicas e inconscientes (*causæ efficientes*) e jamais de causas conscientes, demandando um fim (*causæ finalis*). E' essa uma conclusão de relevo admiravel, que nos leva ao seguimento de outra verdade: no cósmos, a uniformidade da natureza, depende da successão dos phenomenos, a qual, quando é regular, prova a uniformidade de causa e effeito. Tudo chega á realidade de uma lei: á da causalidade universal, que não convém ser confundida com a syllepse da finalidade universal, a qual não passa de um conhecimento reflexo de philosophia metaphysica.

Mas, a causalidade cósmica não será a propria evolução? Não, em suas especialidades: a causalidade é a uniformidade de successão; a evolução é a variedade filiada dos phenomenos pela uniformidade das suas

causas. Sim, em suas generalidades: causalidade e evolução determinam a unificação da natureza, porque esta é a somma das unificações parciaes.

Ora, na ordenada natureza, a produção de um phenomeno está ligada immediatamente á de um phenomeno anterior; logo, ha incondicionalidade do antecedente Incondicionalidade, porém, quer dizer existencia de leis, que se provam experimentalmente, e das quaes a essencial é que o phenomeno é a consequencia invariavel e incondicional de um antecedente ou de uma escala de antecedentes.

Como provar, no emtanto, a hyperpotencia das leis da causalidade universal, si não pela pesquisa experimental? E quaes são os recursos d'essa pesquisa? STUART MILL apresenta-os nos methodos de concordancia, de differenciação, de concordancia e differenciação ao mesmo tempo, dos residuos e das variações concomitantes. São elles relativamente proveitosos. Póde-se concluir, então, que a lei comprovada pela experimentação do homem não poderá cessar de ser verdadeira nos phenomenos cósmicos, tudo confirmando que ha uma força universal e unitaria—o movimento, para nós—da qual todas as forças particulares não são mais do que fórmulas e especialidades (GABRIEL DELANNE).

O nosso modo de ver mais se arraiga nos campos da verdade, quando attendemos á paridade existente entre as 'evoluções cósmica e a inorganica; segundo esta, como deve estar conhecido, em varios casos, a especificação dos minereos, ao mesmo tempo que se solidificava a crosta terrestre, ia do homogeneo bruto e indefinido, em estado de fusão, ao heterogeneo especificado dos minereos essenciaes e basicos das rochas

primitivas, espalhando sobre o nosso globo desenvolvido numero de modalidades da materia inorganica, que o sabio russo MENDELEGEFF, classificou em oito columnas verticaes e doze series horizontaes, tendo por base as relações que ligam os pesos atomicos ás propriedades variadas dos corpos. Nas series horizontaes ficaram falhas, propositalmente, mantidas. E, tão grande era a veracidade da orientação seguida pelo apreciavel chimico russo, que, preenchendo diversas lacunas existentes até bem pouco tempo, descobriram-se tres corpos simples—o gallio, o scandio e o germanio. Muita fortuidade, entretanto, haveria nessas descobertas, correspondentes ao plano de MENDELEGEFF, si ellas não fossem naturaes e veridicas.

Na materia inorganica, pois, a evolução importa na preexistencia de quatro condições: a materia, o movimento, a força e o equilibrio. A inorganica evoluiu ascendentemente como a organica, que adeante estudaremos, pelo que é incontestavel que o universo tenha sido constituido, primeiramente, pelo ether, substancia (haverá exaggero nesta denominação?) unica, que se transformou, por porções, em moleculas de materia ponderavel, reunidas, posteriormente, em corpos simples. A mistura d'estes originou, physicamente, os corpos complexos; e, chimicamente combinados, ainda elles produziram os corpos compostos (DE LANNESAN).

Tanto é real esse processo de evolução inorganica, a menos que a experiencia não seja um poderoso elemento de prova, que, á nossa vontade, e com o auxilio dos corpos simples, nos gabinetes chemicos, poderemos obter um grande numero de corpos complexos e compostos, pelos processos da mistura e da combinação.

A obtenção d'esses factos obedece a leis, que se

coordenando são theorias scientificas. Temos, assim, a theoria atomica, segundo a qual os atomos são impenetraveis, indestructiveis e eternamente activos, formando especies, quando em grupos de identidade reconhecida. Cada grupo tem suas energias proprias e uma affinidade—pois, para os demais grupos, ha, por parte do primeiro, inclinação, ou indifferença, ou repulsão, pelo que se verificam entre as diversas especies atomicas differenças de massa e de forma (LETOURNEAU). Reunidas, conforme as suas affinidades, as especies atomicas formam systemas, que se chamam moleculas. Tambem, á nossa vontade, podemos modificar as propriedades physicas dos corpos, sem alterar-lhes as propriedades chemicas, mudando, apenas, o estado molecular, por augmento ou diminuição de calorico. Accrescentemos que a simples modificação molecular, conforme as palavras de DE LANESEAN, e a mistura, não produzem senão corpos distinctos, por suas propriedades, d'aquelles que os originaram; nos corpos que resultam da combinação chimica as differenças são palpaveis e cabaes. D'ahi, apoiada sobre as suas propriedades, bem como sobre a natureza e o numero dos seus elementos constituintes, a classificação dos corpos compostos em organicos e inorganicos.

A evolução inorganica, pois, em nada differirá da organica. O processo que fez o astro da nebulosa é o mesmo que faz o homem da cellula germinal. Em relação ao inorganico, temos a alma ventura de consorciar o nosso pensamento com o de luminoso escriptor francez: «A unica cousa que podemos affirmar, é que a condensação da materia será sempre um phenomeno local e temporario. Emquanto que tal massa nebulosa se condensa em estrella, emquanto que tal estrella se

condensa em planeta, e resfria-se, tal outra massa solida e fria desaggrega-se, para formar com os seus principios libertados, novas nebulosas e um novo ether». Bem se vê que essa expressão ultima — um novo ether — não importa a adopção de mais de um ether, mas sim um modo especial de referencia á volta da materia ao ether primitivo.

Mas, as moleculas com que são formados os corpos, aggregam-se, differentemente, podendo-se distinguir os tres estados: solido, quando as moleculas, umas em relação ás outras, apresentam posições invariaveis; líquido, quando as moleculas assumem posições variaveis, tomando a fórma dos vasos que as contêm; e gazoso, quando as moleculas não têm ligações, entre si, expandindo-se, mais ou menos, para occuparem todo o espaço em que são encerradas. Parece que se não deve pôr em duvida que a materia tenha maior ou menor densidade, e que ha um estado radiante (CROOKES), quando ella está extremamente rarefeita, podendo-se referir aqui a theoria da desmaterialisação da materia, de GUSTAVE LE BON.

Com esses principios, a theoria da evolução é levada a um ajuste com as doutrinas geologicas, fortemente impulsionadas depois que CHARLES LYELL publicou os seus — *Principios de geologia*, — provando que as modificações da superficie da terra, ainda hoje repetidas, comprovam, cabalmente, tudo quanto nós conhecemos a respeito da evolução geologica. LYELL estabeleceu que se dispensavam os recursos de causas inintelligiveis e revoluções mysteriosas para explicar a formação da crosta terrestre, bastando para justificar a estructura e a origem dos terrenos, a admissão de periodos geologicos extremamente longos. «A activi-

dade meteorologica da athmosphera, a acção da chuva e da neve, a resacca das ondas ao longo das costas, phenomenos, na apparencia, insignificantes, bastam para produzir as mais consideraveis modificações, desde que se lhes dêem um lapso de tempo sufficiente». Taes são palavras de HÆCKEL, resumindo a historia da evolução natural da terra, para quem é uma verdade incontestada que «a accumulacão das pequenas causas produz os maiores effeitos», da mesma fórma que a «gotta de agua fura a pedra».

Coube tambem a LVELL demonstrar o encadeamento continuo e filiado, sem interrupções, dos diversos estadios da evolução terreal. E os seus trabalhos levaram a paleontologia a uma grande distancia de atrazo, enquanto admittindo as creações successivas, renovando-se toda a fauna e flora no principio de cada periodo geologico. Mais do que isto nos vem dizer ainda o cathedratico de Iena, fundando o seu mechanicismo. Eis: «Si realmente a terra e os organismos que ella comporta, desenvolveram-se naturalmente, essa evolução, lenta e gradual, deve ter exigido um lapso de tempo, cuja medida ultrapassa inteiramente os limites de nosso entendimento». E mais adeante: «Estava reservado ao grande naturalista inglez KARL DARWIN fazer cessar este desaccordo, e mostrar que o mundo vivo tem a sua historia ininterrupta, como a da crosta terreste, de provar que os animaes e as plantas estão diferenciados uns dos outros por uma gradual transmutação, tudo como as fórmas variaveis da camada terreste, os continentes e os mares, que os banham e os separam, provindo de uma separação antiga, por completo, differente».

Assim, a evolução do organico, que vamos apreciar.

ORGANICO

SUMMARIO: *Evolução organica.—Theoria genealogica.—O embryão.—Theorias sobre a vida.—Os animistas.—Os evolucionistas.—Os micromeristas.—Lucta pela vida, ou concorrencia vital.—Seleccão natural.—As especies.—A analogia e a adaptação.—As objecções contra a theoria genealogica.—Contra-objecções.—As fórmas se fixam por meio da herança: as suas condições biologicas.—Como se desenvolveram os instinctos e as actividades intellectuaes.—O “à priori” e o “à posteriori”.*

Si o organico—si essa grande faixa de seres organizados, que se revela, lucidamente, na portentosa escala evolucionista do universo—descende do cósmico, ou do inorganico, pelo *bathybius hœckelii*; si esse segundo periodo cósmico é um prolongamento d'aquelle outro, pelo processo differencial e heterogenizador dos mundos; si, emfim, os animaes e os vegetaes provêm, em ultima analyse, de uma forma ancestral commum, que os liga, transitoriamente, aos mineraes, porque se desperdiçarem elementos de prova, no sentido de fazer-se o *processus* do organico semelhante, ou identico, ao do anorganico, tai como o enunciamos em capitulo antecedente? Padecerá duvidas, porventura, que o evolucionismo mecanico passe, uniformemente, pelas duas espheras—cósmica e organica—si, como effeito de uma causa unica e constante—o movimento—a evolução é uma força resultante de componentes, que se applicam,

uniforme e inalteravelmente, a todas as modalidades da materia, desde a imponderavel geradora das nebulosas, até á ponderavel, que vem dos organismos astraes aos organismos humanos?

«Qualquer organismo, diz SPENCER, inclusivè os de hoje, passou, por via de desenvolvimento, de um estado simples para um estado complexo». E' esse o *transformismo*, nome que se dá á evoluçào organica, e que tem uma historia parallela á dos ultimos progressos das sciencias naturaes. Que os mundos são variações de uma mesma materia, é facto reconhecido até mesmo pelos que, como CUVIER, que perguntado por VAN MARUM si acreditava na geraçào espontanea, respondeu —«o imperador não quer»—, pelos que, diziamos, submettem as theorias scientificas ao *beneplacitum* dos officialismos, constringindo, ou suffocando, até á morte, essa qualidade psychica, que BOURGET chamou «prazer intellectual». Conta-se que, já nos famosos tempos de DIDEROT, este, d'uma longa conversaçào com D'ALEMBERT, concluiu que *«la nature est une femme qui aime à se travestir, et dont les différents déguisements, laissant échapper tantôt une partie, tantôt une autre, donnent quelque espérance à ceux qui la suivent avec assiduité de connaître un jour toute sa personne»*. Não carecemos lembrar que DIDEROT deo, assim, a formula poetica do transformismo, restando a LAMARCK o começo de sua feição scientifica, bem caracterisada no livro —*Philosophie zoologique*—, em torno do qual fez-se o vasio e o silencio, na epoca da sciencia official, até que, cincoenta annos mais tarde, o transformismo propagou-se em França, com o nome usurpado de darwinismo. Então, a theoria genealogica, nome mais expressivo que se deo á doutrina da des-

cendencia ou ao transformismo, só se comprehendeo como realmente fundada por LAMARCK, quando o famoso HÆCKEL disse que a paternidade da theoria cabia ao francez e não a DARWIN, como até alli se propalava, egualmente, por leigos e scientists.

A importancia enorme do transformismo vem de que é elle que explica a formação gradual do mundo vivo, pois que a totalidade dos diversos organismos, todas as especies animaes e todas as especies vegetaes, que viveram outr'ora e vivem ainda, sobre a terra, se derivaram de uma unica fórma ancestral ou de um pequeno numero de fórmas ancestraes excessivamente simples, e que, d'este ponto de partida, ellas evoluíram por uma gradual metamorphose (ERNEST HÆCKEL). D'essa data por deante, a doutrina genealogica tem sido considerada como a «explicação mecanica das apparencias, das fórmas do mundo organizado», ou como «a sciencia das verdadeiras causas da natureza organica». A grande melhoria d'essa doutrina, porém, foi impressa por DARWIN, que chegou á conclusão de que «todos os seres organizados vivendo sobre a terra, descendem de uma só fórma primitiva». D'ahi se estabelecerem duas hypotheses sobre a genealogia dos seres organizados: *a)* hypothese genealogica monogenica ou monophyletica, segundo a qual cada um dos grupos organicos, e, tambem, o accumululo d'esses grupos, têm sua origem numa só especie de monéra nascida por geração espontanea; *b)* hypothese polygenica ou polyphyletica, que aponta todas as grandes classes organicas saidas de diversas especies de monéras providas de geração espontanea.

Resulta evidentemente d'ahi, para concluirmos a favor da hypothese monophyletica, despojada do absur-

do da geração espontanea, a necessidade urgente de conhecermos a vida em sua origem e gestação, ou o phenomeno vital e o embryão. Para o primeiro caso revelam-se varias theorias agrupadas em tres classes: I animismo; II evolucionismo; III micromerismo. Entre as animistas contam-se as opiniões de PLATÃO, S. AGOSTINHO e VAN HELMONT, admittindo, mais ou menos, a existencia de uma alma, «toda a criação sendo a realidade de um pensamento de Deus»; as de BLUMENBACH e NEEDHAM, sobre o *nisus formativus*, uma entidade immaterial da natureza das almas; e as de BARTHEZ, BORDEU e LORDAT, ou da antiga Escola de Montpellier, admittindo a *força vital*. Pelo grupo do evolucionismo, o vitalismo comprehende: a) theoria das espermatistes, patrocinada por ERASISTRATO, ANDRY e outros; b) theoria dos ovistas, patrocinada por GRAAF, HARVEY, BLAINVILLE e muitos outros. A essas theorias convem accrescentar a de syngenese espiritual de KANT, intermediaria, verdadeiramente, entre o animismo e o evolucionismo. Finalmente, as multiplas theorias micromeristas, ao nosso ver, de impossivel classificação, no momento actual, pela diversidade d'ellas, todas, entretanto, tendendo para attribuir a vida e a formação dos organismos «á reunião de particulas muito pequenas de natureza especial, dotadas de propriedades dependentes de sua constituição, reunidas em immenso numero e agrupadas de uma fórma particular em cada especie de seres e em cada órgão do individuo». (YVES DELAGE). Repudiamos, todavia, o vitalismo, seja qual fôr a sua manifestação, desde o *mediador plastico* de CUDWORTH até aos *microzymas* de BUFFON, desde a *substancia vital* de HOFFMANN até aos *atomos annulares* de DOLBEAR, desde a *alma animada* de STAHL até á

gerigenese das plastidulas de HÆCKEL. Aceitamos, porém, o dynamismo de ARAUJO JORGE, modificando-o para corresponder ás exigencias do mecanicismo philosophico, que professamos, sem preconceitos ou predisposições de qualquer ordem scientifica ou religiosa.

Com effeito. A vida bem poderia ser « uma modificação do principio dynamico do universo, uma transformação ainda que desconhecida da força cósmica, do mesmo modo que são transformações conhecidas as forças denominadas electricidade, calor, luz, cohesão, affinidade, magnetismo e que taes ». Mas, porque o movimento, que é essa força cósmica regedora e, mais do que isso, causadora de todo o universo, não é a *causa vitalis*, como principio efficiente, igual a tudo que ocorre nos mundos ? Porque, para ser o motivo da vida, elle tem de modificar-se ou transformar-se, quando, differentemente do que pensa ARAUJO JORGE, são apenas fôrmas diversas de revelação do mesmo movimento, mas não modificações ou transformações, a electricidade, o calor, a luz, a cohesão, e que taes ? A força é uma e unica; não se modifica. Apresenta-se em effeitos diversos, conforme os seus campos de acção, que são modalidades atomicas e moleculares, simplesmente, da mesma materia. Logo, a vida é o movimento, e, apesar de mecanista, o dynamismo de A. JORGE fica sendo dualismo vital, porque, não admittindo a immanencia da força na materia, adopta uma força natural de accordo com as leis chimicas e physicas, mas extranha á materia, ou agindo independentemente d'esta.

De tudo isso, porém, segundo pensou HÆCKEL e reproduzio GABRIEL DELANNE, o que fundamenta a theoria vital, é que « foi no seio tepido dos mares primitivos,

sob condições de luz, de calor e de pressão muito difficeis de se reproduzir em agora, que se formou essa massa viscosa chamada protoplasma, primeira manifestação da vida e da intelligencia, que deveo se desenvolver progressiva e parallelamente, produzindo a innumeravel multidão das fórmulas tão variadas de vegetaes e animaes, para desabrocharem, após uma longa serie de seculos, na obra tão pacientemente proseguida, a apparição do ser consciente — o homem».

Isto explica tanto a genealogia, de que se derivou a philogenia, quanto a embryologia, de que vem a ontogenia. O embrião de um ser desenvolve — segundo a lei biogenetica fundamental — em sua gestação, abreviadamente, a evolução geral dos antepassados de sua especie. E, depois de ser nascido, o individuo submette-se, inconscientemente, ao mecanicismo das condições ambientes, ora adaptando-se ao meio, ora dispersando-se, pela morte, os seus elementos constituintes, porque elle foi impoderoso para a lucta pela vida, ou para a victoria na concorrência vital. Sim, porque os seres luctam com os seus semelhantes e com o ambiente, com o clima e com a sua nutrição. Assim se passa a selecção natural. O organismo mais apto para a vida é poupado, ordinariamente, com o prejuizo de outros, pela natureza, que se deve comprehender aqui como a acção confirmada e o resultado complexo das leis cósmicas. Essa poupança que referimos, é a selecção natural, que póde ser usada, artificialmente, pelos homens, com o fim de conseguir novas especies. As especies, pois, são um resultado da selecção natural, na arvore genealogica, e, artificial, nas culturas dos homens. Então, as fórmulas se fixam por meio da herança, ou pela transmissão dos caracteres de um ser a outro, pelo que

não sómente as normalidades, mas também as monstruosidades, não só os caracteres herdados como também os adquiridos, se transmitem por muitas gerações.

Com esses recursos, conseguiu-se firmar, altaneira, ramosa e vibrante de seiva, a frondosa arvore de nossa genealogia. E de que valem, contra ella, as objecções da fé e da razão, como as classificou ERNEST HÆCKEL, si as analogias da natureza, si a unidade das filiações não têm falhas invadeaveis ? si a difficuldade da explicação da origem dos instinctos e das faculdades intellectuaes, em todos os animaes, como o mais poderoso argumento dos adversarios da genealogia, se explica pela transmissão através de gerações e fixação pela hereditariedade dos instinctos, que são habitos intellectuaes adquiridos pela adaptação? Leiamos o mestre de lena: «Os instinctos não differem, pois, dos outros habitos, que, em virtude das leis de herança accumulada e de herança fixa, determinam novas funcções e mesmo novas fórmas organicas». E, porque não ser assim, si, geralmente, se admite que «as noções *à priori* do homem provêm simplesmente de noções *à posteriori*, primitivamente empiricas, em virtude de uma longa e persistente herança das adaptações cerebraes adquiridas»?

São principios estes, todos elles, que nos levam, prontamente, ao estudo do homem, como resultado actual da genealogia, e factor consciente dos superiorismos, pelo que intercalaremos aqui algumas paginas para o seo estudo.

O HOMEM

SUMMARIO: *Um trecho de PUGLIA.*—*Posição do homem na natureza.*—*O rei da criação.*—*Os anthropoides.*—*Classificação dos antepassados do homem.*—*O superhomem.*—*Posição do homem na sociedade.*—*“Ontogenesis” e “phyllogenesis”.*—*Monogenia e polygenia.*—*Evolução superhominial.*—*Uma opinião absurda.*

UM dos mais eruditos professores da Universidade de Messina, PUGLIA, num capitulo de seo apreciavel livro —*Prolegomenos ao estudo do direito repressivo*— disse que uma das mais importantes conquistas da anthropologia moderna, é aquella que se refere á origem natural do homem de fórmas animalescas inferiores, segundo a lei da evolução: doutrina que tem o seo fundamento numa serie indefnida de provas scientificas, entre as quaes uma fornecida pela embryologia, e que é a seguinte:—que o embryão humano percorre, rapidamente, nos primeiros periodos de seo desenvolvimento, todas as phases pelas quaes passaram os antepassados animalescos do homem.

Accrescenta aquelle illustre publicista, que o homem, pelos seos caracteres morphologicos e physiologicos, se apresenta como o ultimo annel da serie zoológica, e por isso entendemos que todos os phenomenos psychicos, que, nelle se apresentam desenvolvidos do modo mais completo, se encontram tambem em grãos diversos nas especies animalescas inferiores, e que pro-

priamente no homem as primitivas manifestações do dynamismo psychico, não differem muito das observadas nos seres inferiores.

De facto, depois que, no dominio das sciencias naturaes, appareceo, em 1859, o celebre livro—*A origem das especies*—de K DARWIN, causou-se uma grande movimentação contra a posição semi-divina até então concedida ao homem, que perdeu o seu papel especial de *rei da criação*. A theoria da descendencia, tambem conhecida por darwinismo, não passando de um ligeiro blóco da theoria geral da evolução, quebrou os élos da cadeia que prendia o homem á criação biblica do universo, pelo par paradisiaco, e collocou-o como uma synthese de predicados, que se disseminam, indistinctamente, por todos os animaes da longa escala que percorre do bruto ou anorganizado, servindo de termo de transição o *bathybius hækeli*, ao organizado ou biologico—este e aquelle os dois grandes imperios, que, com o superorganizado ou superorganico, ou social, constituem a fórmula trigemina em que se aggreemiam todos os factos e phenomenos do infinito espaço sideral. Graças, pois, ao darwinismo, o papel de *rei da criação*, que, durante muitos seculos, sem a alteração de uma linha, o homem criou para o seu uso e collocação, escapou das raias da sciencia, indo collocar-se no dominio do *survival* como diria TAYLOR, ou no do *dominus tecum*, como TOBIAS BARRETTO aproveitou, com admiravel verve, para dizel-o «ainda hoje inconscientemente repetido, no ponto de vista antiquissimo dos que acreditavam que o *espirro* importava sempre a entrada de um *bom* ou a sahida de um *máo* espirito no corpo do individuo».

Por sua vez, os metaphysicos encaravam o homem

como o fim, para cuja cultura o resto da natureza não era mais do que um simples meio, por consequencia devendo todas as relações de sua vida achar a sua regra e a sua bitola no fim harmonico da vida humana. Esse modo de enfrentar o homem, chegou incolume e respeitado até ao direito natural de mais de metade do seculo passado, ultrapassando mesmo a data em que o darwinismo estabeleceu a verdadeira posição do homem na natureza.

«A importancia do logar do homem na natureza, escreveo ERNEST HÆCKEL, e de suas relações com o accumulo das cousas, essa questão das questões para a humanidade, como disse HUXLEY, acha-se definitivamente resolvida com o conhecimento da origem animal do homem». E, foi por isto que o grande monista allemão estabeleceu, com a maxima segurança, os dados da embryologia, apurando o concurso paralelo das evoluções philogenetica e ontogenetica, para systematisação da biogenesis fundamental. O celebre aphorisma, que, insubstituivel, atravessou os tempos até aos nossos dias,—o *natura non facit saltus*—de LINNEO, apoiou-se, modernamente, em os desenvolvimentos das sciencias naturaes, que apuraram se prendem todos os seres da natureza, não se encontrando, jamais, soluções de continuidade entre os diversos grãos da escala em que elles se discriminam. Comtudo, nos primeiros tempos da theoria evolucionista, quando o homem ainda era um «anjo decahido que se lembrava do céu», a descendencia e a filiação dos seres vivos foi limitada no ponto em que appareciam os ultimos seres vivos e começavam os anorganicos, sulcando-se entre elles, uma separação que parecia irreductivel. Coube, no entanto, a HUXLEY a solução das difficuldades, desfa-

zendo-se o grande salto, que se mostrava entre os imperios organico e anorganico. A descoberta de um ser minuscuro, um simples plasma, sem a estrutura commum, ou sem as fórmãs superiores do protoblasma, observado por aquelle naturalista entre as monéras, que se encontram nas maiores profundezas dos mares, trouxe a passagem gradual dos reinos vivos para os anorganizados, e o *bathybius hæckelii*, cuja veracidade foi posteriormente contestada, mas sempre sem triumpho (dando echo, entre nós, a essa contestação, o operoso escriptor sergipano SYLVIO ROMÉRO), porque a sua existencia tem sido admiravel e fartamente comprovada, postou-se, como o élo, entre os dois poderosos imperios—o mineral e o organico. Essa ligação correspondeo, exactissimamente, ás necessidades da uniformidade genetica da escala natural, da mesma fórma que o reino dos protistas, o chamado reino de *reserva*, distendendo-se entre os animaes e vegetaes, preencheo, cabalmente, a falha que, alli, algures quizeram encontrar.

Conseguio-se, pois, estabelecer ligações entre todos os seres da natureza e a ascendencia ou a filiação, entre elles—ou a passagem de uma especie á outra, subio, de grão em grão, até determinar que os homens descenderam, immediatamente, dos simios e prosimios. Ainda a HÆCKEL cabem os aproveitamentos de uma grande parte do darwinismo na passagem d'esses seres para o homem. Os anthropoides, de que o typo do *anthropo-pithecus* de BINET é o mais perfeito, accusam-se em quatro especies actuaes: 1.ª *Gibbon-Hylobato* (HÆCKEL, HUXLEY) na Asia Austral; 2.ª *Orango-Satyro* e *Simio* (HÆCKEL, HUXLEY) em Sumatra e Bornéo; 3.ª *Chimpanzé*—*Engeko* (HÆCKEL, Troglodyta);

4.ª Gorilla (HUXLEY) ambas estas na Africa Occidental, do Gabão ao Zaire. Accresce a essas quatro especies a do *driopithecus* (FONTAN) que é fossil da epoca meocena, na Europa.

D'elles proveio o homem. A sua habitação era o bosque, onde achavam todos os elementos para supprirem as difficuldades da vida, o tecto, o leito, e a meza. «A' maneira do Mastodonte, diz OLIVEIRA MARTINS, do dinotherio, do macrotherio, o anthropoide só das relvas, das folhas, dos fructos, tirava o alimento». Elle, em todas as suas especies, mostra a precedencia de todos os sentimentos do homem actual: a misanthropia, a alegria, a altivez, a covardia, o amor, a audacia, etc.

Assim, chegamos ao momento opportuno de inquirir-se si o homem descenderia de um só typo ou de typos diversos? si é verdadeira a monogenia—um só fôco de producção—ou a polygenia—muitos fôcos productivos da mesma especie?

A biblia christan tem um fôco formado por um par, creação de um Deus, originando, com a sua expulsão do paraiso, porque havia peccado, toda a humanidade actual. SCHOPENHAUER, o philosopho essencialmente pessimista, estabeleceo a paternidade das gentes pretas, no chimpanzé; das gentes amarellas, no orango, tendo ellas, pouco a pouco, perdido o pigmento corante de suas pelles até chegarem ás gentes brancas. DARWIN, opportunamente, opinou por uma proto-especie humana, perdida ou ainda não achada. Os *erecti* de HÆCKEL, o primeiro typo de homens, immediatamente descendente dos anthropoides, teriam, porém, formado a humanidade por origens multiplas e simultaneas, ou por uma só origem, num dado momento da evolução animal? OLIVEIRA MARTINS, depols de commentar a

opinião de VOGT, sobre o assumpto. resumio a opinião do auctor da *Historia da Creação*: «Para HÆCKEL, porém, a humanidade não proveio, assim, de origens multiplas e simultaneas. Do anthropoide sahio um typo transitorio, proto-humano, que se denomina pithecanthropo, erecto e alalo, e cujos caracteres nos são revelados, por atavismo, nos exemplares teratologicos: surdos-mudos, microcephalos, cretinos». Realmente, a embryologia, a anatomia geral, a osteologia e a craneometria estão ahi, nos seos empregos comparativos, comprovando a theoria hœckeleana, segundo a qual, «o genero humano é um ramunculo dos catarrhinos; desenvolveo-se no velho mundo, espalhando-se por todo o globo, emigrando, e provem de individuos d'esse grupo, desde largos tempos extinctos».

A evolução philogenetica ficou, inteiramente, determinada, e, si falhas pôdem existir na approximação dos seres, ellas hão de desaparecer com maiores estudos da paleontologia e da anthropologia. Applicando-se essa evolução ao homem, observando-se a sua embryogenia, notar-se-á que o ovulo humano reproduz em sua gestação diversas phases da vida animal, como exuberantemente mostra o quadro transcripto no primeiro capitulo d'este livro. Mas, si o homem é um descendente dos simios, e, si em sua formação, o desenvolvimento de seo ovulo reproduz diversos estadíos da evolução animal, a posição do homem na natureza, provindo por transformismo dos anthropoides, é a de um ser synthetico, em cuja organização, com a maxima complexidade se repetem os predicados e as funcções communs a todos os seres da natureza.

Entretanto, a qualidade de ser descendente, importa na de ser ascendente, o que muito bem disse o

grande pensador do — *Also sprach Zarathustra*—FREDERIC NIETZSCHE, nas seguintes aphoristicas palavras: «O homem é alguma cousa que deve ser ultrapassada». O contrario d'isso, realmente, seria o rompimento do evolucionismo, que tem regido a formação dos mundos, desde os seos perdidos inicios das nebulosas ou da materia imponderavel, do ether, emfim. «Todos os seres, até ao presente, continuou NIETZSCHE, criaram alguma cousa acima d'elles, e quereis vós ser o refluxo d'esse grande fluxo, e preferireis voltar ao animal a ultrapassar o homem? Que é o simio para o homem? Uma derisão ou uma vergonha dolorosa». O idéal humano está, modernamente, na formação do sobrehumano. D'este ha diversas manifestações ideologas: é o *heróe* de CARLYLE; o *sobrehumano* ou o *representative men* de EMERSON; o *uebermensch* (superhomem) ou o *adlermensch* (homem-aguia) de FREDERIC NIETZSCHE. São todas ellas, ainda agora, creações arbitrarías, tanto quanto as de *Brand*, de HENRYCK IBSEN, ou de *Jorge*, de GABRIELE D'ANNUNZIO.

Alguns escrevemos: «Obedecendo a grandes forças de inspiração, F. NIETZSCHE, quando redigia, em 1882, o—*La gaya scienza*— exprimia-se: «Fica um outro mundo a descobrir e mais de um! Para bordo, vós, outros philosophos!» Nesse mundo novo NIETZSCHE teve a idéa de um superhomem, e isso pareceo-lhe a solução da grande incognita philosophica, em nossa opinião, indubitavelmente, bastante clara no monismo naturalistico de ERNEST HÆCKEL, o grande sabio allemão. E, era neste sentido que Zarathustra dizia: «—fícae fieis á terra! o sobrehumano é o sentido da terra!». D'ahi se verifica que, como homem, NIETZSCHE se considerava um animal, entretanto, evolucionista, um ani-

mal capaz de reformar-se por seu proprio esforço, constituindo-se em sobrehumano, traduzida em realidade a concepção firmada na celebre maxima — o superhomem é o sentido da terra—á qual o fogoso pensador accrescentou: «Eu vos conjuro, meos irmãos, ficae fieis á terra, e não crêde naquelles que vos falam de esperanças supraterrrestres!» E, como se vê em F. NIETZSCHE havia a possibilidade, rara nos homens, do conhecimento de si mesmo, e nisto, certamente, ficou a parte mais sublime de sua obra eloquente e bella. Atacando ao homem e á sua moral, o sabio escriptor fazia clara a idéa do superhomem, «cujo conceito, na phrase de EUGÈNE DE ROBERTY, é o ponto culminante do evangelho moral promulgado por NIETZSCHE». Este firmava-se, ainda mais, no seu modo de encarar a philosophia, como «o juiz da vida e o seu reformador», tendo a missão de «crear o que se chama cultura», de onde, em sua opinião, aliás, racional, o problema philosophico reduzir-se a assegurar o gráo de immutabilidade, que pertence ás diversas categorias de cousas, afim de poder, apoiando-se sobre essa base, proceder ao melhoramento da parte inconstante, ou modificavel da existencia».

Caracterizado, assim, o superhomem, como surgiria elle, da éra actual, ou do ser humano de hoje? Isolando-se, penetrando em uma solidão absoluta, sobre cujo procedimento commentou EUGÈNE DE ROBERTY: «o que elle queria era a elevação de cada um e de todos, era a aristocratisação das multidões». Como se faria, porém, essa aristocratisação, que chegaria com o homem ao ponto mais elevado do arco, de que elle é a corda e a outra extremidade o simio? O maximo desenvolvimento intellectual, responder-nos-ão, a grandezza do talento—eis os processos de purificação humana,

para chegar-se ao sobrehumano. Verdadeira utopia! Mas, o facto, que se não poderá contestar, é, emfim, a qualidade de ser intermediário que é o homem, entre o pithecanthropo de HÆCKEL e o ser que lhe succeder na extremidade mais elevada da escala evolucionista.

A posição do homem no mundo cósmico—fragmento minimo da materia formadora de todos os mundos, e no mundo organico — ponto culminante na cadeia animal, ultrapassavel como outro qualquer, determina a sua posição no mundo superorganico. O papel, que representa o astro no mundo sideral, a cellula no mundo organico, a molecula na materia, o atomo na molecula, é semelhante ao do homem no superorganismo. Ser naturalmente sociavel, capaz de comprehender em toda a sua latitude o que GIDDINGS chamou a consciencia das especies, affirmando o que SPENCER denominou a cooperação, o homem vive para a sociedade, completa-se nella, adquire forças para a coexistencia, que implica a lucta pela vida, e necessita da sociedade, como os demais seres vivos, para o seo engrandecimento e cultura. De onde, na sociedade, ser a posição do homem a de base do organismo que ella é. A materia vem a mesma em toda a parte: no mineral, que constitue a rocha, no vegetal, que se carbonisou, no animal que ascendeo o homem, e no homem que formou o supeorganismo, ou o organismo social.

O ser humano e a sociedade respectiva, como o mineral e o anorganico, estão sujeitos á lei geral da evolução, pelo que tinha razão BOCARDO, quando dizia que as sociedades humanas, no seo desenvolvimento, assim como as cellulas vivas, que se agrupam para formar a planta ou o animal, assim como os sóes e os corpos estellares cercados pela natureza cósmica dif-

fusa, são outros tantos momentos diversos da evolução do universo, a qual prosegue a sua marcha gradual, até ao dia em que, chegando ao seu termo, cederá lugar à dissolução, principio, talvez, de uma evolução nova e superior. Assim, deve-se concluir a verdadeira posição do homem. Entretanto, LEOVIGILDO FILGUEIRAS admite que «o homem é ao mesmo tempo o problema final da biologia e o factor inicial da sociologia». Pelo que, temos o homem sendo o limite da biologia, — o fim — o ultimo problema da biologia— como si elle fosse algum ser que não tivesse de ser ultrapassado pela marcha evolutiva, porque, identico a todos os problemas de biologia, elle não pôde fugir ao evolucionismo, que rege a materia universal. De outra fórma, a dicção —o factor inicial da sociologia— é mais absurda, talvez, que aquella outra, limitando-se ao genero humano os predicados de sociabilidade ou de socialisação. Muito diverso de toda a theoria de LEOVIGILDO FILGUEIRAS, é o pensamento monista, que é a formula theorica, a mais exacta, da realidade dos factos.

Exgottado o assumpto scientifico d'este capitulo, passaremos ao estudo da evolução psychica, de capital interesse para nós. Antes, porém, julgamos de palpitante oportunidade uma apreciação succinta da ho-dierna concepção philosophica da biologia, de onde decorrerão as nossas idéas sobre o psychico.

PHILOSOPHIA BIOLOGICA

SUMMARIO: *As connexões entre a experiencia e a philosophia. — Porque philosophia biologica? — A biologia e a physico-chimica? — O oddismo, ou o espiritismo scientifico. — Laços etiologicos dos phenomenos da vida. — As questões do genio e da hereditariedade de influencia. — LE DANTEC. — J. GRASSET. — A dynamica vital.*

© resultado fatal de tudo quanto acabamos de expender ácerca dos phenomenos da vida, observados, sem preconceitos, nos campos scientificos, é que, de todo o pervicaz neblinamento e sombreado mysterioso, em que se occultava o *quid* verdadeiro, ou a menos errada *causa vitalis*, por entre as heteroclitas theorias e as defeituosas explicações, revelou-se, num gráo maximo de veracidade, a hodierna concepção do phenomeno vital. Embora que especificados, como temos deixado, os caracteristicos da philosophia e da sciencia, ou do experimentalismo, em virtude da discriminação dos factos philosophicos, em confronto rigoroso com os factos scientificos, não foi nosso pensamento afastal-os, ou arredal-os um do outro, lançando entre elles o abysmo das controversias inaproveitaveis. São reaes e verdadeiras as connexões entre a experiencia e a philosophia, tanto quanto esta originando idéas scientificas, não poderia assegurar-as sem verificall-as ou experimental-as: sobre o monturo das hypotheses extra-

vagantes, para onde lugubres pensadores têm extravasado a sua bilis de retardatarios, a sciencia hodierna deixou cahir a antisepticidade de seu esquecimento radical. E, si ligações etiologicas se apuram entre os factos sciêntificos e philosophicos, é porque sciencia e philosophia têm o mesmo methodo, procedem, egualmente, na averiguação das verdades, riscando-se, nimiamente, a improbidade dos que limitam as funções philosophicas na exposição das hypotheses. Não fossem, d'esta arte, as connexões do experimentalismo com os assumptos da philosophia natural, que é a philosophia mecanicista, e não teriamos elementos para o combate d'essa nova orientação, que, segundo PROSPER LUCAS, GRASSET, LE DANTEC e tantos outros, se imprimio á biologia, dando-se-lhe o character de philosophia biologica, assás diverso do mecanicismo universal, a que não escapa, como um phenomeno elementar, a vida.

Effectivamente, porque philosophia biologica? Não é que não haja uma philosophia biologica, como ha, identicamente, tantas philosophias especiaes quantas classes de phenomenos observados e observaveis. Mas, é que a philosophia biologica, que resulta dos *limites da biologia* de J. GRASSET, da *nova theoria da vida* de LE DANTEC, do *oddismo*, servindo de *vehiculo o odd da força vital*, de ALBERT DE ROCHAS, veio a talhe de fôrça, e não a esforços de cinzel, para derrocar o que GRASSET chama o monismo biologico, porque, na expressão de um apaixonado escriptor moderno, cujo fogo de publicidade perturba-lhe a razão, torcendo os caminhos e triumphando conclusões irreflectidas, — o monismo, como todas as suas irmãs, tem de baquear e ceder o seu posto a outra disciplina, que esteja em correlação com a feição hodierna do espirito humano,

quer dizer, que allie a nossa tendencia materialeira o pendor para o maravilhoso, de que se acha, actualmente, possuida uma bôa parte da humanidade, e que constitue mesmo o fundo, a essencia de seo pensar» (ARAÚJO JORGE). E, si nós não admittimos o monismo como «*religião leiga*», na technologia de BRUNETIÈRE, ou como uma religião, conforme a exclamativa de ERNEST HÆCKEL, é porque o acceitamos e recommendamos, segundo as verdades naturaes que nos dominam, mas não tyrannamente, como a formula mais exacta do evolucionismo, de que somos um producto, como homem, e um sectario, como cientista. Ah! eloquente razão, ao nosso modo de ver, que não é inultrapassavel, possuiu aquelle que garantio, com o prestigio de seo nome, que quem não fôr monista será retardatario! Trefegas e levianas accusações, que os modernos reformadores da biologia hœckeleana, vão divulgando, para a conclusão de que «uma força possa explicar a vida e a explicação pertencer não á biologia mas á physico-chimica», porque, conforme a ingenuidade ridicula de J. GRASSET, «não se póde dizer seja irracional suppôr que um dia se achará um meio de passar-se de um corpo vivo a um corpo bruto, e por consequencia unificar essas duas sciencias»; incongruentes e fantasticas accusações, levantadas pelos reformadores do monismo biologico, vivem ellas proprias, como as serpes, na ancia de devorarem-se mutuamente, a prestigiar a doutrina que ellas alvejam, a reforçar a solidez do systema scientifico que ellas querem ferir de morte, verdade seja dita, sem elementos para tal. E, quanto á cafila desordenada dos antimonistas e dos oddistas, na qual se collocou, menos improbo e mais desconfiado embora, FELIX LE DANTEC, não seria muito

que repetissemos a phrase estigmatizadora d'este In-surrecto, a qual tanto lhe aproveita quanto aos outros de seos heterogenizados arraiaes: «*C'était bien la peine de tant batailler pour faire ensuite cette concession!*» de referencia á passagem dos corpos vivos aos corpos brutos, que J. GRASSET, a principio, pensa não poder succeder, para, logo depois, reconhecer que póde acontecer.... (Apud ARAUJO JORGE).

Desejariamos reter-nos, aqui, no combate á philosophia biologica de DANTEC, GRASSET e de ARAUJO JORGE, seo transplantador para a literatura antimonistica do Brasil, embora mesmo despresando as fragéis e futeis manifestações do oddismo, reduzido, por suas proprias expressões e fantasias, ao appellidado espiritua-lismo scientifico, ou espiritismo norte-americano, depois que no lar de JOHN FOX se revelaram os primordios da força oddica, uma das bases da philosophia biologica, que segue ARAUJO JORGE, e que este mesmo derrota com a sua opinião, um tanto ou quanto racional, como já vimos, do dynamismo vitalista. Desejariamos, aqui, finalizar as nossas considerações sobre as extravagancias dos oddistas, e dos que reduzem o homem ou a um problema final da biologia, (LEOVIGILDO FILGUEIRAS) ou a um simples phenomeno da physico-chimica (GRASSET). Mas, as questões do genio e da hereditariedade de influencia, que, á primeira vista, deixam pensar-se na viabilidade da força oddica, a qual é o aspecto scientifico do magnetismo animal, explorado como força espiritista, ou extra-natural, nos exigem urgentes e opportunos cuidados que passamos a referir.

Entre os phenomenos da vida, assim, occupando posição certa, fórmulas fixas e relativamente determinadas, ha uma sequencia de ligações, de laços francamente

etiologicos. E, a predominante nesses laços é a causa me-
 canica. Eis, pois, que dos tres processos de explicação
 da hereditariedade de influencia:—a) fecundação incom-
 pleta, segundo a qual o conjuge feminino sobrevivente
 conserva em certo estado de desenvolvimento um numero
 maior de ovulos, que aguardam a fecundação pelo licor
 seminal, o que se dá, mais tarde, por um segundo con-
 juge; b) impregnação dos organismos, muito semelhante
 á «communicação da syphilis constitucional»; c) influ-
 encia de agentes espirituaes, sejam elles o pensamento,
 a força oddica, etc.; eis, pois, diziamos, que d'esses
 tres processos, sem duvida, o da fecundação incom-
 pleta é o que se adapta, unicamente, ao mecanicismo,
 porque não recorre a causas metanaturaes. Mas, adapta-
 se, ainda mais, porque não se distende a factos que se
 tenham de realisar, ou que a mente humana deduz que
 elles se possam perpetrar. O contrario d'isto seria incor-
 rer-se na possibilidade de presupporem-se phenomenos
 para determinarem-se as suas leis, descaridosa theoria
 de LEOVIGILDO FILGUEIRAS que já tivemos ensejo de
 combater, no momento de estudarem-se os phenome-
 nos determinantes da explicação certa dos mundos,
 conforme o mecanicismo.

Outro tanto verificamos sobre a genialidade, que
 se firmou na etio-megalanthropogenia, que, desde o
 neologismo qualificativo até ao conceito fundamental,
 pecca por sobrenatural, e contradiz o criterio dos que
 admittem a intromissão das transformadoras forças
 oddicas, e quejandos principios de um espiritualismo
 disfarçado em sciencia. E, exactamente, ou o genio é
 um producto de traumatismo cerebral intra ou extra-
 uterino, para a sciencia, e é um facto experimental, ou
 não tendo verificação possivel em experiencia é anti-

scientifico e banal. Alli, a naturalidade o garantiria, aqui o nega, peremptoriamente. Si a evolução hominal encaminha o homem para o apogêo do intellecto, como um facto normal, o genio que representa esse apogêo, na evolução psychica do genero humano, como vamos provar, não pôde ser um caso etiologico, um phenomeno anormal, sem prejudicar a seriedade scientifica do monismo biologico.

E, aqui, abramos espaço, muito cabidamente, já que tratamos do genio, á evolução psychica, terceira modalidade de desenvolvimento do evolucionismo universal.

PSYCHICO

SUMMARIO: *Evolução psychica.—A vontade.—A consciencia no parallelogrammo das forças psychicas.—ROMANES.—Evolução mental dos animaes e do homem.—Epocas do desenvolvimento intellectual do homem.—Correlação do desenvolvimento social.—A linguagem articulada.—Numero das linguas primitivas: o monoglottismo e o polyglottismo.—Selecção intellectual para o "adlermensch" de NIETZSCHE.—A metronomia universal.*

15
só, realmente, com uma regular e bem orientada applicação das mais modernas descobertas da physiologia, como bases da psychologia animal e humana, e do principio de selecção, se poderá, claramente, comprehend, em todos os seus trechos, a grandiosissima theoria da evolução psychica. E, essa theoria, depois sómente que se accitou o phenomeno psychico como um phenomeno commum, em maior ou menor gráo, a todos os animaes, foi que se resolveo em uma serie etiologica de relações abstractas, provada com a passagem psychologica do animal para o homem, contra o que LOCKE e TURGOT assoalharam, com ares de positivos, isto é, que os homens, não importando as raças, as nacionalidades e o meio, são, intellectualmente, dotados de uma mesma intelligencia, em todos os logares e em todas as epocas. Em querendo-se, assim, pesquisar a origem das faculdades do homem, o estudo da elo-

quente evolução mental dos animaes, é indispensavel, porque, trasladando para aqui, as palavras de ROMANES, quer na psychologia animal, quer na humana, «a luz que se tem espalhado com a doutrina da evolução é de uma grande importancia, que, sómente agora, começamos de apreciar, e que, adoptando-se a theoria do desenvolvimento continuo de uma ordem de espirito a outra, nos puzemos em condições de poder explicar, scientificamente, toda a constituição mental do homem, mesmo em certas partes, nas quaes, ás gerações precedentes, tinha parecido inexplicavel». Effectivamente, a descendencia darwinica, não só em relação aos phenomenos da mentalidade, como tambem aos do corpo animal, é verificada, não deixando insufficiencias, em qualquer ponto do reino animal, inclusive o homem, cujo estado psychico actual é um desenvolvimento dos respectivos dotes recebidos pelo ser hominial dos seos antepassados na escala zoologica. Combinados esses factos, podemos apurar que, como toda e qualquer evolução, a psychica vae do homogeneo indistincto para o heterogeneo distincto, estabelecendo-se, d'esta arte, um cordão phlogenetico intellectual, a que corresponde uma ontogenia, muito observada no ser humano, em seos periodos de infancia á maturidade individual. Na verdade, como trechos rudimentares de uma cadeia evolucionista, as intelligencias dos animaes differem, de especie a especie, e, muito especialmente, de todas as especies ao homem. Assim, essas differenças têm preoccupado os observadores, dando em resultado que QUATREFAGES as estabeleça nas faculdades de moralidade, ou de religião, proprias dos homens e que os animaes não têm; que WALLACE faça reduzir as differenças na estructura e no volume ca-

rebral, porque «um cerebro ligeiramente mais volumoso que o do gorilla, segundo os factos conhecidos, satisfaria plenamente ao desenvolvimento mental restricto de um selvagem», concluindo-se d'ahi que «o cerebro mais volumoso que elle possuisse não poderia jamais desenvolver-se exclusivamente, em virtude de qualquer das leis da evolução; que MIVART indique as mesmas differenças no funcionamento da intelligencia, conseguindo crer em que «a intelligencia humana não pôde assimilar-se á intelligencia animal, porque o espirito do selvagem inferior é incomparavelmente superior ao do macaco mais elevado» (*apud* FAUSTO CARDOSO); e que ROMANES, o mais poderoso psychologo dos tempos hodiernos, aponte, como distincção unica entre a psychologia do homem e a do animal, a ideação humana. Divergimos, porém, de todos os luminosos pensadores que acabamos de enumerar, e, fundamos a nossa divergencia na theoria da evolução, que ROMANES usou para uma conclusão differente da nossa, porque, como effeito do evolucionismo universal, a intelligencia humana é, apenas, um gráo maior da intelligencia animal anterior, portanto, d'esta differenciando-se, não em um só dos seus elementos constituintes, mas no gráo de desenvolvimento complexo de todos esses elementos, que, precisamente, julgamos communs, em grãos relativos, a todos os seres vivos. Ora, si por ideação queremos, de accordo com o pensamento intimo de ROMANES, comprehender a faculdade de abstracção, visto como ahi se caracteriza bem a posse de idéas geraes, que LOCKE, aliás sem fundamento, negou aos animaes e concedeo, exclusivamente, ao homem, para destruir-se essa distincção, no pensar de ROMANES, «a principio estreita como o espaço com-

prehendido entre duas linhas de ferro», e, depois, divergindo «até aos pólos oppostos do espirito», usar-se-á dos mesmos argumentos de LOCKE, cujas palavras são transcriptas, por aquelle publicista inglez, como fundamento de seo modo de pensar. Sim, porque não significa, absolutamente, ausencia de ideação o facto dos animaes não articularem sons, da mesma fórma que não importa uso da faculdade de abstracção o facto dos homens, na impossibilidade da palavra falada, recorrerem aos signaes e aos gestos. Mas, basta este facto geral, si ambos, animaes e homens, querendo desviar-se do perigo podem estabelecer a comparação entre elle e o bem-estar, podem ideal-o ou suffocal-o, buscando o recurso de medidas que os salvem ou os premunam dos accidentes previstos; é porque elles gozam da faculdade de abstrahir, egualmente, ou da posse de idéas geraes sobre o bom e o máo. Não ha, pois, outras diferenças, que não as da relatividade evolucionista, entre a intelligencia dos seres vivos. Ora, muito bem. Ajusta-se ás conclusões que hemos tirado os seguintes conceitos de FAUSTO CARDOSO, os quaes caracterisam bem o que chamamos relatividade psychica: «A intelligencia da creança não é a mesma do homem adulto, nem a intelligencia do homem, quando elle surgiu nú e desarmado sobre a terra, é igual á do homem que construiu palacios, uniformisou o pensamento da humanidade pela imprensa, eliminou o tempo pelo telegrapho, o espaço pelo vapor, e que descobriu a analyse espectral e formulou a lei da evolução». E, basta-nos isto, para encerrarmos esta serie de argumentações, que, já vae longa, de certa fórma, sobre a evolução psychica, ou sobre a evolução mental dos animaes e do homem, feita gradualmente, e de fórma identica á evolução organica.

Do bruto ao genio vae a distancia linear da evolução psychica, que atravessa, philogeneticamente, a seguinte serie geral, á qual ha de corresponder, ontogeneticamente, uma abreviação, si não uma recapitulação abreviada.

Serie da philogenesis psychica: 1.º periodo: excitabilidade; 2.º neuralidade; 3.º sensação; 4.º percepção; 5.º imaginação; 6.º abstracção; 7.º generalisação; 8.º reflexão; 9.º auto-consciencia.

E' obvio, que corresponde a esta, uma outra serie:

Da ontogenesis psychica: 1.º periodo: irritabilidade comprehendendo vestigios ou rudimentos da excitabilidade e da neuralidade; 2.º sensibilidade, abrangendo fórmas primordiales da sensação e da percepção; 3.º intellectualidade, tendo as repetições da imaginação, da abstracção e da generalisação; 4.º consciencia, em que actuam a reflexão e a auto-consciencia.

Ha, pois, uma lei de psychogenesis fundamental, que foi, geral e latamente, comprehendida por HÆCKEL, quando affirmou que «a admiravel actividade intellectual do homem sahio, gradualmente, através de annos, da grosseira intelligencia dos vertebrados inferiores, e o desenvolvimento psychico de cada creança não é mais do que uma breve repetição d'essa evolução philogenetica». Assim, da mesma fórma que correspondem ás epochas do desenvolvimento intellectual da especie os periodos do desenvolvimento intellectual do individuo, a sociedade revela, em seo evolucionismo, periodos correspondentes, havendo, portanto, uma veraz correlação do desenvolvimento intellectual.

No individuo adulto, as idéas vivem e succedem-se. Ellas representam modalidades da força, e coexistem, consequentemente, num parallelogramo. Nessa coexis-

tencia, naturalmente, ha uma relação de equilíbrio—a consciencia. No meio physico ellas se originaram e agem no meio organico. E então, é no mundo subjectivo que ellas se succedem, com uniformidade, do que resulta que ha unidade de idéas. D'ahi, concluiu FAUSTO CARDOSO: « A consciencia é a harmonia que resulta d'este mecanismo impalpavel de impressões, de sensações, de sentimentos, de idéas, que se succedem e coexistem, constituindo os corpos da mecanicologica, e onde, nenhum conhecimento póde existir sem estar revestido de uma fórma». Comprehende-se bem o importante papel da vontade, como um phenomeno psycho-physiologico, e resultante normal, na acção da consciencia. Vontade têm todos os seres vivos, não prevaleceo, pois, ella, como um phenomeno psychico capaz de distinguir o homem dos outros animaes. Não sendo, ainda, geralmente acceita a differenciação das especies animaes pela complexidade crescente de órgãos e funcções, o que constitue o padrão maior de gloria da sciencia monistica, é bem de ver que os espiritos mais demorados na accitação dos triumphos scientificos, busquem, a toda a hora, e ás vezes, sem o menor criterio, caracteristicos para os homens. Não ha muito tempo, era a razão que representava esse papel, razão que consideramos como a relação de equilibrio entre os factos do mundo psychico, porque a consciencia, como já dissemos, é a relação de equilibrio entre os factos psychicos de uma mesma ordem. Mas, a razão, que disse GÆTHER, no seo *Mephistopheles*, ser empregada pelo homem para ser mais animal do que outro qualquer animal, cedeo o seo lugar á impoderosa distincção da linguagem articulada, aproveitada pelo sabio HÆCKEL para o ultimo gráo da escala evolucionista.

A linguagem articulada, que caracteriza o ultimo gráo da philogenesis, pois que, assim pareceo ao professor de Iena, não preenche, ao nosso modo de ver, as exigencias de uma caracterisação completa, que buscamos no desenvolvimento complexo do ser humano. A linguagem é um resultado fatal da evolução psychica dos animaes; a linguagem articulada é um ponto a mais, quer se admitta o erro do polyglottismo, quer o monoglottismo inicial, muito exacto e verdadeiro.

Pela evolução psychica, o homem ha de desenvolver-se num ser superior: é a concepção do *adlermensch* de FREDERIC NIETZSCHE, ou do *deco* de RENAN, porque « o fim da humanidade é produzir, não massas illuminadas, mas sim alguns grandes homens », porque, emfim, « toda a civilisação é a obra dos aristocratas ». Eis toda a inspiração genial do pensador viajante nas margens do lago Egandine....

E' no estudo da natureza psychica do homem, que se observa a acção da força no espirito humano e d'este na historia social. E, por isso, não seria máo que lembrassemos a expressão aristotelica: *anthropos metrôn pantôn*—o homem é a medida do universo. Não ha metaphysica n'esta phrase: antes ha uma prova clarividente do monismo universal, de que, até agora, representamos, nós homens, o capitulo mais complexo, premissa, porém, de outro, ou outros, por sua vez mais complexos, porque, tal como viemos determinando, um phenomeno sendo effeito, é, forçosamente, causa de outros muitos, que lhe são subseqüentes etiologicamente.

Resta-nos tratar, em materia de evolução, do evolucionismo social, e é o que passamos a discutir em pro-

ximo capítulo, para o qual tiramos o nome da atmosphera em que se passa a respectiva evolução.

Os dominios d'essa evolução, o seo campo de desdobramento, ou o organismo em que ella se passa, a sociedade, emfim, merecem um estudo mais urgente em seos dois aspectos — de facto, como sociedade humana e de noção, como objecto de theorias e idéas scientificas. Antes, pois, da apreciação do evolucionismo social, temos o estudo da sociedade humana, ao qual abrimos o espaço necessario.

SOCIEDADE HUMANA

SUMMARIO: *O isolamento.*—ROBERTO ARDIGÓ. NIETZSCHE.—*A sociedade.*—*As leis sociológicas.*—*O quadro sociogenético e a biogenia fundamental.*—*A vida social.*—*Os phenomenos sociais.*—*Origem social.*—*Fôrmas da sociedade.*—*Theorias sociogenéticas: contractualismo, organicismo e eclecticismo.*

Não prevalecem as opiniões de ROBERTO ARDIGÓ e de NIETZSCHE, sobre a necessidade que tem o homem actual de isolamento, afim de sua vida tornar-se effectivamente superior a dos seres seos semelhantes. E, muito mais desarrazoada vae sendo a ampliação, que fazem os discipulos dos rigorismos e extravagancias da loucura nietzscheana, os quaes, longe de repararem as lacunas e os defeitos do systema philosophico de seo mestre, lhes aproveitam de preferencia: ao super-homem elles querem dar, designando como uma condição essencial para que este surja, derivadamente, a vida nas solidões das mattas, ou nas frialdades das altas montanhas. Temos visto que o homem, pela complexidade de funcções de seo organismo, não póde recusar-se á vida em sociedade. Não apoiamos, portanto, a opinião de G. TARDE, quando estabeleceo que o homem tem a sociabilidade porque é um espelho de seos antepassados, ou um espelhamento de factos já occasionados, e, então, reproduzidos por méra imitação,

que é, ao modo de ver de DURKHEIM, inconsciente. A coexistencia humana é um producto da socialidade, sendo que esta é a prerogativa de ser sociavel, que acompanha o homem. Ora, deante d'isto, quem poderá crer que a sociedade actual seja uma imitação consciente ou inconsciente das associações anteriores? Si applicarmos o monismo sentimental de NOIRÉ ao phenomeno sociologico, encontraremos, como no mundo physico, os dois elementos constituintes do individuo sociavel—o sentimento de socialisação e a sociabilidade, ou, como outros dizem, a socialidade. Mas, como são uma e unica cousa o sentimento de associação e a socialidade, pecca, tambem aqui, a doutrina monistica de NOIRÉ. Comtudo, a sociabilidade não passa de uma modalidade da força geral de attracção. Ella reveste-se de todos os requisitos de um simples movimento, para tornar-se, como quer HERBERT SPENCER, em cooperação, que é a lei da coexistencia humana.

Conforme ROBERTO ARDIGÓ, o idéal da sociedade reduz-se, agrupando-se as suas modalidades, em cinco factos:

- a) autonomia das partes, cada qual sendo um arbitro;
- b) completa ausencia de constrangimentos de uma parte sobre outra;
- c) constituição distincta do poder;
- d) derivação do poder, por selecção natural, do corpo do estado;
- e) organisação e subordinação das partes ao poder social.

Como determinar-se, entretanto, o phenomeno da socialidade, pelo conhecimento do idéal, que ahi está transcripto?

Ha, para GIDDINGS, uma significação originaria da palavra sociedade, a qual é reciprocidade, sendo que a associação ou a sociabilidade e os factos sociaes, são de natureza psychica. Mas, ainda isto não explica a associação, segundo os ideaes mostrados por ARDIGÓ. O que esclarece, por completo, o assumpto, é o parallelismo que se estabelece entre a evolução da sociedade e a dos seres, que a compõem. Em virtude d'isto, o organismo social vem a ser um organismo paralelo ao dos seus elementos constituintes, tendo como causa de seu progresso a desigualdade dos componentes. Ora, si a sociedade é um organismo, dotado de vida, e de funcções, portanto, submete-se a um quadro de leis, que presidem, não só á sua genese como a sua propria existencia. Essas leis chamam-se, vulgarmente, sociologicas.

Resumamos, de accordo com ROBERTO ARDIGÓ, as evoluções parallelas dos organismos biologicos e sociaes. Que se apreciará, então?

1.º No corpo animal, no inicio da escala zoologica, ha uma homogeneidade de fórmas e funcções; o indistincto preorganico, ou, como diriam os spenceristas, o homogeneo confuso preorganico zoologico, é o mesmo indistincto preorganico social das tropas ou primeiras associações realisadas entre os povos selvagens.

2.º No organico, formam-se as colonias, como por exemplo os polypos, as quaes são a primeira differenciação ou distincção; no social, sobre o mesmo sólo, com egualdade maior ou menor de idéas, usos e costumes, além da descendencia commum, desenvolvem-se as tribus ou os pequenos estados, independentes uns dos outros.

3.º Nos animaes superiores, differenciados fórmas e

tecidos, inclusivè o nervoso, chega-se ao individuo completo, ao homem consciente ; nas sociedades civis, diferenciadas as castas, havendo o predominio das mais fortes e mais intelligentes, transforma-se a tyrannia do poder das tribus em poder regular e moderador.

D'ahi temos, que, fatalmente, a sociedade é uma organização biologica, como já asseguramos, dotada de leis, que são as seguintes :

I *Lei de reprodução para conservação das especies sociaes*,—visto como ha uma tendencia para serem transmittidos, aos descendentes, a vida e os caracteres de um organismo social, que são, como entre os organismos animaes e vegetaes, variaveis e não identicos.

II *Lei da correlação dos crescimentos*—segundo a qual, ha uma correlação constante no crescimento das sociedades, o que vale dizer, um órgão que se transforma traz consigo uma parallela transformação d'um outro órgão com o qual aquelle entre em acção.

III *Lei de hereditariedade*—de accordo com a qual, ha uma hereditariedade, não só dos caracteres novos, porque o semelhante produz o semelhante, como tambem das variações, em determinada idade, porque, como se disse para o organico, «uma particularidade de organização tende a reaparecer nos descendentes, em uma idade correspondente».

IV *Lei de progressão geometrica das especies e de progressão arithmetica dos alimentos*—, em virtude da qual ha uma progressão que regula o crescimento dos organismos sociaes, da mesma fórma que ha uma outra que regula o crescimento dos alimentos ou das condições essenciaes e indispensaveis á manutenção individual, que cada associação representa no mundo superorganico.

V *Lei da constancia das fórmas na razão da simplicidade de estructura*—conforme a qual ha uma constancia das fórmas, que se mantêm em razão da simplicidade do organismo, porque « tanto mais a estructura dos seres é simples, quanto mais as suas fórmas e a sua organização são constantes », ou, pela reciproca, « tanto mais a organização dos seres sociaes é elevada, quanto maior é a ligeireza de mudança ».

São estas as leis da biogenia fundamental de DARWIN, e que se applicam, inteiramente, aos organismos sociaes. E' factó racional e fundado na efficacia das observações rigorosamente scientificas, a influenciação d'aquellas leis de biogenia sobre as sociedades. Si o universo é um *monon*, em que, necessariamente, todos os acontecimentos normaes estão encadeados e ligados como os élos de uma cadeia grandiosa, as organizações sociaes, como um de seos phenomenos mais rudimentares e mais naturaes, estão sob a acção uniforme e equilibrada dos mesmos principios biologicos, que regem todas as phenomenisações.

Isto posto, as sociedades nascem, crescem, desenvolvem-se, e estão sujeitas á morte, como qualquer ser vivo.

Ha divergencias e multiplicidade de theorias a respeito da sociogenia, e do character das associações animaes. Todas essas theorias, porém, estão agrupadas, pelos auctores, nas seguintes:

- a) contractualismo;
- b) organicismo;
- c) ecletismo.

O contractualismo, de um modo geral, admite que a sociedade é o resultado de um contracto entre os homens, o qual não carece de ser expresso para que

tenha a execução precisa. Isto implica um estado de natureza do homem anterior ao estado de sociedade, e que esta é um resultado da vontade consciente ou inconsciente do ser humano. Paralelamente, os contractualistas admittem que a qualidade de ser sociavel, que acompanha o homem, é uma predicação estranha aos demais seres da natureza. A socialidade é o proprio estado de natureza do homem, porquanto a vida humana não se faz perfeita senão quando em sociedade, da qual o ser vivo, e não sómente o homem, como querem alguns spenceristas, entre os quaes LEOVIGILDO FILGUEIRAS, é a plasmatrix. Mas, não se póde levar isto ao exaggero de crer-se, que «a associação modificou o systema nervoso e o cerebro individual, dando, consequentemente, uma transformação especial ao caracter da luta pela existencia, que, por sua vez, promoveu a sobrevivencia e a variação» (GIDDINGS). Todavia, quem poderá annullar as observações de KROPOTKIN, que determinaram aos animaes sociaveis, em relação aos que vivem em isolamento, maior duração? O facto, entretanto, é que o contractualismo social é uma invenção, que não tem, absolutamente, o seo fundamento, na natureza humana. Assim, elle contraria o monismo philosophico, que orienta, hoje em dia, as investigações socio-biologicas. E' claro que aquelles que, como GUMFLOWICZ, acreditam na formação da sociedade, a passo egual da formação psychica dos animaes, classificando, pois, as associações, em relação ao evolucionismo do sentimento consciente da especie, nos quatro grupos distinctos — zoogenica, anthropogenica, ethnogenica e demogenica — não apoiam o contractualismo, porquanto, além do mais, estaria a sociedade limitada ao genero humano. O contractualismo implica um es-

tado de consciencia que não pôde ser o dos animaes inferiores. De mais a mais, a sociedade-contracto estabelece um estado anterior para os seus individuos constituintes, uma origem de anarchia, (que não é a confusão primordial) de ausencia de leis e de insubordinação contra os principios mais geraes reguladores da existencia universal.

Outro tanto não occorre com a theoria organicista da sociedade, em qualquer das suas feições especiaes.

Os organicistas, em these, admittem que a sociedade é um verdadeiro organismo, que, pela sua complexidade de organização, levou DE GREEF ao estabelecimento dos superorganismos, e, a boa razão á determinação de um terceiro imperio, o superorganico. MIGUEL VACCARO catalóga em quatro grupos as feições da theoria organicista: *a)* darwiniana; *b)* spencereana; *c)* comteana; *d)* analogica-organica. O facto principal é a similhaça dos organismos sociaes aos dos seres vivos. Esse facto é o assumpto obrigado de todas essas feições do organicismo. Clarissimo é que para a sociedade ser um organismo deve ter uma organização, e que a organização não é mais do que um arranjo, ou uma disposição, de elementos adaptados a funcções especiaes. E' essa a questão capital do organicismo, contra o qual se levanta LÉON DUGUY. Confessa este eminente professor: « La doctrine organique, qui a eu naguère un grand crédit, et qui, nous le reconnaissons volontiers, nous a pendant un temps séduit, voit dans les phénomènes, plus complexes sans doute que les faits biologiques, mais identiques à eux et comme eux soumis aux lois de la vie. On a parlé d'une biologie sociale.... Ces systèmes ont eu le tort de vouloir identifier les faits sociaux et les phé-

nomènes physiques ou biologiques. D'ou leur discredit à l'heure actuelle». Ora, ou se admitte o monismo universal, a harmonia de causas e effeitos, a similhaça dos mundos e a correlaçã dos respectivos phenomenos, ou se reduz o universo a fragmentaçõs divergentes, o que contradiz a realidade observada dos factos e phenomenisaçõs. No primeiro caso, a sociedade ha de ser similhante aos organismos vivos correspondentes; no segundo caso, a contestaçã de LÉON DUGUY pôde caber. Ha quem enverede, na opposiçã ao principio do organicismo, pelo terreno das contestaçõs perigosas, tal como a de falta de ligaçã ou cohesã entre os elementos constituintes do organismo social. Contra estes, está a palavra de Novicow: «E' commetter um erro grosseiro, assegurar que as sociedades não são verdadeiros organismos, visto como os seus elementos componentes não nos parecem adheridos uns aos outros». Que opporã, então, o eminente sociologo aos seus adversarios? A argumentaçã seguinte: «Vamos suppor que nos fosse possível examinar o corpo de um homem através de um instrumento que lhe augmentasse de um milhão a sua estructura; ou, o que vem a ser o mesmo, supponhamos que o nosso corpo é examinado por um ser dotado de razão como o homem, mas um milhão de vezes menor. O corpo de um homem, então, para similhante ser, teria o effeito de um aggregado de materia de 1,685 kilometros de extensão e 380 kilometros de largura, isto é, de 640.000 metros quadrados. O corpo d'esse homem teria para elle as dimensõs, que tem, para nós, todo o imperio da Austria-Hungria». Isto posto, conclúe brilhantemente Novicow: «Não; as distancias que separam os homens, no estado actual da populaçã de nosso globo,

não impedem que as sociedades sejam verdadeiros organismos. Em certas cidades, muito povoadas, os homens parecem, mesmo a nós, amontoados uns sobre os outros». Fazendo parte, no entanto, dos adversarios do organicismo, ARTHUR ORLANDO, num opusculo intitulado — *Propedeutica* — escreveo: « A sociedade não é um ser concreto, conforme pensava COMTE, nem um simples aggregado de individuos, no entender de SPENCER, como o *eu* não é uma substancia, segundo ensinam os espiritualistas, nem uma serie de idéas, sentimentos e volições, como affirmam os sensualistas, nem o producto do concurso dos atomos, como querem os naturalistas. A sociedade é um *processo*, como um *processo* é o *eu* ». Não será isto o que quiz GIDDINGS, dizendo que a associação foi uma causa principal de variação e de caracterisação? que ella criou variedades novas, e reproduzio nellas, com uma força sempre crescente, o instincto da associação? Parece-nos, muito claramente, que sim. Mas, a sociedade é um organismo. A aggregação, sem o espacejamento observado nos organismos sociaes, não é um impecilio. Podemos dizer que é materialmente impossivel não haverem, entre os atomos de uma molecula, vacuolos ou espaços, por onde penetra a força de attracção, que se especifica, alli, em cohesão e affinidade. Não é isto, porém, professarmos o absurdo de todo o corpo ser um composto de cheio e de vazio (LEOVIGILDO FILGUEIRAS). O organismo social, si a organisação é um arranjo de elementos adaptados a funcções, é dotado de vida, e a determinação d'essa vida é o que directamente constitue a base da theoria organicista. Ainda DIODATO LYOV substancia a comparação do organismo animal com a sociedade, determinando órgãos semelhantes, no orga-

nismo social, aos dos homens, porque diz elle que o todo não póde ser de natureza differente da natureza de suas partes. Ha quem opine, tambem, que se deve preferir o abandono das comparações, como fez PIOGER, acreditando-se, assim, que, pelo mesmo motivo por que ha animaes sem órgãos, a sociedade póde ser um organismo sem estar dotada de órgãos differenciados. Mais racional é o modo de ver de AUGUSTO FRANCO, quando sentenceou: « Não ha negar que as sociedades sejam verdadeiros organismos. A ninguem medianamente instruido, é licito contestal-o. Mas não se segue d'ahi que tenham inteira analogia com os organismos propriamente considerados ».

O ecletismo sociologico, como todo e qualquer ecletismo, é falho, enganoso, e destruidor. Quer, emfim, a conciliação, ou exerce funcção equivalente. Nada mais.

Ora, si o organismo social tem funcções, como estas se manifestam e como se classificam? Si algum trecho no livro de LEOVIGILDO FILGUEIRAS precisa um ponto de sociologia, é o da caracterisação de estrutura social; mas, si outro ha que nada esclareça, é o que se refere ao funcionamento do organismo social.

A sociedade tem órgãos, e estes órgãos são os seres que as compõem. Nelles se exercem as funcções sociaes, que se classificam em funcções de nutrição e de relação. Entre as primeiras estão as que garantem a conservação do organismo social, e a sua reproducção. Entre as segundas, estão classificadas todas as manifestações externas da actividade collectiva. A concorrência de ambas é o que determina o progresso social, que depende da vida dos homens em sociedade, ou da vida societaria, geralmente confundida com a vida

social. Por sua vez, esta é o concurso harmonico de phenomenos chamados sociaes, porque se desenvolvem no ambiente das sociedades, tendo como causa a existencia vital d'estas.

Entretanto, si a sociedade tem vida, está sujeita á morte? Depois de ÉLIE METCHNIKOFF, que fez uma radiante *introducção ao estudo scientifico da morte*, a immortalidade de alguns seres, está um facto indiscutivel, porque ha animaes, como os infusorios e protozoarios, que se reproduzem, como as sociedades humanas, por divisão, ou segmentação, e remoçamento, sem que haja um só caso de morte. Então, fica ao naturalista o trabalho baldado de procurar um « seul cadavre parmi la quantité innombrable d'infusoires grouillants ». E, deante d'isto, BUETSCHLI e WEISSMANN concluem, muito racionalmente, que « os sêres unicellulares são immortaes ». Mas, não sendo a sociedade um ser unicellular, será immortal, não estará sujeita á morte?

A decadencia social é inevitavel : as sociedades ficam senis, como os seres humanos. Mas, nellas ha o remoçamento, pela intromissão de elementos novos que a regeneram. Demais a mais, podemos applicar ás sociedades uma verdade de YVES DELAGE : « O plasma germinativo é a parte da substancia dos paes, que não morre com elles e se perpetúa nos filhos ». Uma sociedade que se segmenta, indo a sua parte viver noutra local, é uma parcella da substancia da sociedade geradora, que não desaparece, indo, ao contrario d'isto, perpetuar-se na organisação descendida.

Finalmente, caracterisemos o ser superorganico ; como fazel-o, porém? Recorrendo-se ás suas qualidades : a) estrutura variavel, na evolução, e constante, nas limitações ; b) funcionamento regular de órgãos,

entre o nascimento e a morte, que é a simples decadência; *c*) órgãos certos e activos, nos diversos seres que se aggregiam para constituição do superorganismo; *d*) causa de phenomenos, cujo conjuncto é a vida social; *e*) character evolucionista, passando por fórmulas homogeneas e heterogeneas.

Assim, concluiremos, com GIDDINGS, um dos maiores sociologos da lingua ingleza: « O homem é um aggregado de cellulas, e, por isso não é menos uma individualidade; da mesma fórmula, a sociedade é um aggregado de homens, o que não a impede de ser uma personalidade».

D'esses conhecimentos, porém, nos resulta, muito claramente, a necessidade de estudar-se a sociedade, não como um facto natural em si, mas como uma noção philosophica, ou o que chamamos, quiçá, pouco propriamente, sob o seu aspecto subjectivo, sociedade scientifica.

E já é tempo de o fazermos.

ASPECTOS SCIENTIFICOS

SUMMARIO: *Ha uma lei de coexistencia humana? O conceito scientifico da sociedade.—Exposição scientifica e succinta de diversas theorias geneticas dos superorganismos, ou sociedades dos homens.—A lei de recapitulação ou de repetição da historia.—*FAUSTO CARDOSO.—VANNI.—*Psychologia das multiddes.—*GUSTAVE LE BON.—*Psychologia das seitas.—*SCIPIO SIGHELE.

ACCENTUA-SE, em todo o campo da sciencia social, a necessidade dos dados da biologia e da psychologia experimental para a exacta comprehensão dos phenomenos sociaes.

A sociologia, ou como a quer GIDDINGS, pela sua concepção da *consciencia das especies*, uma parte da psychologia humana, ou, como verdadeiramente ella é, uma generalisação dos principios biologicos, anda, passo a passo, na evolução geral das sciencias, com a anthropologia, ou sciencia do homem, pelo que, como objecto de sciencia, elle se tornou o agente principal da biologia actual, e o problema mais desenvolvido da sciencia sociologica.

Quem estuda o homem e a sua natureza, vê que a sua organização determina um conjuncto de necessidades, que elle procura, aliás instinctivamente, satisfazer. O isolamento, porém, não lhe proporciona os meios essenciaes á satisfacção inadiavel de suas ne-

cessidades. Assim, elle procura aggregar-se aos seus semelhantes. Essa justaposição dos individuos, que é a fórma rudimentar das sociedades humanas, é determinada, pois, por um concurso de circumstancias independentes da reflexão e da vontade, em cuja primeira linha se acha a fome, seguindo-se-lhe o acaso, o perigo, o medo, etc.

Segundo as doutrinas de GABRIELE TARDE, o famoso escriptor de—*Les lois d'imitation*—a justaposição, ou aggregação irreflectida, dá logar á imitação entre os individuos, a qual, no ponto de vista psychico, os torna semelhantes, ou em vista de sua actualidade, ou, ainda, pelo facto de serem elles a reproducção d'um modelo commum. De onde, segundo esse escriptor, o grupo social, ou a sociedade, é uma collecção de seres, emquanto se acham em condições de imitar entre si, ou emquanto, sem que se imitem actualmente, se assimilham, e seus traços communs são copias antigas de um mesmo modelo. Isto é contrario ao que se pensa no—*facile intelligitur nos*—de CICERO, segundo o qual «nascemos para a união e a reunião dos homens é uma communhão natural».

Para DURKHEIM, cuja opinião significa uma idéa mais perfeita do phenomeno de socialisação, a adaptação das idéas e sentimentos de cada individuo, as idéas e sentimentos da maioria, determina a justaposição dos seres para a vida em sociedade. Não satisfasem, entretanto, as theorias de TARDE e DURKHEIM, e de alguns outros escriptores, que trataram do assumpto, embora que o encarando sob fórmas differentes.

A consciencia de cada um de que os seres com çs quaes convivem são seus semelhantes, ou, a *consciencia da especie*, determinando a justaposição e a aggre-

gação dos individuos, como quer H. GIDDINGS, não pôde explicar, plenamente, o phenomeno social. «Entendo por *consciencia da especie*, diz esse escriptor, um estado de consciencia no qual cada ser, qualquer que seja o gráo em que se ache na escala vital, reconhece todo o outro ser consciente como da mesma especie que elle».

Quanto ha de falho nessa feição theorica da lei de coexistencia humana, não precisamos declinar. Mas, tão pouco não pôde prevalecer a opinão de EUGÈNE VÈRON, que pensa que a justaposição ou aggregação, determinando essa attracção dos individuos para seos semelhantes, chamada sociabilidade, explica o phenomeno da aggregação humana, firmando-se em que as necessidades motivam as acções humanas, e os factos da vida social originam as idéas e sentimentos correspondentes aos factos. Si nem todos participam, logo, do modo de ver d'esse ultimo escriptor, muito menos se limitarão ao pensamento de Rossi, que diz o homem ter nascido para a sociedade como os peixes para o mar, e as aves para o céo. Em opposição ás idéas de EUGÈNE VÈRON, estão as d'aquelles que admittem a aggregação e a sociedade como resultado de anteriores instinctos de sociabilidade, o que, de certa fôrma, deve merecer a attenção dos sciëntistas.

Por sua vez, BORDIER pensou que a aggregação humana não é mais do que um caso das justaposições cósmicas, e para elle a aggregação produz a sociabilidade, esta, por sua vez, tornando possivel a sociedade. Como quer que se julgue, porém, a origem da aggregação, o que nesta se nota é a convergencia de esforços para um fim commum, isto é, para o bem estar do individuo e da sociedade.

Muito se approximou COMBOTHECRA do verdadeiro

fundamento, ou da causação social, estabelecendo que, para haver sociedade, são necessários, os seguintes elementos: *a)* mais de um individuo; *b)* cooperação; *c)* fim commum; *d)* logar; *e)* duração; *f)* capital. Todavia, segundo SPENCER, os moveis, que determinam a coexistencia, são: 1.º desejo de sahir do isolamento; 2.º necessidade de acção combinada para defesa externa; 3.º maior facilidade de sustentação pela assistencia mutua, e pela cooperação, em vista de uma melhor satisfação, a conseguir, para as necessidades physicas, e, ao depois, para as necessidades intellectuaes e moraes. Noutro logar, entretanto, esse mesmo sociologo diz que os homens se reúnem em sociedade, levados por tres ordens de motivos: *a)* pelo espirito de associação, com o fim de evitar o isolamento; *b)* para defesa externa contra as aggressões do exterior e para defesa interna, contra a invasão de enfermidades poderosas, etc.; *c)* para assistencia publica e soccorro mutuo. O que não deixa duvida, é que o estado de aggregação é uma condição necessaria para a vida cósmica, conforme pensa F. PUGLIA, que assim continúa: «Esta, porém, muda de fórma, segundo a variedade dos elementos naturaes que se aggregam. Si se considera o estado de aggregação dos elementos que constituem os corpos chamados inorganicos, e, o dos elementos que constituem os corpos organicos, vê-se, immediatamente, a differença supradita. —A natureza social do homem não póde ser posta em duvida. Escrevia, a proposito, ROMAGNOSI que levantar a questão si o homem nasceo para a sociedade, é o mesmo que disputar si as arvores que são vistas na occupação da face do globo foram feitas para crescer com a raiz na terra; ou si o homem foi feito para dormir, para comer e procrear». Vem com muita oportunidade

assegurar-se que os escriptos de HOUZEAU, DARWIN e BUCHNER, estão cheios de factos innegaveis, que ensinam o que é, em muitas especies, a sociabilidade entre os animaes. Que essa faculdade seja conhecida do homem e de todos os seres vivos, não padece duvida. « Ao lado da concorrência vital, existe, como muito bem demonstrou DE LANNESAN, uma associação mais ou menos geral pela existencia; mesmo em seos primordios, o homem conhece o valor d'esta solidarisação rudimentar (ABEL HOVELAQUE). E, este auctor entende que, quanto seja geral a sociabilidade, os povos a apresentam em grãos diversos ».

Do que vamos conhecendo, resulta uma affirmativa geral, que é a da lei de coexistencia humana, ou a da lei de socialisação. No emtanto, parecendo, á primeira vista, difficil a sua determinação, ella, de facto, não o é. Foi HERBERT SPENCER quem claramente determinou a causação social: « Uma sociedade, no sentido sociologico da palavra, não se fórma senão quando á justaposição dos individuos se ajunta a cooperação. A cooperação tornou-se possivel pela sociedade e torna esta possivel ». Assim, pois, é a lei da cooperação a grande lei da coexistencia humana.

Mas, quem diz cooperação diz organisação, conforme SPENCER, porquanto a cooperação se dá, ou antes a sua lei se formúla, como a relação constante entre os actos diversos de individuos, com capacidades especiaes, e o fim geral a attingir, que é a vida, o bem estar do todo. « Adoptada que seja essa base, diz LASTARRIA, de referencia á organisação social, a primeira cousa que se nos apresenta, no organismo tão complicado da sociedade, é um phenomeno natural, que consiste na convergencia regular e continua de uma immensidade

de individuos para um mesmo desenvolvimento geral, sem accordo prévio, geralmente sem o saberem, julgando cada qual obedecer aos seus impulsos pessoais, e, possuindo existencia distincta e independente, talentos e caracteres differentes, e, mais ou menos discordantes». E, para complemento das idéas puras de LASTARRIA, devemos fazer a transcripção do pensamento de ALBERTO SALLES, no seu livro—*Sciencia politica*—: «E como quem diz cooperação diz implicitamente organização, é evidente, por sua vez, que áquellas duas ordens de cooperação correspondem egualmente duas ordens de organização: a organização social, que surge do concurso espontaneo, e que se baseia sobre o principio da liberdade moral, e a organização politica, que brota do concurso systematico, e tem por base o principio da coerção».

Ora, podendo ser a cooperação differentemente manifestada, devemos classificar-a, *apud* SPENCER, em inconsciente e espontanea, ou consciente e coercitiva, acontecendo que as organizações sociaes, que resultam d'ella, ou são natural e civil, segundo alguns, ou coercitiva e politica, o estado, segundo outros. E' de ver que a organização coercitiva succede á organização natural e espontanea, e manifesta-se por um conjuncto de órgãos, o governo, cuja missão é manter a cohesão dos individuos pela coacção e repressão. Os instinctos naturais de um lado, e do outro a coacção, vão, pouco a pouco, adaptando os individuos á vida social; mas d'essa adaptação resulta que aquillo que era, a principio, effeito da coacção, torna-se, no decorrer dos tempos, tendencia espontanea da organização psychica do individuo, e, a cooperação, a grande lei da coexistencia humana será um dia (quem sabe?) conforme as

aspirações da philosophia spencereana, consciente e livre.

Si a coacção engendrou uma organização social, mais ou menos fortemente militarizada, segundo o pensamento do philosopho britannico, dada que seja a adaptação completa dos individuos por igual consciente e livre, a organização social terá feição inteiramente industrial. Como quer que seja, originando-se a possibilidade da coexistencia humana da cooperação, variando os modos de ser d'essa coexistencia, com as mudanças de fôrma d'essa collaboraçã, é licito dizer-se que a lei da coexistencia humana é a propria lei da cooperação.

Mas, que é a cooperação? Como caracterisal-a? Ninguem melhor responderá a essas perguntas do que o proprio H. SPENCER. «Empregando a palavra cooperação—diz elle no seo livro—*Da liberdade á escravidão*—traduzido pelo dr. JULIO DE MATTOS—no seo sentido mais amplo, e não na accepção restricta, que, habitualmente, se lhe dá, podemos affirmar que a vida social se realisa, quer pela cooperação voluntaria, quer pela forçada, ou, para empregar os termos de HENRY MAINE, sob um systema de *contracto* ou de *estado*». Resumindo o que diz o sociologo inglez, nos seos—*Primeiros principios*—H. COLLINS escreveo: «A cooperação presuppõe homens associados e os homens permanecem associados por causa das vantagens que lhes grangeia a cooperação. Mas, não poderia haver acções combinadas sem arranjos, pelos quaes as acções são ajustadas no momento, a quantidade e o caracter que-ridos; e as acções não podem ser de generos differentes, sem que os cooperadores emprehendam deveres differentes. Isto quer dizer que os cooperadores se devem organisar, *por vontade, ou á força*».

Assim, fica bem definida a cooperação.

Hoje em dia, essa cooperação tem uma feição mais ampla, isto é, mais collectivista do que individualista. E, isso levou GUSTAVE LE BON a estabelecer uma psychologia das multidões, que tem o seu fundamento, bem se pôde dizer, em que «no aggregado que constitue uma multidão, não ha, de nenhuma fórma, somma e summula dos elementos», mas sim «combinação e criação de novos caracteres, da mesma fórma, que, em chimica, certos elementos postos em presença de outros, as bases e os acidos, por exemplo, se combinam para formar um corpo novo, possuidor de propriedades inteiramente differentes das dos corpos que entraram em sua constituição». Isto nos leva á conclusão de que a multidão tem uma psychologia differente das diversas psychologias individuaes que a compõem, da mesma fórma que o aspecto de um astro é differente do aspecto que, numa via lactea, apresentam innumerous astros differentes. A vontade das multidões, na cooperação, é differente da vontade de cada homem. Por isso, GUSTAVE LE BON assegurou: «A multidão psychologica é um ser provisório, formado de elementos heterogeneos, que, para um dado momento, se soldaram, absolutamente, como as cellulas que constituem um ser vivo formam, com a sua reunião, um corpo novo, manifestando caracteres muito differentes d'aquelles que cada uma das cellulas possúe». D'ahi vem a sua classificação das multidões em: A—Multidões heterogeneas: 1.º anonymas (multidões das ruas, por exemplo); 2.º não anonymas (jurys, assembléas parlamentares, etc.); B—Multidões homogeneas: 1.º seitas (políticas, religiosas, etc.); 2.º castas (militares, sacerdotaes, operarias, etc.); 3.º classes (burguesas, populares, etc.)

Mas, para o estudo de todas essas generalisações, que acabamos de enumerar, para o estudo philosophico das generalidades soclaes, ha uma sciencia—a sociologia, por sua vez, philosophia de outras sciencias—as sociaes, não querendo dizer isto que não haja uma philosophia especial para cada uma d'ellas, uma philosophia particular do direito, da politica e da economica.

Mas, entre os astros, qual será a lei da coexistencia?

Ainda a cooperação para a harmonia sideral. De fôrma que a cooperação dos homens é uma repetição da cooperação dos astros, das cellulas, emfim, de todo o organismo social, num parallelismo evidente e manifesto. Applicando o principio d'essa repetição, FAUSTO CARDOSO formulou a lei de recapitulação da historia, que condemnamos, na parte anti-biologica de contestação do progresso organico applicado aos organismos sociaes, apezar da apreciavel defeza, em artigos de jornal, de METHODIO COELHO. E, sobre esses principios, VANNI estabeleceo a conducta humana, de que adeante trataremos; LE BON fundou a sua theoria da psychologia das multidões; e SCIPIO SIGHELE ergueo a sua acreditada psychologia das seitas.

A sociologia explicará todos esses itens da philosophia social, quando lhe chegar uma evolução mais completa. Mas, o seo estudo virá, cabivel e precisamente, depois que tivermos comprehendido, bastante-mmente, o phenomeno da evolução social como uma das quatro modalidades da evolução geral do mundos. Eis, porque, no capitulo que se segue, apreciaremos, de preferencia, o evolucionismo das sociedades, para encerrarmos, então, esta segunda parte do nosso livro,

com a discussão da sociologia, cujas contestações, como sciencia, nos não merecem attenção, pois a sua epoca, ha bastante tempo, se eliminou do regimen dos factos scientificos.

Passemos, sem tardança, á apreciação do evolucionismo social.

SOCIAL

SUMMARIO: *Transformismo social.—A lucta pela vida nas sociedades humanas.—Classificação das causas que perturbam a selecção nas sociedades.—ANGELO VACCARO.—A evolução social.—Das associações zogenicas ás demogenicas, ou a evolução philogenetica das sociedades.—Leis e causas do "processus" social.—GUMFLOWICZ.*

A sciencia hodierna, apezar da applicação restricta que alguns auctores designaram para o termo—transformismo—explica o transformismo social, da mesma fórma que explica o transformismo organico, o que não poderia deixar de ser, porque ha um manifesto parallelismo estreito entre os caracteres da evolução, em suas quatro modalidades, que vamos concluindo de estudar.

As leis d'esse transformismo social, da evolução das sociedades, em nada, podemos assegurar, variam das que regem o evolucionismo do homem, no mundo physico; e, não raro, para descobrirem-se aquellas leis é de necessidade recorrer-se ás leis geraes da evolução cósmica, e, especialmente, da evolução animal.

Ora, esses estudos constituem assumpto de uma sciencia, a sociologia, a propria sociologia, e não sociologia comparada, como publicistas, allás, de renome querem. E, estamos inteiramente de accordo com DURKHEIM, quando, no seo livro—*Les règles de la méthode*

sociologique—affirma que «a sociología comparada não é um ramo particular da sociologia, mas sim a propria sociología, quando deixa de ser puramente descriptiva e aspira explicar os factos».

A sociedade é um organismo, e para tal ser não precisa de identidade de fórmulas e funções com os organismos animaes e hominaes; e, si LILIENTFELD ainda acha que «a condição *sine qua non* para que a sociologia possa ser elevada á categoria de sciencia positiva, é que, no organismo social, o todo viva para as partes», não importa semelhante criterio, porque não será a ausencia de forma identica aos organismos animaes que decidirá si a sociedade vive para os seus elementos constituintes, ou não. Ha uma organização na sociedade dos homens. Pois bem, desde os proto-organismos até aos homens, revelam-se organizações mais ou menos rudimentares até ás mais complexas, e, entretanto, que identidade haverá entre os organismos iniciaes das monéras e os dos homens, os dos bathybius e os dos simios? Não haverá termo de comparação entre uns e outros; mas o que, em qualquer d'elles, consultando-se os gigantes annaes da escala evolucionista, surge cinzelado perfeitamente, é a organização, differencial, na razão directa do crescimento das necessidades respectivas. Na sociedade, abstraindo-nos das questões, de fórmula e conteúdo, o que nos impressiona é a disposição dos seres, como unidades cellulares, todos trabalhando, ou *cooperando*, para um mesmo fim, mas adaptados a funções diversas.

SPENCER disse: «O desenvolvimento individual produz, necessariamente, sob nossos olhos, numa successão mais rapida e mais familiar, as principaes phases do desenvolvimento social». A reciproca tambem é

verdadeira, e, da mesma fôrma que o individuo colhe proventos da sociedade, esta os colherá do individuo: esse parallelismo é consequente, no superorganico, do que se opera no cósmico, onde as evoluções astraes dependem, immediatamente, da evolução cósmica, ampliando-se, ou restringindo-se, parallelamente.

Mas, o organismo social tem as phases caracteristicas da existencia animal: a sociedade forma-se, cresce, desenvolve-se, sente e morre, atravessando um periodo de decadencia e de arrefecimento na sua missão entre as suas semelhantes. E, para isso, ella, naturalmente, bate-se com os elementos intimos e com os elementos externos, o que vem a ser a *struggle for life*, nas sociedades humanas, applicadamente.

E' essa batalha, incrementada pelo aperfeiçoamento cada vez maior dos combatentes, que se passa, em qualquer dos mundos, o *processus* social, a lei e a causa fundamental da evolução dos organismos sociaes. A lucta será perenne, será eterna, e d'ella ha de vir sempre o progresso, d'ella ha de vir sempre a adaptação, que, por sua vez, exigirá novas luctas e mais enristadas, porque todo o ser é um trecho transitorio da evolução universal, que tem de ser ultrapassado, ou, por outras palavras, que tem de ser causa de novos seres. E, por isso, o malaventurado FREDERIC NIETZSCHE disse ser muito mais vantajoso, mais agradavel e mais intelligente, para um homem, fundar uma sociedade de «*uebermenschen*», especialmente, ser um d'elles, do que pertencer á multidão que lhe deve servir de ponto de apoio para a sua passagem ao super-homem!

A insaciedade, relativamente ao que se pensa melhor, é o caracteristico dos seres vivos. Um dos

maiores tormentos da humanidade é a lucta armada, a guerra. Ha, em todo o genero humano, o esforço para abolil-a. Entretanto, ella é uma das modalidades da lucta pela vida nas sociedades, que produz a selecção, fonte e origem de todo o progresso. «Mas, dado que a guerra cesse, escreveu, solemnemente, ANGELO VACCARO, no seo delicioso livro — *A lucta pela vida*—, mas, dado que a guerra cesse, a lucta pela vida não cessará; transformar-se-á em *concorrenzia humana*. Actualmente, a grande maioria lucta pela conquista do pão; mas, um dia virá em que os homens luctarão para conseguir o maior numero possivel de gósos, para attingir os mais altos fins da natureza humana, que, incessantemente, os impelle para uma ordem de cousas, melhor e mais elevada. Fórma alguma communista e egalitaria, será capaz de annullar esta nobre tendencia, e, quem procurasse fazel-o, commetteria um crime de lesa-progresso. E' inutil, pois, illudirmo-nos: a lucta pela vida durará, pelo menos no seo character mais elevado, emquanto o mundo fôr mundo». Ah! com esta lucta pela vida, pela selecção, que é o seo grandioso effeito, os seres evolüem, e dá-se, ordinariamente, a sobrevivencia dos melhores; mas, será isto infallivel?

Não. ANGELO VACCARO, admiravelmente, apurou os impecilios que se oppõem ao seleccionismo rigoroso ou á sobrevivencia dos melhores. Elle classificou-os, como causas que perturbam e limitam a selecção na sociedade humana, ainda mais, em duas ordens:

I *Causas originarias*, entre as quaes estão — «a fôrma especial como entre os homens se effectua a transmissão hereditaria das cousas uteis á vida; a formação de castas ou classes privilegiadas; o costume

de tirar aos vencidos os meios de desenvolvimento, de ataque e defesa; os resultados incertos da guerra e a selecção artificial, sempre empregada pelos vencedores com prejuizo dos vencidos, quer no caso de conquista, quer no caso de contendas politicas internas » ;

II *Causas derivativas*, comprehendendo « a anthropophagia e os sacrificios humanos, o aborto, o infanticidio, a exposiçao das creanças, a oppressao da mulher, a escravidao e o privilegio politico e economico », cada uma d'ellas tendo uma *raiz* commum nas causas originarias, « que perturbam, limitam e pervertem a selecção na sociedade humana ».

D'isto tudo resulta que não serão os mais fortes, os melhores, physicamente falando, os que triumpharão nos rigorosos, e, portanto, injustos, combates da renhida peleja pela vida; serão os mais aptos, *the fittest*, como chamou HUXLEY. Essa aptidao, porém, *à priori*, não corresponde, *à posteriori*, á verdade que a sciencia assoalha: « De tudo o que fica exposto, conclue ANGELO VACCARO, resulta que, nos actuaes paizes civilisados *não são os melhores, physica, intellectual e moralmente* os que, de preferencia, vivem e prosperam; e muito se enganam aquelles que, sem terem perfeito conhecimento do modo como as leis de DARWIN funcionam na sociedade humana, admittem o contrario *à priori* ». E, tal selecção, como deveria ser, não varia, cabalmente, quando tem a feição externa, ou quando a lucta pela vida se effectua entre povos de nacionalidade differente.

Aqui está, no seo aspecto subjectivo, como se passa a evoluçao social. Mas, como principio geral, de que fórma ella se enunciará? SPENCER admittê o absurdo, e como elle LEOVIGILDO FILGUEIRAS, de que « toda a

sociedade, quer ella seja rudimentar, quer seja desenvolvida, apresenta phenomenos que se pôdem relacionar com os caracteres das unidades que a compõem, e com as condições sob as quaes ellas existem». Ora, conforme publicou GUSTAVE LE BON, «contrariamente a uma opinião, que nos espanta achar-se sob a penna de um philosopho tão penetrante quanto é HERBERT SPENCER, no aggregado que constitúe uma multidão, não ha, de nenhuma fórma, somma e média dos elementos, ha combinação e criação de novos caracteres, da mesma fórma que, em chimica, certos elementos postos em presença, as bases e os acidos, por exemplo, se combinam para formar um corpo novo possuindo propriedades inteiramente differentes das dos corpos que tenham servido para constituil-os». De uma primeira vista, essa opinião de LE BON parece contrariar o principio do monismo biológico de que o semelhante gera o semelhante. Mas, attentemos no phenomeno evolucionista e veremos que tão absurda é a theoria spencereana quanto a do psychologo francez, que derrota, em toda a linha, o caracter etiologico do evolucionismo social.

SPENCER diz que «se pôde facilmente distinguir a evolução superorganica (ou social) da organica, notando-se que aquella encerra todos os processos e os productos, que implicam as acções coordenadas de muitos individuos». Pergunta-se: qual a modalidade evolucionista, em que não cooperam, no phenomeno evolucional, todos os processos e os productos que representam as acções coordenadas de muitos elementos constituintes do mesmo phenomeno? A evolução social não é consequente do progresso humano. As leis e causas do «processus» social, são as mesmas do

«*processus*» organico. Até mesmo com o pessimismo socialistico de GUMPIOWICZ, si o quizermos bem comprehender, o caso é o mesmo. Para o desenvolvimento evolucionista das sociedades humanas, as idéas e os sentimentos dos homens não têm o prestigio e o valor que lhes querem dar os spenceristas, da mesma fórma que se não póde admitir a evolução historica das sociedades animaes, como causa omnípoderosa do evolucionismo animal, isto é, a evolução social causando a evolução organica, conforme constituiu um dos pensamentos capitaes da sociologia de GIDDINGS, para quem as associações se classificam, segundo a sua evolução historica, em:

a) *zoogenica*, ou associação de causa da evolução animal, pela qual o homem se formou ;

b) *anthropogenica*, ou associação de causa do espirito humano, com o qual um *povo ethnico* nasceu ;

c) *demogenica*, ou associação de causa do espirito de raça, com o qual formaram-se as sociedades ethnicas, em que a constituição social é subordinada á composição respectiva » ; e

e) *demogenica*, ou associação de causa do espirito democrata, pela qual se crearam as associações civilisadas ou as civilisações, na propria phrase de GIDDINGS.

Isto delineado, entremos no estudo da sciencia que palmeja e pesquisa todos os phenomenos sociaes—a sociologia—assumpto do derradeiro capitulo das — *Generalidades*—que, sendo indispensaveis ao estudo da philosophia do direito, por isto mesmo se tornaram uma das suas partes integrantes.

SOCIOLOGIA

SUMMARIO: *A sociologia. — Sua historia. — Seo character de sciencia geral ou de philosophia das sciencias sociaes. — A politica, ou sciencia dos governos. — A economica, ou sciencia das riquezas. — O direito, ou sciencia das formulas do meccanicismo social. — Incongruencias palpaveis. — Relações da sociologia com as demais sciencias.*

VAE para setenta annos, que a sociologia, na opinião de FILIPPO VIRGILII—*um barbarismo feliz*—se apresentou nõ mundo das idéas, embora que, só um pouco mais tarde, se tenha feito sciencia, apezar dos combates de muitos, entre os quaes figura TOBIAS BARRETTO. Nenhum departamento dos conhecimentos humanos, porém, em tão curto praso de existencia, trouxe maiores revoluções e revelações. Nem mesmo as sciencias naturaes lograram a rapidez do aperfeiçoamento da sociologia. Muitos annos foram decorridos sem que a physica ou a chimica obtivessem a certeza das phenomenisações mathematicas. Entretanto, o homem nunca despresou o seo instincto de pesquisar e estudar para ter o conhecimento exacto do mundo physico que o cercava. As sciencias cósmicas progrediram mais lentamente que a sociologia, cujo desenvolvimento, apenas ella se revelou, foi agigantado. Em pouco tempo, como synthese das sciencias sociaes, coube-lhe, na phrase de FILIPPO VIRGILII, o mais admiravel dos empren-

dimentos da cultura humana, ligando em uma cadeia ininterrompida todos os phenomenos da vida cósmica, mostrando como o mundo é governado por uma lei unica, quer no physico, quer no organico, quer no psychico, quer finalmente, no social, descobrindo as relações e as analogias entre os organismos animal e social. E, como assevera um notavel publicista, a sociologia tornou-se o traço de união entre as sciencias sociaes e naturaes.

Apezar, porém, de seu valor real e dos beneficios que ella prodigalisa á sciencia actual, a sociologia é, por vezes, contestada, tendo-se-lhe dado já um periodo de banca-rotta ou de fallencia parcial. E, si acontece assim, por um lado, por outro, tambem, nem todos a encaram egualmente. Uns fazem-n'a uma sciencia dos phenomenos oriundos dos contactos, aproximações, ligações, relacionamentos e das influencias reciprocas entre os diversos grupos ethnicos. Outros dão-lhe o character de philosophia da historia, e como tal seguindo um methodo positivo para encarar «a humanidade como um todo, desenvolvendo-se na unidade real de sua historia». Terceiros, como GIDDINGS, distribuem-lhe duas ou tres questões principaes para ella estudar: 1.ª tentar descobrir as condições que determinam a simples aggregação; 2.ª a lei da selecção social, isto é, a lei do *processus* subjectivo; 3.ª a lei que preside á selecção natural e á sobrevivencia das selecções, ou a lei do *processus* objectivo. Continuando, porém, a diversidade de opiniões, outros sociologos, muitos, limitam o objecto, mas ampliam o estudo da sciencia, ao ponto de levarem-n'o á explicação da evolução superorganica, fazendo uma historia natural da sociedade, na apreciação de todos os organismos e

organizações sociaes, desde os mais rudimentares até aos mais elevados. Alguns outros encontram na sociologia, a sciencia que se occupa das producções do homem, em contraposição dos que vêm nella a sciencia dos grupos e dos agrupamentos, e dos que a fazem uma sciencia méramente descriptiva, com os caracteristicos amesquinados de anatomia, physiologia ou psychologia social (J. VANNI).

Computando essas multiplas theorias, FILIPPO VIRGILII apura que a classificação da sciencia é diversa, sendo, para uns, concreta, para outros, abstracta, e para terceiros, abstracto-concreta. Sentimos, afim de bem classificá-la, a necessidade de estabelecer o seu *fieri*. Devemos desprezar, como ensaios sem valor e sem integralisação, a classificação dos factos sociaes que se acha na *Republica* e nas *Leis* de PLATÃO, bem como na *Politica* de ARISTOTELES. A palavra sociologia foi, por primeiro, empregada por AUGUSTE COMTE, que affirmou ser a sociedade una, indivisivel e organica, procurando fundar a sciencia dos phenomenos sociaes, uma sciencia positiva, tal como a physica social, com a capacidade necessaria para descobrir a natureza, as causas naturaes da sociedade e as respectivas leis. A philosophia evolucionista, abraçando os phenomenos sociaes da vida humana, trouxe, com os trabalhos de SPENCER, DARWIN e HÆCKEL, a possibilidade de uma explicação evolucionista das relações sociaes. E, então, ficou exhuberantemente provado, que o sociologo deve ser, não sómente historiador, economista e estatisticista, mas tambem biologista e psychologo. A desenvolução social, quando começou a ser encarada como uma evolução superorganica, trouxe a affirmação do superorganismo, baseando-se em que

o caracter do todo é uma synthese do caracter das uni-
dades que o compõem. Clarissimo é que a concepção
da sociedade como um organismo foi mais ampla em
SPENCER do que em COMTE. Por isso, escreveo GI-
DDINGS: «Segundo SPENCER, a sociedade é um orga-
nismo, não sómente por uma fantastica analogia, como
no *Leviathan* de HOBBS, mas sim na realidade, não
só moral como physiologicamente, porque em sua con-
stituição ha uma divisão de trabalho, que passa além do
individuo, e comprehende os grupos e as organizações;
um systema de alimentação realizado pelos grupos in-
dustriaes; um systema de distribuição, como o de que
necessitam as actividades commerciaes; um systema
regulador, que põe em jogo os factores politicos e reli-
giosos». Então, de uma maneira mais precisa e mais
synthetica, SPENCER apurou que «a sciencia social
existe porque existe um organismo social». Manifesta-
mente, a theoria spencereana, em geral, é uma philo-
sophia physica dos superorganismos. Ella cuida, muito
intimamente, das relações e analogias entre os organis-
mos animaes e sociaes, o que achou na Allemanha um
grande continuador, que foi SCHÄFFLE. Infelizmente, os
exaggeros perderam a seriedade da theoria, emquanto
HERBERT SPENCER se conheceo no dever urgente de
mostrar, com a maior clareza, o parallelismo de sua
invenção.

Mas, si bem que firmada em acontecimentos de
grande valor scientifico, a theoria da concepção orga-
nica das sociedades tem varias feições e variadas for-
mulas, reduzindo-as MIGUEL VACCARO, como já vimos
em outro logar, aos quatro grupos principaes: a) dar-
winismo; b) spencerismo; c) comtismo; d) analogismo
organico. Sem duvida alguma, a theoria organica,

como opinião evolucionista, baseia-se na theoria de evolução de SPENCER, que succedeo, com formalismo escolastico, ás doutrinas de VICO, ou á *theoria do futuro* de HEGEL, immediatamente depois do evolucionismo philosophico de COMTE.

Entretanto, si não prevalecer a theoria organica da sociedade, da qual, entre outros muitos, e além dos já enumerados, foram ardorosos adeptos RENÈ WORMS, JULIEN PIOGER, PAUL DE LILIENTH, GUILLAUME DE GREEF, NOWICOW, etc., a concepção da sciencia sociologica, como se a tem actualmente, terá de desaparecer. E' bem verdade, que, ao lado do organicismo, ha extravagancias, que, deturpando-lhe o verdadeiro character, lhe enfraquecem o prestigio de indicação scientifica. E' o caso de lembrar-se que está nesse genero, a exploração feita por KARL MARX, estabelecendo o factor economico como causa unica, pelo que a sociologia se tornaria uma sciencia socialista, e não social, revolucionaria, e não progressista, fantastica, e não verdadeira.

Nada d'isto, porém, tirou da sociologia o character de uma philosophia physica da sociedade, como ella o tem, segundo SPENCER, e os seus innumerados adeptos e continuadores. Trabalha-se, mas trabalha-se com muito afinco, a fim de estabelecer-se o verdadeiro systema da sciencia, estudando-se as relações entre os mundos physico e organico, que antecedem, em suas manifestações, o mundo moral, ou superorganico. E o estudo d'essas relações constitue o objecto da sociologia, que é a synthese suprema das sciencias sociaes. D'ahi vem que o sociologo tem ao seu serviço as sciencias sociaes, e que a sociologia, por isso mesmo, e por outros factos acima narrados, é uma sciencia con-

creta, das do quadro de classificação spencereana. O objecto de seo estudo, é o accumulo dos phenomenos sociaes, como elles se apresentam, desenvolvem e desaparecem. De onde, o direito sendo um phenomeno social, encarado como a relação de estabilidade, motivada pela mecanica social, no conjuncto evolutivo e existencial dos factos sociaes, ser um departamento da sociologia, como tambem o são a sciencia economica e a sciencia politica. Clarissimo é que a vida do direito, como pensou CARLE, é um aspecto da vida social. E, neste ponto nos collocamos apartados de F. VIRGILII, que considera inimigas as duas sciencias: «a sociologia, com a audacia de sua mocidade, atacando o gigante e fazendo-o curvar-se».

Não será, porventura, o direito um facto social? Si assim não fosse, toda a vasta e luminosa theoria evolucionista estaria derrocada, e então o direito poderia olhar com desconflanças a sociologia, vendo nella uma absorvente. O que se não poderá jamais contestar, é que a sociologia tivesse vindo reformar o direito, tirando-lhe o character metaphysico, organisando-lhe a existencia, não como a de uma sciencia de formulas, mas sim como a de uma sciencia de factos, não como uma sciencia abstracta, como a moral christian que se baseia no preceito evangelico do — não faças a outrem o que tu não quizeres que te façam — mas sim como uma sciencia de deducção concreta e inducção experimental.

Sendo um facto cósmico, o direito está posto em evidencia como a relação absoluta entre o phenomeno que elle é e todos os phenomenos do mundo physico. Esse direito assim encarado origina uma sciencia — a juridica — a que estuda os factos determinantes do equilibrio e da mecanica social — deixando que a rela-

ção entre elles e o mundo cósmico seja estudada por uma disciplina mais elevada e intermediaria — a philosophia do direito — estando dos seus lados o direito e a sociologia. Para não perdermos palavras em effabulações outras de minimo valor philosophico, façamos nossas, embora que para um fim diverso, as palavras de J. VANNI: «Si a sciencia juridica, tomada no que ella tem de mais geral, revela uma relação indissolúvel entre ella e o *processus* de adaptação dos individuos e das sociedades, si o direito, em toda a sua historia, exerce uma alta missão tutelar, graças á qual se acha preservada, accrescida e aperfeiçoada a actividade da vida; si, pelo concurso indispensavel de uma força organisadora e reguladora, que é a força do direito, a vida em commum pode passar dos grãos mais baixos aos mais elevados da civilisação, tudo isto quer dizer que a evolução juridica, considerada em seu aspecto especifico, tem sempre uma feição e um valor cósmicos, que ella faz parte integrante da evolução universal, chegada a uma fórma consciente d'ella mesma. E, chegamos ao ponto em que a synthese da philosophia do direito se liga á doutrina geral do mundo». Então, si a sociologia mostra, com o valor de uma sciencia, que os mundos physico, organico e social, são governados por uma lei, uma e unica, ella não póde abrir lucta com a sciencia que lhe fica subalterna, apreciando uma categoria de phenomenos, em suas generalidades, estudados por ella propria. Sendo um raio de luz poderosa na selva espessa do direito natural, a sociologia illuminou o campo da sciencia juridica, adaptando-a, á sua feição e ao seu molde, como uma disciplina que sempre lhe esteve filiada.

Outro tanto occorre com as sciencias do governo —

a politica — e da producção, circulação e consumo das riquezas — a economica — as sciencias sociaes, por excellencia, porque fundamentam a causação social, e porque são as causas reguladoras do progresso social. Entre ellas — a jurídica, a politica e a economica — ha as relações, como se disse alhures, dos ramos de um mesmo tronco, que é a sociologia, ou, definindo-a, a sciencia que tem por objecto as leis geraes das relações entre os phenomenos sociaes e a socialisação universal.

Não se deve querer fazer, pois, identificação da sociologia com a philosophia do direito, visto como, enquanto esta se occupa das generalidades superiores e superficiaes dos phenomenos do direito, a sociologia envereda pelas generalisações differenciaes de todos os phenomenos sociaes, entre os quaes, com a politica e a economica, está o direito. A restricção da sociologia á philosophia do direito, como a quer ROBERTO ARDIGÓ, é um erro e uma falsidade scientifica. E, mais elevada tambem é a missão da sociologia, que se não limita ao estudo das « leis geraes da estructura e das funções do organismo social », como o disse, erradamente, o compendio de LEOVIGILDO FILGUEIRAS, certamente, copiando ANGELO VACCARO.

Si, d'esta fôrma, o phenomeno social é um dos mais elevados na categoria da escala phenomenica, e, si cada phenomeno infere relações com os seus precedentes; si cada ordem de phenomenos importa numa modalidade scientifica, as relações etiologicas dos factos universaes transportam-se para o dominio do subjectivismo scientifico, e a sociologia relaciona-se com todas as sciencias do quadro dos conhecimentos humanos.

Vamos, porém, encerrar, aqui, o cyclo de nossas idéas, que consideramos—generalidades — no desenvolvimento da philosophia do direito: ellas foram ditas com a maxima clareza e com a maxima precisão. E, note-se bem, que chegamos já a um ponto alto de nosso tentamen, em que não mais se poderá achar exaggerado o nosso prógnostico sobre o compendio de LEOVIGILDO FILGUEIRAS. E, quem nos ler com certa attenção nos dispensará de provar, por outra fórma, que os—*Estudos de Filosofia do Direito*—não correspondem ás exigencias do ensino juridico. Que as amblyopias intellectuaes de outros acompanhem o que está feito e o que combatemos!....

Fica-nos, no emtanto, a regra hœckeleana, que vale o plano philosophico do venturoso e eminente mecanicista cathedratico de Iena, a qual se diz, desde muito, e repetir-se-á, de futuro, mais gloriosamente:

IMPAVIDI PROGREDIAMUR!

FIM DO TOMO PRIMEIRO

INDICE E SUMMARIOS

DO

TOMO I

LINHAS PREMONITORIAS.

PALAVRAS DO PRINCIPIO.—Pags. I a IX.

PRIMEIRA PARTE—PROPEDEUTICA.—Pag. 1.

MONISMO UNIVERSAL. — *Summario*:—Formação dos mundos.—Mundo sideral.—Nebulosas.—Theorias de KANT, HERSCHELL e LAPLACE.—Experiencia de PLATEAU.—Sociedade dos astros.—Systemas planetarios.—A terra.—O resfriamento.—O globo terrestre evoluindo.—O apparecimento da vida.—Geração espontanea.—Que é a vida?—Protoblastas.—Quadros evolutivos.—Evoluções parallelas.—Pags. 3 a 16.

MONISMO NATURALISTICO.—*Summario*:—O monismo naturalistico, ou o mecanicismo.—Historia da criação natural.—ERNEST HÆCKEL.—O darwnismo.—Monismo e dualismo.—Através dos tempos.—Concepção monistica da natureza por GOTTFRIED.—O cósmos, o organico, o psychico e o social.—Transformação do monismo em religião.—A igreja monistica.—SYLVIO ROMÉRO.—Pags. 17 a 28.

PHILOSOPHIA.—*Summario*:—Philosophia.—Generalidades.—O problema fundamental da philosophia.—O *feri* philosophico.—A moral humana.—SCHOPENHAUER, SPENCER, NIETZSCHE, ARDIGÓ.—A philosophia monis-

tica.—ERNEST HÆCKEL.—Monismo philosophico.—Conclusões geraes.—Caracterisação da philosophia.—Pags. 29 a 38.

METHODO PHILOSOPHICO.—*Summario*:—Methodo e systema.—A lei dos tres estados.—A theoria das tres edades.—Evolução philosophica.—O theologico.—O metaphysico.—O positivo.—O monistico.—Coexistencia das idéas e a consciencia.—O monismo philosophico de NOIRÉ.—Systemas philosophicos.—O methodo e a philosophia.—Pags. 39 a 52.

SCIENCIA.—*Summario*:—Sciencia.—O conhecimento.—Os elementos do conhecimento.—Que é phenomeno? —Leis phenomenicas.—Os aspectos da sciencia.—Arte e sciencia.—Religião.—O experimentalismo.—O factio philosophico e o factio scientifico.—Cognoscivel e *noumenon*: suas modalidades scientificas.—Definição de sciencia.—Seo afastamento da philosophia.—Combate aos erros.—As hypotheses e a philosophia.—Contra-dicções condemnadas.—Pags. 53 a 70.

METHODO SCIENTIFICO.—*Summario*:—O methodo scientifico.—Os elementos que o compõem: a comparação e a filiação.—A observação.—As sciencias.—Classificação das sciencias.—COMTE.—SPENCER.—NEIL ARNOTT e outros.—FERRÃO MONIZ.—SYLVIO ROMÉRO.—Os tres mundos e as sciencias respectivas.—Classificação das sciencias pelos phenomenos respectivos.—A sciencia usada como methodo.—Pags. 71 a 82.

RELIGIÃO.—*Summario*:—As epopéas cômogonicas.—Que é religião?—A idéa de Deus.—HEUPGEN.—Pretendida sciencia da religião.—O seo fim e supposta utilidade.—O symbolismo religioso.—Atheismo e deismo.—Theologia comparada.—Damnos e prejuisos produzidos aos homens e ás sociedades pela religião.—O sacerdocio e as egrejas.—A criação da ordem na humanidade.—Pags. 83 a 94.

METHODO RELIGIOSO.—*Summario*:—A verdade e a

lição religiosa.—A teleologia.—O *inconsciente* de HARTMANN.—A religião não evolúe.—Historia da religião.—Classificação das religiões.—Impotencia da religião para explicar a origem da criação.—Antithese da concepção unitaria e da concepção teleologica ou dualistica.—Pags. 95 a 106.

EXPLICAÇÕES DOS MUNDOS.—*Summario*:—Leis fundamentaes do universo.—Systemas de explicação dos mundos.—Historia da criação.—A biblia.—Consortio da biblia com a sciencia.—CUVIER.—AGASSIZ.—O anthropomorphismo.—Theorias evolutivas.—GÖETHE.—OKEN.—KANT.—LAMARCK.—O evolucionismo philosophico.—Constituição da materia.—Nos mundos organico e inorganico ha uma unidade de substancia.—Pags. 107 a 114.

SEGUNDA PARTE.—GENERALIDADES.—Pag. 115.

THEORIA DA EVOLUÇÃO.—*Summario*:—Que é evolução?—Os seus conceitos fundamentaes.—A definição de SPENCER não é mecanicista.—Como torna-a?—Enumeração de suas idéas basicas, conforme SPENCER.—Do homogeneo ao heterogeneo.—O evolucionismo philosophico.—A relatividade do conhecimento.—Evolução progressiva, regressiva e dissolutiva.—Pags. 117 a 126.

CÓSMOS.—*Summario*:—Evolução cósmica.—A causalidade e a evolução.—Suas leis e os seus principios.—Evolução inorganica.—A theoria da evolução e as doutrinas da geologia.—O espaço e o tempo.—A materia, o movimento, a força e o equilibrio.—Theorias atomica e molecular.—A densidade dos corpos e a sua radiação.—Historia da evolução natural da terra segundo LYELL.—A paleontologia.—Os corpos simples e a classificação de MENDELEJEFF.—Pags. 127 a 134.

ORGANICO.—*Summario*:—Evolução organica.—Theoria genealogica.—O embrião.—Theorias sobre a vida.—Os animistas.—Os evolucionistas.—Os micromeristas.—Lucta pela vida, ou concorrencia vital.—Seleção natu-

ral.—As especies.—A analogia e a adaptação.—As objecções contra a theoria genealogica.—Contra-objecções.—As fórmulas se fixam por meio da herança: as suas condições biologicas.—Como se desenvolveram os instinctos e as actividades intellectuales.—O *á priori* e o *à posteriori*.—Pags. 135 a 142.

O HOMEM.—*Summario*:—Um trecho de PUGLIA.—Posição do homem na natureza.—O rei da criação.—Os anthropoides.—Classificação dos antepassados do homem.—O superhomem.—Posição do homem na sociedade.—*Ontogenesis* e *philogenesis*.—Monogenia e polygenia.—Evolução superhominial.—Uma opinião absurda.—Pags. 143 a 152.

PHILOSOPHIA BIOLOGICA.—*Summario*:—As connexões entre a experiencia e a philosophia.—Porque philosophia biologica?—A biologia e a physico-chimica.—O oddismo, ou o espiritismo scientifico.—Laços etiologicos dos phenomenos da vida.—As questões do genio e da hereditariedade de influencia.—LE DANTEC.—J. GRASSET.—A dynamica vital.—Pags. 153 a 158.

PSYCHICO.—*Summario*:—Evolução psychica.—A vontade.—A consciencia no parallelogrammo das forças psychicas.—ROMANES.—Evolução mental dos animaes e do homem.—Epoças do desenvolvimento intellectual do homem.—Correlação do desenvolvimento social.—A linguagem articulada.—Numero das linguas primitivas: o monoglottismo e o polyglottismo.—Seleção intellectual para o «adlermensch» de NIETZSCHE.—Metronomia universal.—Pags. 159 a 166.

SOCIEDADE HUMANA.—*Summario*:—O isolamento.—ROBERTO ARDIGÓ.—NIETZSCHE.—A sociedade.—As leis sociologicas.—O quadro sociogenetico e a biogenia fundamental.—A vida social.—Os phenomenos sociaes.—Origem social.—Fórmulas da sociedade.—Theorias sociogeneticas: contractualismo, organicismo e eclecticismo.—Pags. 167 a 178.

ASPECTOS CIENTIFICOS.—*Summario*:—Ha uma lei de coexistencia humana?—O conceito scientifico da sociedade.—Exposição scientifica e succinta de diversas theorias geneticas dos superorganismos ou sociedades dos homens.—A lei de recapitulação, ou de repetição da historia.—FAUSTO CARDOSO.—VANNI.—Psychologia das multidões.—GUSTAVE LE BON.—Psychologia das seitas. SCIPIO SIGHELE.—Pags. 179 a 188.

SOCIAL.—*Summario*:—Transformiçmo social.—A lucta pela vida nas sociedades humanas.—Classificação das causas que perturbam a selecção nas sociedades.—ANGELO VACCARO.—A evolução social.—Das associações zoogenicas ás demogenicas, ou a evolução philogenetica das sociedades.—Leis e causas do *processus* social.—GUMPLOWICZ.—Pags. 189 a 196.

SOCIOLOGIA.—*Summario*: A sociologia.—Sua historia.—Seo character de sciencia geral ou de philosophia das sciencias sociaes.—A politica, ou sciencia dos governos.—A economica, ou sciencia das riquezas.—O direito, ou sciencia das formulas do mecanicismo social.—Incongruencias palpaveis.—Relações da sociologia com as demais sciencias.—Pags. 197 a 206.

INDICE E SUMMARIOS DO TOMO PRIMEIRO.—Pags. 207 a 212.

.....

A impressão do presente primeiro tomo dos—*Ensaos philosophicos sobre o mecanicismo do direito*—foi terminada a 16 de Junho de 1906.

Este livro deve ser devolvido na última
data carimbada

340.1

D585e

1906

8x.†

CESP

NÃO PODE SAIR
DA BIBLIOTECA

1965 / julho 6
Jan. 81 Feb. 88

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE DO RECIFE

Gong. Recife

— julho — 56

NÃO PODE SAIR
DA BIBLIOTECA

